



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE PATRÍCIA COLLOCA

*O TROTE UNIVERSITÁRIO: O caso do curso
de Química da UFSCar*



SÃO CARLOS



2003
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

VIVIANE PATRICIA COLLOCA

***O TROTE UNIVERSITÁRIO:
O caso do curso de Química da UFSCar***

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de São Carlos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de Fundamentos da Educação, sob a orientação do Professor Doutor Antônio Álvaro Soares Zuin.

SÃO CARLOS

2003

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, José Carlos e Clarice, e ao amor da minha vida, Marcelo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, o Professor Doutor Antônio Álvaro Soares Zuin, pela amizade, paciência, confiança e, principalmente, pelas preciosas indicações e considerações acerca da realização desta dissertação.

Agradeço à minha família pela compreensão e pelo apoio. Aos meus pais, José Carlos e Clarice, peço desculpas pelas ausências nos fins de semana; aos meus irmãos, agradeço a amizade e o carinho.

Agradeço às amigas da EMEB “Profª Dalila Galli” pela paciência, pelo carinho e amizade em todos os momentos difíceis que foram compartilhados. Aos meus alunos, que me fizeram refletir sobre minha prática. Em especial, agradeço à Célia pela compreensão e pelo apoio; à Maria Teresa pela energia positiva e exemplo de vida; à Sônia pelo aprendizado e carinho; à Priscilla e à Glaucia por estarem sempre ao meu lado, por me ouvirem e me apoiarem neste momento da minha vida.

Também agradeço aos amigos do Grupo de Pesquisa da Teoria Crítica, pelo aprendizado, pela amizade e pelo conhecimento que pude desenvolver nestes anos de convivência.

Agradeço aos professores doutores Amarílio Ferreira Júnior, Luiz Hermenegildo Fabiano e João Virgílio Tagliavini pelas valiosas contribuições e sugestões oferecidas.

Não poderia deixar de fazer um agradecimento especial ao Marcelo, meu amigo, meu amor, que tanto contribuiu às minhas

reflexões. Agradeço o incentivo, o apoio, o carinho e a presença na minha vida.

Aprender com as pessoas é mais doloroso que aprender com os livros... Mas a lição fica profundamente gravada.

(Máximo Gorki)

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa.

(Paulo Freire)

RESUMO

A discussão central deste trabalho incide sobre a possível reprodução de um processo psicossocial balizado na humilhação e no sofrimento, presente nas atividades de integração propostas aos novos alunos das universidades – os trotes universitários.

Esta tradição é muito antiga, verificada desde a Idade Média. Sendo um rito de passagem, o trote é aceito como natural em nossa sociedade e esperado por aqueles que desejam entrar na universidade. No entanto, não se observa a existência da violência nessas atividades.

Dentro do atual contexto social dominado pela indústria cultural, em que novos valores sociais são definidos, o trote universitário é mais um elemento espetacular nesta sociedade de espetáculos. Como forma de exibicionismo dentro deste contexto social, o trote camufla uma violência sutil por meio de suas

atividades, respaldado por um discurso dissimulado de que são apenas “brincadeiras” inofensivas.

Legalmente, o trote universitário está proibido no Estado de São Paulo. Na Universidade Federal de São Carlos as atividades tradicionais, como o pedágio, a pintura, o corte de cabelo, os gritos etc., continuam sendo realizadas paralelamente ao trote solidário (arrecadação e distribuição de alimentos e roupas em instituições carentes da cidade). Os estudantes – veteranos e calouros – valorizam muito as atividades tradicionais e as consideram inofensivas e importantes para o relacionamento entre calouros e veteranos, a fim de proporcionar a integração e a amizade. Não há uma consciência do processo sadomasoquista presente nas atividades que são desenvolvidas e, apesar de discursarem sobre a importância do trote solidário, são poucos os alunos que participam dessa atividade.

O trote universitário precisa ser debatido para que fatos trágicos não voltem a ocorrer em nossa sociedade. O debate entre alunos e professores sobre a forma como são realizadas as atividades de integração poderia desencadear uma reflexão, buscando novas alternativas de recepção dos calouros à vida universitária.

ABSTRACT

The main discussion in this study lays upon the likely reproduction of a psychosocial process marked by humiliation and by suffering, which are present at the integration activities proposed to the new college students – the university welcome prank.

This is an ancient tradition, verified since the Middle Age. Being a passage ritual, the prank is accepted as natural in our society and it is long waited for those who wish to come into college life. However, violence has not been observed in those activities.

Within the current social context dominated by cultural industry, and where new values are defined, the prank is just one more specular element in this society of spectacles. As a way of exhibitionism within this social context, the prank masks a

subtil violence form through its activities, being supported by a dissimulated speech this practice is only about harmless “practical jokes”.

Legaly, prank has been forbidden in the São Paulo State. In the Universidade Federal de São Carlos, the traditional jokes, like the “toll”, the paintings, the hair cuts, the shouts etc., continueto take place together with the solidary prank (which is about gathering and distributing food and clothes to charity institutions of the city). The students – sophomores and freshmen – appreciate those traditional jokes, considering harmless and important to the relationship between those two groups of students, in order to provide integration and friendship. There is no conscience of the sado-masquist process present in those jokes developed, and, although there is a speeck about the importance of the solidary prank, there are very few students who really come to participate of such event.

The university welcome prank needs to be more debated so that tragic facts don’t turn to happen all over again in our society. The debate between students and teachers about the way those integration activities are conducted, should unchain a reflection, looking for new alternaties to welcome the new students to college life.

INTRODUÇÃO

**CAPÍTULO 1 - UMA ANÁLISE DA SOCIEDADE
ATUAL: O TROTE COMO REFLEXO DESTE CONTEXTO**

***CAPÍTULO 2 - O TROTE: SUA ORIGEM, SEUS
SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES***

***CAPÍTULO 3 - O TROTE UNIVERSITÁRIO NO
BRASIL***

***CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS
NO CURSO DE QUÍMICA***

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
1. Tema.....	2
1.1. Apresentação.....	2
1.2. Tipo de Pesquisa.....	3
2. Problema.....	4
3. Objetivo.....	5
4. Hipótese.....	5
5. Referencial Teórico.....	6
6. Metodologia.....	9
7. Estrutura da Dissertação.....	9
CAPÍTULO 1 – UMA ANÁLISE DA SOCIEDADE ATUAL: O TROTE COMO REFLEXO DESTE CONTEXTO.....	12
1.1. A indústria cultural: semiformação e conformismo.....	12
1.2. A sociedade espetacular.....	23
CAPÍTULO 2 – O TROTE: SUA ORIGEM, SEUS SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES.....	31
2.1. A origem do trote.....	31
2.2. O trote e seus significados.....	38
2.3. Trote: reflexo da educação existente.....	44
CAPÍTULO 3 - O TROTE UNIVERSITÁRIO NO BRASIL.....	60
3.1. Algumas considerações históricas da universidade no Brasil.....	60
3.1.1. A chegada da tradição.....	63
3.2. O trote nas últimas décadas.....	73
3.3. A UFSCar e o trote.....	77
3.3.1. Pequeno histórico.....	77
3.3.2. As atividades de recepção na UFSCar.....	78
3.4. O curso de Química na UFSCar.....	87
3.4.1. O trote aplicado na turma de 2001.....	88

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NO CURSO DE QUÍMICA.....	98
4.1. Questionários.....	98
4.1.1. A expectativa da recepção.....	99
4.1.2. A forma como os calouros foram recebidos.....	105
4.1.3. O que os calouros desejam fazer com os novatos do próximo ano.....	118
4.2. Entrevistas.....	120
4.2.1. Significado das atividades de integração.....	120
4.2.2. Sensação de participar do trote.....	122
4.2.3. Manutenção e perpetuação do trote.....	124
4.2.4. Importância da participação.....	125
4.2.5. Relação entre vestibular e trote.....	127
4.2.6. Intervenção da universidade na aplicação do trote.....	129
4.2.7. Trote solidário.....	130
4.2.8. Relacionamento professor/aluno.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS.....	151
1. Questionário.....	151
2. Entrevistas.....	155
2.1. Calouros da turma de 2001.....	155
2.2. Veteranas da turma de 2000.....	160
2.3. Veteranas da turma de 2001.....	169

INTRODUÇÃO

1. TEMA

1.1. Apresentação

Os ritos de iniciação ou de passagem fazem parte da nossa sociedade. Eles estão presentes em vários momentos de nossas vidas, como observa Freud “Separar-se da família torna-se uma tarefa com que todo jovem se defronta, e a sociedade freqüentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação”¹.

O ingresso na universidade é uma passagem muito importante na vida do jovem estudante e de sua família, pois será o início de uma futura carreira profissional, portanto, deve ficar registrada.

A tradição do trote universitário é muito antiga, verificada desde a Idade Média, quando os candidatos aos cursos das universidades européias não podiam freqüentar as mesmas salas de aula que os veteranos, por isso, ficavam nas antesalas, os chamados vestibulos, que continham as roupas dos alunos mais velhos da instituição. As roupas dos novatos ou calouros eram retiradas e queimadas. Já seus cabelos eram raspados para combater a propagação de doenças, principalmente, da peste.² Com o tempo esta atividade foi se tornando cada vez mais agressiva e violenta.

Houve, portanto, uma mudança de significado no ritual de integração do calouro à universidade: de uma atividade profiláctica de integração do calouro aos veteranos para uma atividade calcada na integração pela humilhação e sofrimento.

Temos conhecimento de alguns casos de calouros que sofreram agressões físicas com conseqüências graves e que foram noticiados pela mídia, como Carlos Alberto de Souza que em março de 1980 foi morto ao receber socos na cabeça após ter reagido à tentativa do corte do seu cabelo feita pelos veteranos, na Universidade de Mogi das Cruzes; GJMB, 17 anos que em fevereiro de 1994 foi hospitalizado

¹ FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 58.

² Cf. ZUIN. A.A.S. **O trote na universidade: passagem de um rito de iniciação**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 29.

após ter sido despido e espancado por veteranos que o obrigaram a comer grama e fezes de animais; cinco calouros do Instituto de Geociência da USP que em fevereiro de 1998 foram hospitalizados devido à intoxicação por bebida alcoólica; em 1999 o calouro Edison Tsung Chi Hsueh, 22 anos, morreu afogado numa piscina após o trote de veteranos da Faculdade de Medicina da USP-SP.³

Fatos como esses confirmam a permanência de um clima cultural propício à reincidência à barbárie nos rituais de iniciação dos universitários brasileiros — os trotes.

Na UFSCar está muito claro que os trotes violentos estão proibidos, porém são permitidas algumas brincadeiras entre veteranos e calouros na Semana da Calourada, que antecede o início das aulas. Há, também, o trote solidário organizado pelos veteranos com a ajuda dos calouros. Essas atividades são programadas pela universidade para todos os cursos.

1.2. Tipo de pesquisa

Os resultados obtidos nesta pesquisa foram conseguidos através de uma investigação qualitativa, partindo de uma análise do tema como um todo, no Brasil e em particular na UFSCar, tendo como foco o curso de Química, em especial, a turma de 2001.

Inicialmente fizemos um levantamento e análise de livros e artigos referentes ao tema proposto e sua relação com a chamada educação para a disciplina por meio da dureza.

Foram feitas entrevistas com calouros e veteranos e questionários somente com os calouros do curso de Química. Também foram realizadas observações na aplicação do trote durante a matrícula e a Semana da Calourada.

³ Cf. RUIZ, S. Trote tem quase mil anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 mar. 1999. Folhateen, p.7.

2. PROBLEMA

Legalmente o trote universitário está proibido em todo o Estado de São Paulo, devido à lei promulgada pelo governador Mário Covas, lei nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999, de autoria do deputado Faria Júnior (PMDB), que proíbe o trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores com os seguintes dizeres:

Artigo 1º - É vedada a realização de trote aos calouros de escolas superiores e de universidades estaduais, quando promovido sob coação, agressão física, moral ou qualquer outra forma de constrangimento que possa acarretar risco à saúde ou à integridade física dos alunos.

Artigo 2º - Compete à direção das instituições públicas de ensino superior:

I – adotar iniciativas preventivas para impedir a prática de trote aos novos alunos, segundo disposto no artigo 1º e respondendo a mesma por sua omissão ou condescendência;

II – aplicar penalidades administrativas aos universitários que infringirem a presente lei, incluindo expulsão da escola, sem prejuízo das sanções penais e civis cabíveis.

Artigo 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.⁴

Essa lei desencadeou uma série de campanhas contra os trotes violentos e o incentivo ao trote solidário (arrecadação de alimentos e cadastramento de calouros interessados em prestar serviços comunitários dentro de suas áreas de atuação) em várias universidades.

Apesar de todo esse movimento em favor de uma mudança de comportamento podemos observar em várias universidades a coexistência do trote violento e do solidário, portanto, não se observa a eliminação do trote violento, mas após a realização do trote solidário, os veteranos continuam praticando atos

⁴ SÃO PAULO (Estado). Lei nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a proibição de trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade dos calouros das escolas superiores, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, Poder Executivo, v. 109, 21 dez. 1999. Seção 1, p.3.

violentos contra os calouros, o que demonstra uma não conscientização por parte dos estudantes. É interessante notar que numa pesquisa feita na USP, na Faculdade de Medicina, os alunos (calouros e veteranos) relataram suas impressões sobre o trote e 90% deles consideraram o trote como inofensivo e de bom gosto⁵.

3. OBJETIVO

Esta pesquisa busca investigar a possível reprodução de um processo psicossocial balizado na humilhação e no sofrimento, presente entre os calouros e veteranos do curso de Química da UFSCar durante os ritos de iniciação – os trotes universitários.

4. HIPÓTESE

Os trotes violentos foram substituídos pelos chamados solidários, mas isso não garante por si só o fim das práticas sadomasoquistas presentes nestes rituais de iniciação dos alunos que ingressam num curso universitário. Pelo que podemos observar, os estudantes, tanto veteranos como calouros, têm a idéia de que os trotes são inofensivos e importantes para o relacionamento entre os alunos, para geração de amizades e adaptação às mudanças na vida do novato. Além disso, as humilhações e palavras grosseiras não são consideradas violentas e agressivas.

A chamada educação por meio da dureza fundamenta as relações entre os calouros e veteranos nos trotes universitários. Esse tipo de educação será característico da que receberão na universidade, portanto, nestas atividades preparadas e realizadas pelos veteranos está refletida a educação que recebem.

A rivalidade existente entre os cursos de Química e Física reflete as igualdades que devem ser negadas para que haja a afirmação da identidade de cada curso.

⁵ SILVA, M.C. USP proíbe realização de trote em todas as faculdades. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 29 abr. 1999. Disponível em: <<http://www.unesp.br.trotenuncamais/noticia18htm>> Acesso em: 07/02/00.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Devido à complexidade do tema proposto, o referencial teórico que fundamenta este trabalho é a Teoria Crítica, em especial os escritos de Theodor W. Adorno que tanto contribuíram para a compreensão da práxis educacional como emancipação.

Segundo Adorno, a concretização de uma sociedade verdadeiramente democrática só se realizará quando essa for formada por sujeitos emancipados – capazes de atuarem na sociedade possibilitando sua transformação. A educação seria a responsável por favorecer o desenvolvimento destas pessoas emancipadas e, por isso, deve rever sua atuação para cumprir essa função. Deve quebrar com sua raiz tradicional que conduz a uma educação dura, rígida, pelo sofrimento e dor, que forma personalidades com essas características e que são capazes de práticas sadomasoquistas.

Adorno desenvolve algumas categorias que são importantes para a compreensão do tema. As reflexões do autor foram pautadas no contexto do nazismo e suas conseqüências, mas são de uma atualidade inquestionável. Em seu ensaio *Educação após Auschwitz*⁶, o filósofo desenvolve alguns conceitos importantes como: • *educação* – com sentido unicamente se embasada numa auto-reflexão crítica; • *inflexão em direção ao sujeito* – tornar consciente às pessoas os atos que cometeram, para que possam refletir sobre eles e não repeti-los; • *vínculos de compromissos* – ligados a autoridade, seriam os compromissos que detém o que é sádico, destrutivo por meio de uma consciência moral; • *autonomia* – no sentido kantiano seria a auto-determinação e o poder de reflexão; • *tendências de regressão* – em que pessoas com traços sádicos reprimidos deixam fruir esse tipo de comportamento; • *identificação cega com o coletivo* – pessoas que por falta de esclarecimento deixam-se conduzir por outras; • *caráter manipulador* – são exatamente aquelas pessoas que conseguem manipular as outras para conseguir atingir os seus objetivos; • *educação pela dureza* – o tipo de educação necessária para o nazismo, baseada na severidade, na força, disciplina, ou seja, num sadismo explícito; • *consciência coisificada* – está ligada ao caráter manipulador, no qual as

⁶ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In.: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995. p. 119-138.

pessoas se tornam e tornam os outros iguais a coisas; • *frieza* – incapacidade de identificação com o outro, indiferença em relação ao que acontece com todos aqueles que não fazem parte de seu estreito vínculo de ligação.

Para Adorno, a tarefa maior da educação é não permitir que Auschwitz se repita, pois ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação.

O filósofo identifica algumas características da personalidade humana que permitiram que Auschwitz acontecesse, que estão relacionadas à autoridade, ao caráter autoritário, como a identificação cega ao coletivo e a manipulação de massas. Adorno tece comentários sobre essas características:

[...] para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. [...] O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem no começo a todos os indivíduos que se filiam a eles.⁷

Para o autor, os trotes de qualquer ordem são precursores imediatos da violência nazista.

É preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física – muitas vezes insuportáveis – a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista.⁸

Também utilizamos vários conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud, que contribuíram para a compreensão de alguns comportamentos do ser humano na civilização.

⁷ ADORNO, 1995, p. 127.

⁸ *Ibid.*, p.128.

Em sua obra *O mal-estar na civilização*, Freud nos fornece alguns referenciais para pensarmos o incômodo do ser humano na civilização. Devido sua natureza agressiva e sexual, o homem passa por um processo de constante sublimação de suas pulsões para poder viver em sociedade. Para ele a agressão humana perturba e ameaça a civilização.

Podemos observar na educação acontecimentos que são aceitos socialmente e que não deixam de ser uma liberação das pulsões agressivas. Freud já atentava para os ritos de iniciação dizendo que são situações criadas pela sociedade para ajudar os jovens a enfrentarem momentos importantes de suas vidas, como o casamento. Porém, é importante destacar que alguns ritos de iniciação são muito violentos, como ocorre nos trotes universitários.

Temos conhecimento pelos meios de comunicação de vários casos de calouros que foram mortos ou sofreram mutilações físicas e há os trotes que não deixam marcas expostas, no entanto, essas são psicológicas. São consideradas, “brincadeiras” tidas como inofensivas, que fazem parte da tradição e que precisam ser realizadas para que todos saibam que algo mudou em suas vidas.

Freud desenvolve o conceito de grupo em sua obra *Psicologia de grupo e análise do ego*⁹. Quando o indivíduo está inserido num grupo — mente coletiva — ocorrem alterações nas suas reações, diferentes de quando está só. Os dotes particulares do indivíduo se apagam num grupo e sua distinção se desvanece.

A definição de grupo, sua formação e o comportamento do indivíduo dentro dele é importante para compreendermos as mudanças psicológicas dos estudantes que são capazes de matar, humilhar e maltratar um colega recém-chegado e dizer que tudo não passava de uma brincadeira, além de fornecer fundamentos à compreensão dos motivos que levam os calouros de hoje a quererem vingar-se nos calouros do próximo ano, agindo da mesma forma como agiram com ele.

⁹ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago. 1974.

6. METODOLOGIA

Para realizar este trabalho, autores que se preocuparam com o rito (trote), estudos antropológicos, como Jean Cazeneuve e Glauco Mattoso, psicanalíticos como Anna Freud e Sigmund Freud e sociológicos, como os teóricos da Teoria Crítica, foram de grande importância.

Através desses referenciais pode-se observar a crítica à adesão do particular às ordens de uma supremacia coletiva cega, como por exemplo, na esfera educacional os “trotes” dos calouros universitários durante o processo de integração com os veteranos, que se caracteriza pela imposição da dor física e psicológica, suportada em silêncio. Dessa forma, os humilhados adquirem o direito, que é legitimado pelo grupo, de se vingar da dor que tiveram que aprender a reprimir nos próximos calouros.

7. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho é composto desta introdução, de quatro capítulos e das considerações finais. No primeiro capítulo fizemos uma análise da sociedade atual para contextualização do trote dentro desta realidade dominada pelos meios de divulgação da indústria cultural, que define novos valores sociais, como o consumismo, o conformismo, a semiformação, um narcisismo e um exibicionismo pautados em práticas sadomasoquistas na busca do prazer anunciado pela propaganda desses produtos, uma fuga à vida atual. O trote como forma de exibicionismo dentro deste contexto social, camufla práticas violentas pautadas num sadomasoquismo por meio de um discurso dissimulado de que são “brincadeiras” e fazem parte de uma tradição.

O segundo capítulo foi subdividido em três partes. Inicialmente fizemos uma análise histórica do trote universitário, buscando sua origem na Idade Média com o surgimento da universidade em Bolonha, na Itália. Em seguida, a partir de alguns conceitos desenvolvidos por Freud, como masoquismo, sadismo, agressividade, formação de grupos, narcisismo das pequenas diferenças tentamos identificar os significados e implicações que envolvem a prática do trote. E num terceiro momento, analisando a atuação docente e seu relacionamento com os discentes, verificamos

que ambas as relações: trote (veteranos e calouros) e a atividade docente (professor e alunos) são pautadas em práticas sadomasoquistas, já que estão inseridas no contexto social atual e o reflete em suas práticas.

O terceiro capítulo refere-se ao trote universitário no Brasil. O trote é trazido para o Brasil pelos estudantes que deixaram de estudar em Coimbra para continuarem seus estudos aqui, a partir da expansão da universidade no século XIX. A tradição criou raízes no país e se espalhou por todas as universidades, causando algumas tragédias durante todos esses anos. Nossa análise é centrada na Universidade Federal de São Carlos, mais precisamente no curso de Química (na turma de 2001) como reflexo das atividades desenvolvidas nessa instituição de ensino superior.

No quarto capítulo fizemos uma análise dos dados coletados com os alunos do curso de Química da UFSCar por meio de questionários e entrevistas. Para análise dos questionários definimos três eixos nas respostas dos alunos: 1) as expectativas quanto à forma como seriam recebidos pelos veteranos na Semana da Calourada; 2) a maneira como foram recebidos e quais as suas opiniões sobre a definição de trote; 3) o que gostariam de fazer com os novatos do ano seguinte. Para análise das entrevistas definimos alguns temas: 1) o significado das atividades de integração; 2) sensação de participar do trote; 3) manutenção e perpetuação do trote; 4) importância da participação; 5) relação entre o vestibular e o trote; 6) intervenção da universidade na aplicação do trote; 7) trote solidário; 8) relacionamento professor/aluno.

Finalizamos o trabalho com algumas considerações resultantes do estudo e das reflexões que o assunto nos suscitou.

CAPÍTULO 1 – UMA ANÁLISE DA SOCIEDADE ATUAL: O TROTE COMO REFLEXO DESTE CONTEXTO

O espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia desenvolvendo-se por si mesma. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetivação infiel dos produtores.

Guy Debord

1.1. A indústria cultural: semiformação e conformismo

Na sociedade capitalista o *ser* foi se degradando para o *ter*, o consumir. O sentido da produção das mercadorias foi se modificando, os produtos passaram a ser valorizados pelo seu valor de troca e não mais pelo seu valor de uso, pois o objetivo dos proprietários dos meios de produção se resume no lucro. A produção de mercadorias adaptadas ao consumo das massas é a característica desta economia, já que visa sempre o rendimento do capital investido na atividade econômica.

Essa lógica perpassa também a cultura, que foi cada vez mais sendo engolfada e banalizada. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer firmam em 1947, na obra *Dialética do Esclarecimento*¹⁰, o conceito de indústria cultural que define com muita propriedade esse raciocínio econômico da sociedade administrada e a manipulação dos bens culturais. Esse conceito também foi desenvolvido por Adorno em seu artigo *A indústria cultural*¹¹ (1962), em que tece comentários sobre a definição do termo e suas conseqüências, como a formação de uma mentalidade única (padronizada) e conformista – apesar de se apresentar como individual e inovadora – além de impedir a formação de indivíduos autônomos e emancipados, já que fornece uma semiformação cultural.

¹⁰ ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento** – Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

¹¹ ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1994a, p. 92-99.

Em todos os seus ramos fazem-se, mais ou menos segundo um plano, produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida determinam o consumo. Os diversos ramos assemelham-se por sua estrutura, ou pelo menos ajustam-se uns aos outros. Eles somam-se quase sem lacunas para constituir um sistema. Isso, graças tanto aos meios atuais da técnica, quanto à concentração econômica e administrativa. A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores.¹²

Os consumidores são o objeto da indústria cultural, apesar de passar a imagem de que eles são os sujeitos. O que orienta a produção das mercadorias é a comercialização e não o conteúdo dos produtos. O alvo da indústria cultural é o espírito que é insuflado, já que mexe com o consciente e inconsciente das pessoas, cria uma mentalidade, sempre buscando a manutenção da ordem vigente, do poder já estabelecido.

A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada *a priori* e imutável. É excluído tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são a medida mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar.¹³

A genuína produção artística que sempre apresentava uma possibilidade de contestação das condições da época – a autonomia da arte – fica cada vez mais difícil de se realizar, porque vai se tornando integrada a esta condição vigente que tenta questionar. As produções da indústria cultural além de visarem o lucro, porque precisam se realizarem enquanto mercadorias, vendem o consentimento total e não crítico às pessoas.¹⁴

Os produtos da indústria cultural possuem uma característica por excelência, a standardização, ou seja, a padronização de seus produtos que sempre lembram algo semelhante, como argumenta Adorno “[...] em toda a parte a mudança encobre

¹² ADORNO, 1994a, p. 92.

¹³ Ibid., p. 93.

¹⁴ Cf. *ibid.*, p. 94.

um esqueleto no qual houve tão poucas mudanças como na própria motivação do lucro desde que ela ganhou ascendência sobre a cultura.”¹⁵

Em seu ensaio *Sobre música popular*, Adorno desenvolve o raciocínio de que esta padronização busca reações padronizadas. A audição da música popular é manipulada por aqueles que a promovem e pela própria natureza dessa música, num sistema de mecanismos de respostas diferentes do ideal de individualidade numa sociedade livre.¹⁶

De acordo com o filósofo, a profundidade do conceito de *indústria cultural* está na sua ambigüidade, pois ambos os termos, *indústria* e *cultura*, são interdependentes e não se realizam completamente. Neste sentido, se assemelha à *indústria* ao conservar características próprias desta, como a produção de mercadorias, a divisão pormenorizada do trabalho, a utilização de maquinário, a standardização de determinado objeto e a racionalização das técnicas de produção. Contudo, também é *cultura* porque ideologicamente os produtos conservam formas individuais de produção, por isso, reforçam o individual e a ideologia, além de serem coisificados e se mostrarem um refúgio à vida real.

Cada produto apresenta-se como individual; a individualidade mesma contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que se desperta a ilusão de que o que é coisificado e mediatizado é um refúgio de imediatismo e de vida. [...] Quanto mais desumanizada sua ação e seu conteúdo, mais ativa e bem-sucedida é a sua propaganda de personalidades supostamente grandes e o seu recurso ao tom meloso.¹⁷

A indústria cultural corresponde a um espírito hoje dominante. As pessoas buscam sanar suas frustrações cotidianas no consumo de mercadorias que lhes prometem uma satisfação imediata, momentânea e ilusória de seus desejos, porque logo após o consumo a insatisfação retorna. Adorno argumenta que as pessoas desejam ser enganadas para “fugirem” por alguns instante da própria realidade.

¹⁵ ADORNO, 1994a, p. 94.

¹⁶ Cf. ADORNO, T.W. Sobre música popular. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1994b, p. 120.

¹⁷ ADORNO, 1994a, p. 94.

A idéia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no logro, como se diz, desde que isso lhes dê uma satisfação por mais fugaz que seja, como também desejam essa impostura que eles próprios entrevêem; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de autodesprezo, aquilo que lhe ocorre e do qual sabem por que é fabricado. Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem a satisfação que, na realidade, não o são.¹⁸

Ao tentar fugir da realidade, além da ilusão de satisfação dos desejos, há por trás uma ideologia inculcada nesses produtos, idéias de permanência e manutenção da ordem vigente, do *status quo*. Idéias aceitas sem objeção, sem análise. “Através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência; jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens”¹⁹. O consumo desses produtos permite, de uma forma enganadora, a ilusão de uma possível resolução dos conflitos reais, já que esses são difíceis na realidade.

O consentimento que a indústria cultural alardeia reforça a autoridade cega e impenetrada da sociedade. Ela encoraja e explora as fraquezas do eu, conseqüência da sociedade atual com sua concentração de poder.²⁰ As produções da indústria cultural não incentivam uma reflexão sobre o real, mas aproveitam-se das fraquezas sofridas e observadas no cotidiano para conseguir a audiência e a resposta de que necessitam, além de darem um tom individual às suas mercadorias.

A satisfação compensatória que a indústria cultural oferece às pessoas ao despertar nelas a sensação confortável de que o mundo está em ordem, frustra-as na própria felicidade que ela ilusoriamente lhes propicia. O efeito de conjunto da indústria cultural é o de uma antidesmistificação, a de um antiiluminismo (*anti-Aufklärung*) [...] Ela

¹⁸ ADORNO, 1994a, p. 96.

¹⁹ Ibid., p. 97.

²⁰ Cf. *ibid.*, p. 98.

impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.²¹

Essa situação imposta pela indústria cultural promove uma semiformação cultural, ou seja, a conversão de uma formação cultural por essa que passou a ser a forma dominante da consciência atual. Em seu artigo *Teoria da Semicultura*²², Adorno destaca que a cultura possui um duplo caráter: remete à sociedade e intermedeia esta e a semiformação. “Esse duplo caráter nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver mas que, como simples cultura, não dispõe desse poder”²³. Quando a cultura passa a ser entendida como conformar-se a vida real, então ela passa somente pelo momento de adaptação e impede os homens de se educarem uns aos outros.

Adorno demonstra a grande importância que foi dada à formação no desenvolvimento do capitalismo.

O conceito de formação emancipou-se com a burguesia. [...] A formação tornou-se objeto de reflexão e consciente de si mesma, foi devolvida purificada aos homens. Sua realização haveria de corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais. [...] A formação devia ser aquela que dissesse respeito, de uma maneira pura como seu próprio espírito, ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. [...] na idéia de formação cultural necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem *status* e sem exploração.²⁴

Essa afirmação demonstra a contradição existente entre a formação cultural e a sociedade capitalista, marcada pelas diferenças econômicas e sociais. Foi justamente essa sociedade que passou a dar importância a formação, no entanto, é

²¹ ADORNO, 1994a, p. 99.

²² ADORNO, T.W. *Teoria da Semicultura*. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. **Educação & Sociedade**. Campinas: Papirus. Ano XVII, 1996, p. 388-411.

²³ *Ibid.*, p. 390.

²⁴ *Ibid.*, p. 391-392.

condição para que a formação se desenvolva uma sociedade igualitária e sem diferenças sociais. Sem a formação cultural, dificilmente haveria o desenvolvimento das pessoas e da sociedade.

A democratização da cultura às massas prometia o acesso de todos a uma formação cultural capaz de eliminar a exclusão social e econômica das classes sociais. Todavia, houve uma explosão dos meios de comunicação de massa (rádio e televisão) que foram tomados pela ação da indústria cultural, que por diversos canais e meios possibilita que as massas tenham contato com os seus bens de formação cultural que neutralizam e imobilizam as possíveis reações, mantendo a ordem naqueles que pouco ou nada tem. Ela consegue isso por meio do ajustamento do conteúdo de formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos da cultura.²⁵

Assim, observa-se uma crescente integração das massas por meio do consumo e da persistente dicotomia das classes, principalmente quando há interesses estabelecidos.

O espírito da indústria cultural é a semicultura, a identificação.²⁶ A formação cultural, agora controlável, se transformou em normas e qualificações, se degenerou nas mãos dos vendedores.

A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana.²⁷

A semiformação transforma o espiritual e o sensorial. A sociedade do *status* apropria-se do que resta da formação e utiliza-se dela em seu favor. Assim, a semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria.²⁸ A popularização da formação cultural a torna cada vez mais prejudicada, simplificada perdendo seu poder de raciocínio, possibilitando o que Adorno define como

²⁵ Cf. ADORNO, 1996, p. 394.

²⁶ Cf. *ibid.*, p. 396.

²⁷ *Ibid.*, p. 399.

²⁸ Cf. *ibid.*, p.400.

aniquilação e reacionarismo da formação cultural. A objetividade da obra de arte fica falsificada pela personalização, que desloca a atenção para os temas e perde o essencial da obra como um todo, pois há uma fragmentação em que se perde o conteúdo.²⁹

No contexto da semiformação é estimulado um processo de identificação. O ideal de ego é ocupado por vários objetos: o ídolo do esporte, do cinema, da música e da televisão, que passam a ser o modelo, já que os consumidores se identificam com os estilos de vida desses personagens. Isso favorece um narcisismo coletivo, que faz com que as pessoas compensem a consciência de sua impotência social e atenuem a sensação de culpa de não corresponderem a suas idealizações.

O narcisismo desenvolvido pela indústria cultural, de acordo com Zuin, poderia hoje ter o seguinte sentido: o indivíduo projeta sua libido narcísica nos valores vinculados às imagens dos objetos de consumo, ao mesmo tempo em que são legitimados e reconhecidos como membros de um determinado grupo. A identificação com os ídolos vendidos pela indústria cultural dificulta a observação das relações sociais desumanizadas responsáveis por sua produção. O uso da imagem comprada facilita o ingresso num determinado grupo pela utilização dos mesmos produtos e marcas. O indivíduo torna-se um portador da mentalidade do tíquete – esse pseudo-indivíduo ama não só os outros portadores dos mesmos signos, como também adora sobretudo a si mesmo.³⁰

Na verdade, aquele que não se identifica com o grupo é considerado um estranho.

Na indústria cultural os sentimentos são projetados nos objetos. Percebe-se uma preocupação e um afeto aos objetos materiais. Isso pode ser observado nas propagandas – como as de automóveis – em que o objeto tem um grande valor sentimental para seus donos, maior que as próprias pessoas. Os produtos tornam-se a promessa de realização da felicidade, pois é difundida a idéia de que ao consumir determinado produto estará adquirindo as qualidades que são prometidas nas propagandas.

²⁹ Cf. ADORNO, 1996, p. 404.

³⁰ Cf. ZUIN, A.A.S. O prazer da indiferença à barbárie: uma análise dos aspectos psicológicos da indústria cultural. **Revista Olhar**. UFSCar: São Carlos, ano 1, n.1, jun. 1999, p. 80.

Em conseqüência disso, as pessoas tornam-se cada vez mais dependentes e frágeis, com dificuldades em estabelecer relações de aproximação e distanciamento com o outro durante a construção de sua identidade.

Na medida em que os limites e as fronteiras ficam difíceis de serem observados e vivenciados, o indivíduo tende ou a observar e compreender o mundo de acordo com os seus interesses, utilizando-se da sua própria imagem, ou então deseja fundir-se com o ambiente, de forma tal que todos os seus sentimentos, valores e crenças já estejam demarcados de antemão.³¹

Presenciamos uma grande mudança nas formas de apresentação dos produtos culturais por meio dos avanços da tecnologia. Em seu artigo *Prazeres preliminares – virtualidade – expropriação: Indústria cultural hoje*³², Christoph Türcke ressalta que o prazer adquirido com os objetos da indústria cultural resume-se em um pré-prazer. Freud define este termo como sendo o prazer advindo da excitação das zonas erógenas, mas um prazer ainda não efetivado.³³

Türcke caracteriza a indústria cultural como a expropriação, que mesmo existindo desde que os homens submetem e exploram outros homens, passa a significar a expropriação dos sentidos interiores que ela esvazia por meio da inundação de estímulos.³⁴ Para ele os novos meios de comunicação indicam uma nova fase da indústria cultural.

Os mecanismos utilizados pela indústria cultural para iludir os consumidores, com a ajuda do rádio, cinema, arranjos musicais, espetáculos etc., moldados conforme as formas e clichês da standardização, buscam tornar a cultura dirigível e vendável.

³¹ ZUIN, A.A.S. A indústria cultural e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global. In: ZUIN, A.A.S., PUCCI, B., OLIVEIRA, N.R. (org.) **A Educação Danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997, p. 125.

³² TÜRCKE, C. Prazeres preliminares – virtualidade – expropriação. Indústria cultural hoje. In: DUARTE, R., FIGUEIREDO, V.(org.) **As luzes da arte**. Belo Horizonte: Opera Prima, 1999, p. 55-79.

³³ Cf. FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: standard brasileira**. Vol. VII. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 199.

³⁴ Cf. TÜRCKE, 1999, p. 73.

A realidade virtual propicia um novo real, já que a virtualidade se apresenta como sendo o próprio real. Este fenômeno ocorre pela combinação da tridimensionalidade e do poder de intervir no espaço sugerido, reconfigurá-lo a bel-prazer,³⁵ já que isso não ocorre na vida real. Nessa realidade virtual o indivíduo pode deixar fruir suas sensações e impressões, isto é, sonhar sem saber distinguir o real do irreal.

Türcke comenta que a busca incessante das sensações e impressões é antiga. Ela está sujeita a um ego controlador que regula o estado interior da alma e o seu comércio com o mundo externo deve ser reduzido até a borda da disfunção. Os meios naturais para efetuar tal redução são o cansaço e as drogas, mas a muito tempo existe a tentativa de imitá-la artificialmente, como o teatro, que sugere que os acontecimentos ocorram efetivamente, porém dá a entender ao espectador que as coisas não são reais. No cinema e na televisão se sabe que as imagens não são a própria realidade e que o espectador não pode intervir nos acontecimentos.³⁶

O que a publicidade audiovisual exercita e aperfeiçoa há meio século na busca de realizar seus desejos – extremamente acanhados – de venda está em vias de tornar-se, graças aos novos meios de comunicação, uma disposição estética universal, que orienta a percepção mesmo onde não se pode comprovar nenhuma intenção de venda.³⁷

Os produtos culturais oferecidos pela realidade virtual são mais atraentes em relação aos outros. Através de seus meios, como por exemplo, o capacete tridimensional, o indivíduo não desvia o olhar dos acontecimentos, numa atividade direcionada, mas terá como resultado um reflexo condicionado em que toda a dimensão do movimento, da tensão do corpo e da psique, encontra-se amputada desse novo espaço de vivências no qual se submerge acionando o botão³⁸ e, conseqüentemente, impossibilitando a experiência.

Assim, se uma sensação fica prejudicada, isolada, não há a possibilidade de que a percepção seja a qualidade do conhecimento, não podendo organizá-lo em

³⁵ Cf. TÜRCKE, 1999, p. 56-57.

³⁶ Cf. *ibid.*, p. 57-58.

³⁷ *Ibid.*, p. 59.

³⁸ Cf. *ibid.*, p. 60.

representações internas. A sensação isolada não ganha significado, se perde na ineficiência.³⁹

Türcke observa que nessa nova apresentação da indústria cultural – a realidade virtual – o prazer não é alcançado, já que “[...] não consegue mais ir além do estado inicial de estímulo, que deveria ser aprofundado para que a experiência da fruição e do prazer pudessem ocorrer.”⁴⁰ Ele denomina esta condição de um pré-prazer, pois esse apenas se prenuncia.

A busca do “prazer” através dos modernos meios de comunicação – como a Internet – pode ser alcançada por meio de visitas a sites que anunciam estímulos ao “prazer” e garantem o anonimato do internauta, como por exemplo, salas de bate-papos, as propagandas e a comercialização de produtos de todos os tipos, o acesso a inúmeras informações podendo encontrar qualquer assunto etc. Também é possível o acesso a sites que demonstram um certo exibicionismo, como o produzido pelos alunos da Universidade Federal de São Carlos, intitulado “Calourada”, em que se pode ter acesso a todas as atividades que foram desenvolvidas no trote durante a Semana da Calourada por meio de fotos⁴¹ – das festas, das atividades tradicionais (gincanas, pinturas, pedágios, palestras, almoços, passeios pelo campus) e do trote solidário. A visita a este site pode despertar o desejo em participar daquelas “brincadeiras” um dia, caso o internauta não seja aluno de uma universidade pública – em que a concorrência é maior e o trote é uma tradição – ou se for um aluno desta instituição, poderá despertar o orgulho de ser um membro daquela comunidade e ter participado, ter vivenciado este momento de integração, podendo se identificar com aqueles alunos expostos nas fotos, que podem ser vistos pelo mundo todo, demonstrando o orgulho e a satisfação de ter passado no vestibular e vivenciado a tradição.

Quem sempre precisa ou quer ser notado porque os negócios ou a vaidade assim o requerem, se anuncia “on-line”, premido pela necessidade; a “homepage” recebe o estatuto de um cartão de visitas de alta classe, sem o qual a pessoa é *nobody*; as máquinas de busca precisam ser chamadas para que as pessoas consigam se

³⁹ Cf. TÜRCKE, 1999, p. 61.

⁴⁰ Ibid., p. 62.

⁴¹ Os exemplos das fotos do trote de 2001 na UFSCar e a referência ao site “Calourada” serão apresentadas e desenvolvidas no capítulo 3.

orientar razoavelmente na selva das ofertas, que entrementes entopem a rede não menos do que os automóveis as ruas.⁴²

As amizades e as conversas que ocorrem por meio da Internet, acarretam a perda do contato com o outro, o convívio pessoal; tudo acaba se resumindo num relacionamento a distância, num pré-prazer. Adorno nos alerta da incapacidade de amar entre as pessoas, que permitiu que Auschwitz acontecesse. “A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicá-la aos meios.”⁴³ Hoje, mais do que nunca, a paixão pela técnica e sua substituição do contato entre as pessoas se faz presente. Isso produz pessoas frias, um processo de indiferença em relação ao que acontece com os outros, impossibilitando que haja uma identificação com o sofrimento alheio.

Como resultado desse contexto de troca da afetividade é presenciada uma carência afetiva que tenta ser superada por meio das novas formas de busca do pré-prazer.

Hoje necessitamos de estimulantes mais duros para exercitar o pré-prazer: tanto mais o masoquismo, que perverte o pré-prazer e a promessa do prazer em substitutivo do prazer, converteu-se em uma disposição quase que estética das massas. A nova geração está começando a cultivá-la expressamente e extrair-lhe um prazer novo, de natureza duvidosa.⁴⁴

Para que o pré-prazer possa ser sentido utiliza-se hoje de artifícios carregados de violência e pornografia; é preciso furar o corpo com *body piercing* e tatuagem para sentir a sensação renunciada. A necessidade de ser percebido enquanto sujeito também deve ser considerada, já que a presença de alguns ornamentos podem fazer a diferença, permitir que seja reconhecido e que possa, assim, fazer parte de um grupo, como o calouro que se sente feliz ao portar os ícones do trote – cabelo raspado, pintura e fotos na Internet – pois permitirá ser

⁴² TÜRCKE, 1999, p. 69.

⁴³ ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 133.

⁴⁴ TÜRCKE, 1999, p. 75.

reconhecido como um estudante que obteve sucesso no vestibular e que agora faz parte do grupo de universitários da UFSCar.

A violência está estampada em nossa sociedade, ela faz parte deste caldo cultural que domina o nosso cotidiano. As pessoas agem violentamente contra si mesmas de forma masoquista e ao mesmo tempo de forma sádica, pois não receiam em fazer o outro sofrer e sentem prazer nisso. A sociedade está cada vez mais narcísica, deficiente de um clima de solidariedade, pois as pessoas buscam somente a satisfação de seus próprios desejos.

1.2. A sociedade espetacular

A sociedade que tem as modernas condições de produção, em que reina a indústria cultural, se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. “Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação.”⁴⁵ A indústria cultural estabelece as relações entre as pessoas, determina o modelo permitido e define o que deve ser difundido. O espetáculo é o modelo da vida na sociedade atual.

O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma a si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente.⁴⁶

Nesta citação, Debord observa com muita propriedade a relação do espetáculo com a realidade. O espetáculo inverte a realidade e se torna um produto de contemplação dela. A realidade está no espetáculo, porém, de forma deturpada e

⁴⁵ DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 13.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 15.

alienante, pois é apresentada como boa, como uma imagem positiva, já que exige a aceitação passiva da ordem estabelecida.

A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela *não é*.⁴⁷

Percebe-se uma tendência exibicionista no comportamento humano, que o autor acima denominou como aparecer, ou seja, o consumismo hoje existe para o consumidor mostrar para si e para os outros que possui algo para que seja notado, numa perspectiva narcisista de auto-referência. Por trás deste narcisismo é possível identificar um reforçamento do individualismo burguês, portanto, de um mecanismo de poder.

A mais velha especialização social, a especialização do poder, encontra-se na raiz do espetáculo. Assim, o espetáculo é uma atividade especializada que responde por todas as outras. É a representação hierárquica diante de si mesma, na qual toda outra fala é banida.⁴⁸

Na medida que o mundo real se transforma em imagens, essas se tornam reais e passam a motivar o comportamento, moldando-o de acordo com os interesses da ordem estabelecida. “O espetáculo é a conservação da inconsciência na mudança prática das condições de existência.”⁴⁹

O consumo de determinado produto não é mais medido pelo seu valor de uso, mas como uma pseudojustificativa para a falsa vida. “O espetáculo não é apenas o servidor do *pseudo-uso*, mas já é em si mesmo o *pseudo-uso* da vida.”⁵⁰ A

⁴⁷ DEBORD, 1997, p. 18.

⁴⁸ Ibid., p. 20.

⁴⁹ Ibid., p. 21.

⁵⁰ Ibid., p. 34.

aparência tornou-se o produto da realidade. A representação passa a imagem da pessoa ser algo que não é na vida real.

O espetáculo demonstra uma unidade social irreal, pois mascara a divisão de classes a qual repousa a unidade real do modo de produção capitalista, gerando vários conflitos como os destacados por Debord:

O que obriga os produtores a participarem da construção do mundo é também o que os afasta dela. O que põe em contato os homens liberados de suas limitações locais e nacionais é também o que os separa. O que obriga ao aprofundamento do racional é também o que alimenta o irracional da exploração hierárquica e da repressão. O que constitui o poder abstrato da sociedade constitui sua *não-liberdade* concreta.⁵¹

Esses conflitos explodem de alguma forma no plano individual e retornam à sociedade. Assim, é possível compreender algumas das condições reais que levam a um clima cultural de destaque da violência, presenciada diariamente nos meios de comunicação. Alguns casos nos chocam e até despertam algumas reflexões sobre a realidade, contudo, tão logo outras notícias sejam lançadas, as anteriores caem no esquecimento, sem desencadear, com isso, uma mudança de comportamento. Isso pode ser exemplificado pelos inúmeros casos de violência explícita nos trotes das universidades brasileiras que foram noticiados, no entanto, logo foram abafados e esquecidos.

O trote universitário é mais um elemento espetacular nesta sociedade dos espetáculos. A valorização do aparecer, do mostrar-se é muito importante socialmente, por isso, os alunos que estudam nas universidades públicas sentem orgulho em exibir pelas ruas da cidade camisetas e adesivos com o logotipo da instituição, para que possam ser reconhecidos como um universitário respeitável por sua competência em ter obtido sucesso no vestibular. É interessante notar que em São Carlos os alunos que estudam nas instituições de ensino superior particulares (FADISC e ASSER – UNICEP) não exibem a marca de tais instituições, porque há um preconceito e desprestígio em relação a estas escolas particulares, já que há

⁵¹ DEBORD, 1997, p. 47.

duas universidades públicas e conceituadas (USP e UFSCar) na cidade, e estas particulares não conseguiram desenvolver uma ação de integração com a sociedade, ao contrário de outras particulares, como por exemplo, a UNIARA (em Araraquara) ou a UNIMEP (em Piracicaba). Seus alunos não são reconhecidos como universitários, porque a “marca” que possuem não é vista como boa. Também podemos associar a essa questão a importância para o estudante que consegue passar no vestibular portar símbolos e marcas que provem aos familiares e a sociedade em geral que agora é um universitário e para isso, precisa passar por uma série de atividades tradicionais pautadas em práticas violentas, mas que, por serem aceitas socialmente, não são percebidas como tais.

A violência só é percebida quando é explícita, como nas agressões físicas, mas não há uma percepção de sua existência em agressões psicológicas, humilhações e constrangimentos. A discussão do assunto surge na mídia quando algum acontecimento trágico ocorre, como por exemplo, o caso que gerou uma grande repercussão no país no ano passado, quando a jovem Suzane Von Richthofen, de uma boa condição sócio-econômica e universitária, assassinou os pais. Ela planejou o crime e o executou com a ajuda do namorado e do irmão dele.

Este crime preocupou a sociedade porque colocou em xeque a educação e a formação que os jovens estão tendo, as “possíveis” razões que levaram uma jovem com um futuro promissor, já que apresentava todas as condições para isso, a cometer um crime dizendo que foi por amor, como destaca Arnaldo Jabor: “O crime limpo e rico nos desampara, nos dá vertigem, pois perdemos o balizamento da ética e da razão.”⁵²

A imagem da violência traz consigo a pobreza, as favelas, a feiura das classes humildes e marginalizadas. Mas no contexto cultural atual, dominado pela indústria cultural em suas diversas formas de apresentação, que fornecem uma semiformação cultural com pessoas cada vez mais narcisistas, exibicionistas, as reações se generalizam por toda parte não havendo limites para a violência que se apresenta em todos os setores sociais.

Diariamente a violência está presente de forma aceita, não considerada como um ato violento, de forma camuflada, justificada por um discurso autoritário, como o

⁵² JABOR, A. Suzane, 19 anos, bela e rica, matou por amor. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, 12 nov. 2002. Caderno 2, p.8.

tapinha que os pais dão nos filhos para educá-los ou nos gritos agressivos de um professor para manter a ordem.

Os trotes universitários fazem parte do ritual de entrada na universidade. Suas atividades tradicionais, como pintura do corpo e do rosto, pedágio nas ruas da cidade, gritos, não são consideradas agressivas, humilhantes, mas “brincadeiras” inofensivas que fazem parte desta tradição. Essas atividades são justificadas pela necessidade de exibição das marcas de uma mudança que deve ser mostrada para que todos reconheçam aquela pessoa como um universitário.

A violência apresentada de forma sutil é difícil de ser caracterizada como um ato violento. Nilo Odalia⁵³ define de maneira simples e esclarecedora o que vem a ser um ato violento:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua uma estrutura facilmente identificável. (...) o ato violento se insinua, freqüentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas.⁵⁴

O autor demonstra a dificuldade de identificar um ato como violento. Até mesmo agressões físicas são difíceis de serem classificadas como violência, dependendo do contexto e da circunstância em que são praticadas. Muitas vezes, a violência é justificada como uma decorrência natural, inevitável – como o caso da guerra.

O ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos, a agressão física, o tirar a vida de outrem, não é tão simples, pois pode envolver tantas sutilezas e tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência. A guerra é um ato violento, o mais violento de todos; talvez, contudo, esse caráter essencial parece passar a ser secundário se o

⁵³ ODALIA, N. **O que é violência**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁵⁴ Ibid., p. 22.

submergimos sob razões que vão desde a defesa da pátria às incompatibilidades ideológicas. Matar em defesa da honra, qualquer que seja essa honra, em muitas sociedades e grupos sociais, deixa de ser um ato de violência para se converter em ato normal – quando não moral – de preservação de valores que são julgados acima do respeito à vida humana.⁵⁵

A partir desse esclarecimento é possível compreendermos as razões das atividades do trote universitário serem consideradas como não violentas, pois se até mesmo agressões físicas que levam a morte do outro são difíceis de serem classificadas, então, o trote, sendo uma tradição aceita e considerada natural na sociedade, não é visto como um ato violento, é consentido e considerado normal. O trote aparece como decorrência natural da passagem no vestibular, portanto, é inevitável ao calouro participar dessas atividades. “Razões, costumes, tradições, leis explícitas ou implícitas, que encobrem certas práticas violentas normais na vida em sociedade, dificultam compreender de imediato seu caráter.”⁵⁶

Nas atividades do trote universitário está refletido o contexto atual, ou seja, a sociedade capitalista, desigual, marcada pela opressão daqueles que precisam se sujeitar à autoridade do outro para sobreviver; dominada pelo capital que passou a reger a vida. A indústria cultural define o raciocínio econômico e manipula os bens culturais, difunde a semiformação cultural, o individualismo, o consumismo, o conformismo com a situação vigente, o consentimento à autoridade imposta, o incentivo a um narcisismo em que as pessoas são consideradas pelo que possuem e não pelo que são, tornando-se iguais a coisas, frias em relação aos outros.

O trote como forma de exibicionismo dentro deste contexto social, camufla práticas violentas pautadas num processo de integração sadomasoquista, respaldado por um discurso inofensivo de “brincadeiras” que fazem parte de uma tradição. Por meio deste exibicionismo os estudantes têm a oportunidade de mostrarem à sociedade que são diferentes, porque passaram no vestibular e agora fazem parte do grupo de universitários da UFSCar. O calouro precisa exibir as tão sonhadas marcas para que possa se sentir realizado e ser reconhecido como

⁵⁵ ODALIA, 1983, p. 23.

⁵⁶ Ibid., p. 23.

alguém importante. Portanto, passar por todas as humilhações do trote faz parte do momento de suas vidas.

Talvez possamos comparar as atividades do trote universitário com as práticas sadomasoquistas referidas por Türcke na busca do pré-prazer, como o uso da tatuagem ou do *body piercing*. A sujeição às humilhações, como pedir dinheiro na rua, a pintura do corpo, os gritos humilhantes, entre outras, poderiam ser outro exemplo dessa busca do pré-prazer característico da sociedade moderna que procura novas formas, cada vez mais agressivas, de sensação do prazer prometido pela indústria cultural. Para sentir o prazer de ter entrado na universidade o calouro se submete as atividades impostas pelos veteranos, se humilha e realiza tarefas que provavelmente não realizaria em outras circunstâncias e, o mais interessante, é que se sente feliz, alegre e integrado à universidade. O pré-prazer por meio do trote é possível ao veterano e aos observadores (os internautas que visitam o site da Calourada ou a comunidade que presencia o acontecimento) por sentirem prazer ao observar o sofrimento alheio, mas também ao calouro que se orgulha de passar por tudo aquilo e ser reconhecido como um universitário.

No capítulo seguinte veremos que o trote é uma tradição muito antiga que se inicia com o surgimento da universidade. Faremos uma análise dos significados e implicações envolvidos neste ritual de iniciação e sua relação com o tipo de educação que os alunos recebem na universidade.

CAPÍTULO 2 – O TROTE: SUA ORIGEM, SEUS SIGNIFICADOS E IMPLICAÇÕES

Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir.

Adorno

2.1. A ORIGEM DO TROTE

A palavra trote, segundo a *Enciclopédia Brasileira de Consultas e Pesquisas*⁵⁷, é sinônimo do andamento do cavalo, mais ligeiro que o passo comum e menos rápido que o galope. Também pode significar troça ou motejo que sofrem os calouros das escolas, especialmente superiores; zombaria e intriga. Portanto, dar um trote é o mesmo que pregar uma peça.

É exatamente essa segunda definição que nos interessa. São as atividades de recepção dos calouros que tentaremos compreender e, principalmente, o que há por trás dessas “brincadeiras”.

O trote é uma tradição muito antiga. É um rito de passagem presente em nossa sociedade, tido como natural e normal.

Cazeneuve⁵⁸ nos ajuda a compreender o que é um rito.

É um acto que pode ser individual ou colectivo, mas que sempre, mesmo quando é bastante flexível para comportar uma margem de improvisação, permanece fiel a certas regras que constituem precisamente o que há nele de ritual.⁵⁹

O rito é uma ação seguida de conseqüências reais, que podem não ser inúteis, mas nocivas, por vezes dolorosas, senão cruéis. É compreendido pela maneira de agir reproduzida com uma certa invariabilidade.⁶⁰ Distingui-se dos outros

⁵⁷ ROSA, Ubiratan A.T.A.M. (Ed.) **Enciclopédia Brasileira de Consultas e Pesquisas Ilustrada**. São Paulo: Novo Brasil Editora Ltda. Volume V, 1980, p. 1542.

⁵⁸ CAZENEUVE, Jean. **Sociologia do rito**. Tradução de M.L. Barralho. Porto: Rés-editora. 1957.

⁵⁹ Ibid., p. 10.

⁶⁰ Cf. *ibid.*, p. 9.

costumes pelo caráter particular da sua pretendida eficácia e o papel importante da repetição – seu elemento característico.

De acordo com Cazeneuve, os ritos certamente evoluem com o tempo, mas em geral é de uma maneira lenta e imperceptível. Caso alguma mudança ocorra muito bruscamente, o rito corre o risco de perder seu valor e a sua razão, pois sempre há um objetivo por trás de si, as mudanças são introduzidas com extrema prudência. Assim, chega-se a idéia de que a repetição é dada na própria essência do rito.

Num sentido mais amplo, o autor argumenta que o rito aplica-se também a certos cerimoniais, como por exemplo, o que em muitas nações modernas marca a abertura de uma assembléia parlamentar ou a sessão inaugural do ano universitário.⁶¹ Portanto, podemos afirmar que o trote universitário é um rito, já que é tido como indispensável, não tem uma utilidade positiva observável e se cumpre por hábito, para obedecer a uma tradição.

Tanto Cazeneuve como Adorno nos chamam a atenção para o estranhamento que alguns ritos como o trote deveriam nos causar, mas que não causam, ou se causam é apenas momentâneo.

No ensaio *Educação após Auschwitz*, Adorno expressa sua preocupação com o fato de barbáries como Auschwitz não calarem fundo nas pessoas e, portanto, haver a possibilidade de se repetir dependendo do estado de consciência e inconsciência das pessoas. Se não refletimos sobre fatos tão destruidores como esse, em que a violência é dirigida a muitas pessoas, possivelmente não teremos condições de refletirmos sobre a violência presente diariamente em nossa sociedade.

Partindo dessas idéias podemos compreender com mais clareza os motivos que levam a sociedade, tendo conhecimento de alguns rituais de iniciação e de toda a violência presenciada constantemente através dos noticiários jornalísticos, a princípio ficar indignada frente ao horror, às tragédias ocorridas em alguns trotes, mas logo as identificar como tradição, como naturais. A indignação que é causada com estes acontecimentos é momentânea, porque o horror é banalizado, se torna corriqueiro e habitual, característico de um rito. Os exemplos que temos conhecimento de calouros que sofreram o trote e tiveram sérias conseqüências, uns

⁶¹ CAZENEUVE, op. cit., p. 12.

a sua própria vida, comprovam que o trote sendo um rito pode, muitas vezes, ser uma ação prejudicial, nociva, dolorosa e cruel.

O trote tem sua origem com o surgimento das universidades. Elas surgem na Idade Média, no período escolástico, por volta dos séculos XI e XII. É a fase áurea da educação medieval que preparou culturalmente a Renascença. Manacorda⁶² nos esclarece que paralelamente ao surgimento da economia mercantil nas cidades e à sua organização em comunas, foi introduzido um novo processo na instrução com o aparecimento dos mestres livres, que sendo clérigos ou leigos, ensinavam também aos leigos.

Antes das instituições superiores serem chamadas de universidades, eram chamadas de *studium generale*, em que se ensinava a escrita e a leitura, o *trivium* ou artes filológicas e lógicas (retórica, dialética e gramática), o *quadrivium* ou artes dos números (aritmética, geometria, astronomia e música) e o ensino religioso. Era uma escola aberta aos alunos dos mais diferentes lugares.

A palavra latina *universitas* significa o conjunto integral e completo dos seres particulares que constituem uma coletividade determinada. Bolonha é considerada a mais antiga universidade. Já na segunda metade do século XI, teve início o ensino de direito romano por obra de Pepone, seguido no começo do século seguinte por Irnério.⁶³ Bolonha é conhecida como a metrópole do Direito. Foi nela que se pautaram as outras universidades da Itália, Espanha e sul da França.

A Universidade, no seu complexo, era formada por um conjunto de escolas, cada uma das quais constituía uma *societas*, chefiada por um mestre que tinha jurisdição sobre os alunos. O mestre era compensado diretamente pelos alunos.

Almeida Júnior⁶⁴ nos lembra que a Universidade de Bolonha foi governada pelos estudantes, quem mandava eram os alunos e quem obedecia eram os mestres; não só a Universidade de Bolonha, mas em algumas poucas universidades medievais, criadas à sua imagem e semelhança. Vinham vários estudantes estrangeiros para estudarem em Bolonha atraídos pelo conhecimento de alguns juristas. Em sua maioria eram homens maduros, abastados, pertencentes ao clero

⁶² MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias**. 4ª edição, São Paulo: Cortez, 1995.

⁶³ Ibid., p. 146.

⁶⁴ ALMEIDA JÚNIOR, A. **Sob as arcadas**. Rio de Janeiro, MEC/INEP, 1965, p. 43.

ou à nobreza. Vinham da França, da Inglaterra, da Polônia, da Península Ibérica e, sobretudo, da Alemanha.

Em Bolonha os estrangeiros não tinham direitos civis e proteção das leis. Assim, eles corriam grande risco com relação a seus bens e a sua segurança pessoal. Almeida Júnior destaca a violência que sofriam: “sob o mais insignificante pretexto eram espoliados, presos, torturados, expulsos, sem que houvesse para quem apelar”.⁶⁵

Para se protegerem em Bolonha os alunos formavam corporações estudantis, organizadas por nações (estudantes de uma determinada nacionalidade), que defendiam os interesses e direitos comuns à todas corporações e particulares de cada nação. Havia a nação romana, a toscana, a lombarda, a gaulesa, a catalã, a espanhola, a alemã etc. Ao todo eram dezessete nações sendo que cada uma elegia um conselheiro, destinado a integrar o órgão executivo da instituição. Estes conselheiros elegiam anualmente o reitor que representava a Universidade em suas relações externas com as autoridades e governava as relações internas entre professores e estudantes.⁶⁶

O grêmio estudantil era dotado de poder judicial, administrativo e disciplinar. Era ele quem contratava e pagava os professores, além de controlar os horários. Também exerciam uma estrita censura sobre os livreiros e copistas para que não corrompessem os textos. Havia uma comissão de estudantes – os denunciadores – que fiscalizavam os mestres e levavam suas infrações ao conhecimento do reitor.

Podemos perceber nesta contextualização a formação de grupos (conceito que será desenvolvido mais adiante) de estudantes determinados pela nacionalidade, já que todos freqüentavam o curso de Direito, o único curso da época. Por isso, a aceitação no grupo já era importante. Quando os calouros chegavam a universidade não podiam assistir às aulas na mesma sala que os veteranos, pois na época havia muitas doenças que proliferavam na Europa. Assim, eles eram obrigados a ficarem nos vestibulos, ou seja, espaço entre a via pública e a entrada de um edifício. É desta palavra que surge o vestibular, ou seja, a passagem obrigatória para se chegar à sala de aula da universidade. Quando o candidato era finalmente aceito, os veteranos (nome dado aos soldados romanos mais velhos, que

⁶⁵ ALMEIDA JÚNIOR, op. cit., p. 43.

⁶⁶ Cf. *ibid.*, p. 44.

estavam para deixar a milícia) os recebiam com brincadeiras. Suas roupas eram retiradas e queimadas por questão de higiene e seus cabelos raspados, para eliminar piolhos.⁶⁷ Surge, então, a partir dessas características, a prática do trote.

Verificamos que o trote surge de uma atividade profilática, mas que desde sua origem já possuía um caráter sadomasoquista. Almeida Júnior faz uma descrição muito interessante de como eram os trotes na Idade Média. O autor descreve que o calouro medieval, que se chamava *bejaunus* (como se tivesse um bico amarelo, já que era considerado um animal que precisava ser domesticado) sofria as agruras do sadismo dos veteranos, expressando-se por modalidades de trote das mais grosseiras. Sendo uma iniciação, o trote passava por três etapas: a primeira era a “*separação*”, em que o que existia de humano dentro do calouro, morria, pois o seu corpo trocava de alma como um certo quadrúpede – talvez seja desta idéia o surgimento da palavra trote ligada ao trotar dos cavalos. Zuin⁶⁸ já havia nos alertado da possível analogia entre o cavalo que trota e o comportamento do calouro, que se movimenta num ritmo de tamanha velocidade que compactua com a frenesi das humilhações às quais é submetido. A segunda etapa do trote era o período de “*prova*”, durante o qual o corpo do calouro experimentava duros tormentos. Só, posteriormente, é que vinha a fase de “*agregação*”, constituída por uma festa em comum, ruidosa, interminável, com iguarias e bebidas, tudo pago pelo calouro⁶⁹.

Almeida Júnior observa que o trote chegou a ser inserido nos regulamentos de várias universidades, mesmo havendo excessos por parte de alguns veteranos. Além das palmatoadas (pancadas de palmatórias) e outras violências físicas, ocorriam casos de “*captura de livros*” – isto é, a invasão do domicílio do calouro e apreensão integral da sua modesta biblioteca, que os saqueadores repartiam entre si. Espoliado dos instrumentos de trabalho e coagido a esvaziar a bolsa com a festa, o calouro que trazia todas as economias da família, às vezes, era forçado a estender a mão à caridade pública.⁷⁰

Como os livros eram raros e as bibliotecas também, ter um livro era um privilégio de poucos e precisava ser defendido. A formação de grupos ajudava na defesa dos estudantes, pois além desses roubos, havia uma rivalidade entre turmas

⁶⁷ Cf. ZUIN, A.A.S. **O trote na universidade: passagens de um rito de iniciação**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 29.

⁶⁸ Cf. *ibid.*, p. 30

⁶⁹ Cf. ALMEIDA JÚNIOR, *op. cit.*, p. 52.

⁷⁰ Cf. *ibid.*, p. 52.

e rixas com os habitantes locais, o que forçava todos a andarem armados e acompanhados para evitar emboscadas, assaltos e surras.⁷¹

As universidades francesas também demonstravam práticas sadomasoquistas na realização de seus trotes. Um dos mais antigos documentos oficiais no qual se pode identificar nitidamente o trote, data de 1342. Trata-se de um ato baixado também na universidade de Paris, em que se procura coibir excessos, proibindo taxas de calouros ou extorsões semelhantes por parte dos colegas.⁷²

Mattoso faz algumas descrições de como era o trote nas universidades francesas. Havia a *purgação* – partia-se do julgamento simulado do calouro (réu), que passava por um período de “castigo” e terminava com uma “absolvição”. Dois veteranos eram indicados para promotores de acusação. Os réus eram acusados de uma espécie de pecado original, a *calouridade* ou *calourice* e tinham que ser condenados a um regime de escravidão pelo prazo de um ano, após o que perderiam o apelido de *bejauni* e poderiam ser tratados como iguais por parte dos colegas. A escravidão consistia em servir os veteranos à mesa, ceder-lhes os melhores lugares junto ao fogo no inverno, fazer-lhes a comida e a cama, vesti-los, despi-los e lavar-lhes as partes que eram raramente lavadas⁷³.

As desobediências ou faltas eram punidas com palmatoadas, quer aplicadas com fêrulas, frigideiras ou mesmo livros; nem sempre eram aplicadas nas mãos, mas freqüentemente nas nádegas ou nas coxas, o que obrigava o calouro a se despir e ficar de quatro para que o veterano lhe batesse. Mas mesmo sem cometer nenhuma insubordinação, o calouro podia ganhar uma palmatoada toda vez que fosse à presença de um veterano.

Ao final do período de bom comportamento como escravo, o calouro recebia permissão para purgar sua calourice numa cerimônia que incluía mais palmatoadas, um outro julgamento e o emprego de água, análogo ao ritual do batismo cristão. Esse tipo de trote ficou conhecido e foi assumido por diversos lugares do mundo, mas quem melhor assimilou a herança francesa, ainda na Idade Média, foram os alemães.

⁷¹ Cf. MATTOSO, Glauco. **O calvário dos carecas**. São Paulo, EMW Editores, 1985, p. 21

⁷² Cf. *ibid.*, p. 23.

⁷³ *Ibid.*, p. 26-27.

Mattoso⁷⁴ também descreve o trote alemão que demonstra maiores requintes sadomasoquistas. O trote começava com uma encenação teatral, em que o calouro era acusado de ser um bicho do mato, um monstro de horrendo aspecto com enormes chifres e dentes, nariz recurvo como um bico de coruja, olhar feroz e boca ameaçadora. Depois era obrigado a beber uma espécie de vinho, que na verdade era urina. Eram arrancados os seus cabelos, pêlos do nariz para que “se tornasse” civilizado, além de ter que comer fezes de hiena e outros carnívoros. Além da tortura e sob a ameaça de mais, o “bicho” tinha que se reconhecer como culpado de mil pecados, sobretudo sexuais. Depois de ser acusado de todos os crimes possíveis e impossíveis, era obrigado a pagar um banquete aos mestres e veteranos.

A segunda parte do trote consistia no *pennalismus*, em que o calouro ficava à inteira disposição de um dos veteranos que seria o seu “carrasco”. Tudo o que lhe pertencia passava a ser propriedade do veterano e o calouro ficava sendo seu “burro-de-carga”. Não podia mais ter dinheiro, roupas, mobília, lazer; não podia participar de jogos, ter envolvimento com mulheres ou conviver com os amigos. Do seu veterano deveria ser confidente, criado, secretário e cumprir todas as funções da escravidão francesa. Também não podia abrir a boca antes que o veterano lhe dirigisse a palavra, deveria carregá-lo quando tomava muita bebida, cuidar quando ele ficava doente e satisfazer pequenos caprichos sexuais, masturbando-o.

O calouro que se rebelasse era crivado de maus-tratos por todos os veteranos que quisessem participar do linchamento, ou seja, arrancavam-lhe os cabelos e a barba, jogavam-no ao chão e o machucavam até a morte.

Este período de escravidão terminava em um novo banquete com provas finais: comer as migalhas que eram jogadas como se fosse um cão, beber cerveja misturada com tinta e outras essências. Também tinham que comer salsicha temperada com areia, sal e outros detritos e dar a volta na sala com um veterano no lombo. Finalmente, respondia a um questionário e prestava um juramento prometendo fazer aos próximos calouros tudo o que lhe foi feito.

A partir dessas descrições percebemos que o sadomasoquismo está presente na origem do trote. Freud nos ajuda a compreender esses comportamentos que têm sua fundamentação no sadismo e no masoquismo.

⁷⁴ MATTOSO, op. cit., p. 30-34.

2.2. O TROTE E SEUS SIGNIFICADOS

É necessário analisarmos alguns conceitos presentes no trote, como sadismo, masoquismo, agressividade, formação de grupos e narcisismo das pequenas diferenças para que possamos compreender com mais clareza este rito.

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁷⁵, de 1905, Freud nos esclarece os significados dos conceitos sadismo e masoquismo.

O conceito de sadismo oscila, na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos. Num sentido estrito, somente este último caso extremo merece o nome de perversão.⁷⁶

Quando o sadismo passa a substituir o alvo sexual (ação para qual a pulsão sexual impele) torna-se uma perversão patológica e, portanto, prejudicial. As perversões, segundo Freud, não são um sinal de degeneração ou doença, desde que não se tornem patológicas. A maioria dessas transgressões é um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias. É possível a substituição durante algum tempo do alvo sexual por uma dessas perversões, no entanto, é difícil traçar uma fronteira nítida entre o que é variação do fisiológico e o que é patológico. Este caráter patológico da perversão pode ser encontrado na sua relação com a normalidade, quando a perversão suplanta e substitui o normal [o alvo e o objeto (a pessoa de quem provém a atração) sexuais normais].⁷⁷

O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma pessoa como objeto. Além de humilhar e dominar, também inflige dor, mas isso, às vezes não é percebido pelo sujeito.⁷⁸

O masoquismo abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da

⁷⁵ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In.: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. Vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 150.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 152-153.

⁷⁸ Cf. FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In.: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual. O masoquismo é continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume o lugar do objeto sexual⁷⁹.

Segundo Freud, a forma ativa (sadismo) e passiva (masoquismo) costumam encontrar-se juntas numa mesma pessoa, o que seria denominado sadomasoquismo. Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de sentir prazer de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. Nas suas palavras:

O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante.⁸⁰

O autor nos lembra que o sadismo surge quando a criança ainda é pequena. Ao falar do desenvolvimento da função sexual⁸¹, mais precisamente das fases sexuais que o ser humano passa em seu desenvolvimento, fica claro que o primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente, há a necessidade de satisfação ligada a autopreservação, mediante a nutrição, mas o psicanalista adverte que há fatores psicológicos aí envolvidos, pois a obstinada persistência do bebê em sugar prova a necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão do alimento e seja por ela instigada, esforça-se, todavia, por obter prazer independentemente da nutrição.

Durante esta fase oral, já ocorrem esporadicamente impulsos sádicos, juntamente com o aparecimento dos dentes. Sua amplitude é muito maior na segunda fase, que descrevemos como anal-sádica, por ser a satisfação então procurada na agressão e na função excretória. Nossa justificativa para incluir na libido os impulsos agressivos baseia-se na opinião de que o sadismo constitui uma

⁷⁹ Cf. FREUD, 1996a, v. VII, p.150.

⁸⁰ Ibid., p. 151.

⁸¹ Cf. FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. Vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996c, p. 177-179.

fusão instintiva de impulsos puramente libidinais e puramente destrutivos, fusão que, doravante, persiste ininterruptamente.⁸²

Assim, podemos perceber que o sadismo começa a se desenvolver no ser humano quando ele ainda é pequeno, afinal, Freud já observava a agressividade presente na natureza humana. Segundo ele os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo podem defender-se quando atacadas, pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, que poderia ser alcançado por medidas mais brandas.⁸³

De acordo com Freud, a agressividade ameaça a sociedade civilizada e, por isso, precisa utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle.

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em conseqüência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração.⁸⁴

Adorno já se utilizara das palavras de Freud de que a civilização, por seu turno, origina e fortalece progressivamente o que é anticivilizatório, em seu ensaio *Educação após Auschwitz*⁸⁵, quando discutira que a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório.

Outro conceito relevante é a formação de grupo, já que a sociedade civilizada é formada de grupos e esses influenciam também na forma como a agressividade é extravasada. Freud desenvolve este conceito em sua obra *Psicologia de grupo e análise do ego*.

⁸² FREUD, 1996c, v. XXIII, p.179.

⁸³ Cf. FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 67-68.

⁸⁴ Ibid., p. 68.

⁸⁵ ADORNO, op. cit., p. 119 e 120.

A psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizam em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito determinado.⁸⁶

Quando o indivíduo está dentro de um grupo – mente coletiva – ocorrem alterações nas suas reações, diferentes de quando está só. Os dotes particulares do indivíduo se apagam no grupo e sua distintividade se desvanece. Isso ocorre devido a três fatores:

- a) Quando está no grupo, a pessoa adquire um sentimento de poder invencível, liberando assim, os seus instintos e o sentimento de responsabilidade desaparece inteiramente. Ele consegue liberar as repressões de suas pulsões inconscientes.
- b) Contágio – o indivíduo sacrifica seu interesse pessoal em favor do interesse coletivo.
- c) Sugestionabilidade – aproxima-se do estado de fascinação/hipnose, quando faz tudo o que o hipnotizador manda; assim, a personalidade consciente desvanece inteiramente; a vontade e o discernimento se perdem.⁸⁷

Freud cita uma frase de Le Bon que define bem o comportamento do indivíduo num grupo.

[...] pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa multidão, é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.⁸⁸

⁸⁶ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago. 1972, p. 82.

⁸⁷ Cf. LE BON, 1920, apud FREUD, 1972, p. 84, 85, 86.

⁸⁸ FREUD, op. cit., p. 87.

O grupo pode ser impulsivo, mutável, irritável e até levado por seu inconsciente, não tolerando demora entre o desejo e sua realização. A noção de impossibilidade pode desaparecer e um traço de antipatia poderá se transformar em ódio furioso. Poderá ser tão intolerante quanto obediente à autoridade. No indivíduo todas as suas inibições desaparecem e os instintos cruéis, brutais e destrutivos que estavam adormecidos poderão vir à tona.⁸⁹

O grupo exige um líder que necessita intensa fé numa idéia para despertar a fé do grupo; tem que possuir vontade forte e imponente. Freud demonstra que “um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor”.⁹⁰ O líder possui prestígio – uma espécie de domínio exercido sobre nós por um indivíduo, um trabalho ou uma idéia. Paralisa as nossas faculdades críticas e enche-nos de admiração e respeito.

Para que uma multidão se torne um grupo no sentido psicológico, Freud recorre a McDougall, em seu livro sobre *The Group Mind (A mente grupal, de 1920)* que afirma ser preciso algo em comum uns com os outros; um interesse comum num objeto, uma inclinação emocional semelhante. No grupo as mentes inferiores superam as superiores que descem ao estado da primeira, porque a intensificação da emoção cria condições desfavoráveis para o trabalho intelectual correto. Há uma redução do senso de responsabilidade.

Adorno também discute a idéia de grupo, quando reflete sobre a maneira como algumas pessoas se deixam enquadrar cegamente em coletivos convertendo-se em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados e tratando os outros como sendo uma massa amorfa. Adorno argumenta que estas pessoas são possuidoras de um caráter manipulador (líderes nazistas, por exemplo) verificando-se a ausência de emoções e um tipo de consciência coisificada, em que se tornam iguais a coisas e em seguida, também tornam os outros, ou seja, há uma conversão da relação humana em “coisa”.⁹¹

Freud observa que não é fácil para o homem abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressividade, pois a participação em pequenos grupos oferece a oportunidade de hostilidade com outras pessoas que não fazem parte do grupo, como destaca nesta afirmação: “É sempre possível unir um considerável número de

⁸⁹ Cf. FREUD, op. cit., p. 89.

⁹⁰ Cf. *ibid.*, p. 91.

⁹¹ Cf. ADORNO, 1995, p. 129-130.

peças no amor, enquanto sobram outras peças para receberem as manifestações de sua agressividade”.⁹²

Este comportamento é observado pelo autor nas comunidades com territórios adjacentes e mutuamente relacionadas em outros aspectos, que apesar de muito próximas e parecidas, precisam constantemente mostrar que são muito diferentes para afirmarem sua identidade, como nas raças estritamente aparentadas que se mantêm à distância, ou até mesmo nas uniões familiares, como o casamento, em que uma família se julga superior a outra ou de melhor nascimento. Freud denomina esse fenômeno de *narcisismo das pequenas diferenças*.

Esta rivalidade e tendência à afirmação da identidade do grupo parecem estar presentes em vários setores da sociedade, inclusive na educação. Podemos observá-la⁹³, por exemplo, dentro da escola na divisão por série dos alunos da mesma idade: a classe torna-se um grupo e para se auto-afirmar precisa mostrar para as outras classes que é diferente. Isso fica muito visível quando as classes são formadas na 1ª série do ensino fundamental e permanecem as mesmas até a 8ª série. O vínculo que se estabelece é muito forte. Em atividades (gincanas, apresentações, jogos entre outros) que as classes precisam mostrar seus resultados competindo com as demais, esta rixa fica muito evidente.

Outro exemplo deste narcisismo das pequenas diferenças na área educacional é constatado na rivalidade existente entre o mesmo curso em diferentes escolas, por exemplo, o curso de magistério. Tivemos a oportunidade de vivenciar a rixa existente entre o curso do Cefam (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) e o Curso de Magistério Normal da escola Álvaro Guião. Apesar de terem um currículo idêntico, os professores com frequência serem os mesmos e desenvolverem atividades muito parecidas, os estudantes de ambos os cursos sempre demonstraram que não “se gostam”, que são diferentes, que uns são melhores que os outros, que o curso de um é melhor que o curso do outro, quando na realidade não há diferença. Esta rixa passa de ano a ano, pois já existe desde a criação do Cefam (1988, em São Carlos) bem posterior ao Curso Normal.

⁹² FREUD, 1997, p. 71.

⁹³ Os exemplos utilizados são resultado de algumas observações tiradas do senso comum, já que não foi realizada nenhuma pesquisa empírica sobre esse tipo de comportamento dentro da escola de ensino fundamental e médio.

A rivalidade entre grupos muito parecidos também pode ser observada dentro da escola entre os professores, por exemplo, entre os períodos de aula ou entre os níveis: PI (professor de 1ª a 4ª série) e PIII (professor de 5ª em diante). As funções são as mesmas, o tipo de trabalho também, mas há uma rixa entre os grupos a fim de mostrarem que são melhores, ou que desempenham melhores trabalhos, ou que possuem maiores privilégios. Talvez a forma de expressão dessa rivalidade seja mais discreta, “mais civilizada”, mas está presente até mesmo entre os profissionais da educação.

Podemos pensar também a formação dos grupos dentro da universidade. O calouro precisa ser aceito no grupo já existente e, por isso, aceita todas as imposições que lhe são feitas. Já os veteranos dentro do grupo são capazes de matar, humilhar e maltratar um colega recém-chegado e dizer que tudo não passava de uma brincadeira. A distinção entre veteranos e calouros só cessa quando sua “raiva” tem outro foco, como é o caso de grupos que são muito próximos e parecidos, mas que constantemente precisam mostrar que são diferentes, como por exemplo, o curso de Química e o de Física. Em nossa pesquisa pudemos observar essa rivalidade. Estes cursos possuem muitas semelhanças com relação a estrutura dos cursos, os professores e o rol de disciplinas, mas para se afirmarem enquanto grupos distintos precisam mostrar que são diferentes. Daí surgirem amostras de hostilidade de ambos os cursos com palavras humilhantes, agressivas e com determinados gestos, tal como será demonstrado nos próximos capítulos.

2.3. TROTE: REFLEXO DA EDUCAÇÃO EXISTENTE

Ao longo da história podemos observar que a educação sempre foi agressiva. Durante a Idade Média ela era violenta, a disciplina era adquirida através de agressões explícitas que chegavam a machucar o aluno. Comênio⁹⁴, como crítico dos castigos físicos, em sua *Didáctica Magna*, no século XVII, já advertia que a disciplina escolar também poderia ser adquirida de uma outra forma, através das agressões simbólicas, das humilhações psicológicas que “não deixam marcas”, sendo, portanto, melhores e mais eficientes. Dessa forma houve uma “camuflagem”

⁹⁴ COMÊNIO, J.A. **Didáctica magna**. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

da agressividade presente nas escolas. Talvez hoje estejamos vivenciando esse momento, pois há uma legislação que protege e está atenta a qualquer violência ocorrida com o aluno, mas a violência simbólica não há como ser medida e controlada.

Essa violência simbólica sofrida pelo aluno poderá interferir na formação de sua personalidade, pois Freud já nos alertava para um conceito denominado *determinismo psíquico*, em que os eventos vividos na infância não desaparecem na vida adulta. Toda a agressão sofrida pela criança seja física ou psicológica não será esquecida e poderá influenciar na formação de sua personalidade, “[...] o que se passou na vida mental pode ser preservado, não sendo necessariamente, destruído.”⁹⁵

Como os agentes educacionais, de forma geral, expressam agressividade, faz-se necessário uma atenção à forma como ela se expressa no espaço escolar, pois, sendo a escola uma instituição social por onde todos passam durante algum período de suas vidas, o seu papel é o de transmitir os conhecimentos acumulados pelas ciências ao longo do tempo e também ensinar o que é correto e permitido na convivência social, da melhor forma possível.

Adorno já nos alertava para um tipo de educação necessária e elogiada pelo nazismo, pautada na agressividade e na capacidade de suportar a dor, capaz de desenvolver no ser humano algumas características que permitiram a ocorrência de atos brutais e violentos, quando descrevia uma educação tradicional, autoritária, agressiva e sofrível, denominada *educação para a disciplina através da dureza*.⁹⁶ O autor destaca que estas características da personalidade humana estão relacionadas com a autoridade e com o caráter autoritário, como a identificação cega a um coletivo e a manipulação de massas. Estas características são observadas nos hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie que infligem dor física a uma pessoa como preço para se filiar a um coletivo. Assim, os trotes de qualquer ordem são precursores imediatos da violência nazista.

O trote universitário expressa o tipo de educação que os alunos terão durante o curso. Estes comportamentos agressivos e violentos também estão presentes na educação que é caracterizada pela severidade.

⁹⁵ FREUD, 1997, p.18.

⁹⁶ Cf. ADORNO, 1995a, p.128 e 129.

No contexto nazista esta educação voltada à disciplina por meio da dureza era a ideal, pois ela seria necessária para a constituição do tipo de homem que parecia adequado aos seus interesses: soldados disciplinados que obedeceriam às ordens superiores sem questionamentos, capazes de guardar sua revolta e direcioná-la para inocentes que “deveriam” ser atingidos.

Tendo em mente essa ação do nazismo, a educação atuava cumprindo o papel de adaptação dos educandos às condições impostas socialmente. A dor física esteve presente juntamente com o massacre psicológico. A atitude autoritária dos responsáveis pelo processo educacional é uma das características principais desse tipo de educação.

Horkheimer em seu texto *Autoridade e família*, discute que a predisposição social à adaptação a uma determinada ordem, seja ela justificada com base em argumentos de ordem pragmática, moral ou religiosa, baseia-se essencialmente na memória de atos de coação através dos quais os homens se tornam sociáveis e civilizados, atos que ainda ameaçam. Na memória está a dor que não se deixa esquecer, nos ritos de iniciação, ritos religiosos que trazem um sistema de atos de crueldade⁹⁷.

Para Horkheimer a autoridade desempenha um papel decisivo na vida de grupos e indivíduos nos mais diversos campos e em todas as épocas. Ela sempre esteve ligada à obediência às ordens e instruções.

As relações dos indivíduos face à autoridade, relações que são determinadas pelo processo de trabalho, condicionam uma ação conjunta das instituições sociais para a criação e consolidação dos tipos de caráter correspondentes. Esta ação não se esgota em processos conscientes. Entre as relações que influenciam o perfil psíquico da maior parte dos indivíduos com recursos tanto a mecanismos conscientes como inconscientes, a família possui grande significado. Sua ação começa com o nascimento da criança desempenhando um papel decisivo no desenvolvimento das suas capacidades.

⁹⁷ HORKHEIMER, M. **Autoridade e família**. Tradução de Manuela R. Sanches e Teresa R. Cadete, Lisboa: editora apáginastantas, 1983, p. 47.

A família assegura, na sua qualidade de um dos mais importantes poderes educacionais, a reprodução dos caracteres humanos tais como são requeridos pela vida social, conferindo-lhes em grande parte a capacidade indispensável para o comportamento autoritário específico de que a manutenção da ordem burguesa depende em grande parte.⁹⁸

Assim, a autoridade está dentro da família, a primeira instituição social em que a criança convive durante sua vida e, na qual o pai, autoridade máxima dentro de casa, deve ser respeitado. Por sua vez, a família é o espelho da estrutura social e econômica que deve ser respeitada sem questionamentos. A autoridade severa é passada da sociedade para a família, continuada e reforçada pelo sistema educacional.

A adaptação, o conformismo e a aceitação da ordem vigente, é apreendida à força pelos educandos na escola e na família para que possam, futuramente, continuar em suas famílias a manter a ordem, ou seja, os pais aprenderam com seus pais e na escola a respeitar, a obedecer e se conformar com sua situação de vida e seus filhos aprenderão da mesma maneira a perpetuar o sistema.

Adorno concorda com Horkheimer quando este argumenta que a autoridade é importante para a constituição do caráter humano e, também quando adverte que a ausência anárquica da autoridade não é a solução para o problema da autoridade, pois é um exagero da autoconsciência burguesa da própria liberdade, que deveria se concretizar em todo momento e em toda parte. É preciso que o processo de trabalho social tenha conhecimentos mais diversificados e renuncie à divisão entre funções de comando e de execução. Assim, a categoria de autoridade adquirirá um novo significado. Se os bens de que os homens necessitam para viver já não surgirem no seio de uma economia de produtores livres, já que com o aparecimento da propriedade privada dos meios de produção, a divisão do povo em classes sociais antagônicas e do Estado – sempre a serviço da classe dominante – isso se tornou difícil, então a liberdade do indivíduo abstrato transformar-se-á no trabalho solidário de homens concretos cuja liberdade será apenas limitada pela necessidade natural. Dentro da disciplina do seu trabalho, se submeterão, com efeito, a uma

⁹⁸ HORKHEIMER, op. cit., p. 47.

autoridade, mas essa se limitará a executar os seus planos que já não serão o resultado dos interesses divergentes das classes.⁹⁹

Adorno tece críticas severas ao tipo de educação baseada na autoridade, já que ela é importante na educação, porém não deve se transformar num autoritarismo como o assumido pela educação tradicional, porque este tipo de formação não permite um esclarecimento capaz de preparar as pessoas para a autodeterminação. Há a necessidade da autoridade e não da severidade. A educação baseada na severidade pode ser considerada como uma idéia equivocada de que a virilidade consiste num grau máximo de capacidade de suportar a dor, o que é a fachada de um masoquismo que se identifica com muita facilidade ao sadismo.¹⁰⁰

Esse processo observado por Adorno, da pessoa se deixar agredir para poder agredir futuramente o outro, presente nesta educação para a disciplina através da dureza, nos trotes e rituais de iniciação, faz parte de um mecanismo de defesa do indivíduo, denominado pela psicanalista Anna Freud¹⁰¹ de identificação com o agressor. O processo de identificação é um dos atributos do superego e nele existe a possibilidade do agredido diminuir sua ansiedade, pois após receber uma crítica ou uma agressão se identifica com quem o agrediu e a devolve no outro, no mundo, sua agressividade. Quando o agredido passa a personificar os atributos do agressor, ele deixa de ser passivo e se torna ativo.

Isso pode ser observado na maneira como o aluno reage à forma sádica como que é tratado pelo professor. O aluno suporta as humilhações que recebe do professor, porque tem o desejo de poder humilhar o outro na primeira oportunidade que surgir. Por exemplo, quando um aluno faz uma pergunta óbvia na sala de aula e o professor lhe responde de forma irônica ou grosseira, possivelmente o aluno não responderá a autoridade do professor, mas quando surgir uma situação parecida a essa ou a mesma pergunta, não será o professor quem dará a resposta, mas os próprios alunos que não perderão a oportunidade de se vingar (no colega, mesmo não sendo na professora) da “humilhação” que tiveram que suportar na ocasião anterior, inclusive aquele que fez a pergunta na primeira vez. Outro fator

⁹⁹ Cf. HORKHEIMER, op. cit., p. 95.

¹⁰⁰ Cf. ADORNO, 1995a, p.128.

¹⁰¹ FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

interessante de se observar é a forma como os alunos se tratam, normalmente eles refletem a maneira como são tratados pelo professor.

O aluno se projeta no professor, pois vê nele um ideal de ego. A personalidade do professor representa para o aluno um ponto de projeções psíquicas, mas quando o professor exerce sua autoridade gera uma confrontação. No entanto, a autoridade é importante no desenvolvimento da personalidade do aluno e, é isso que a psicanalista Anna Freud nos esclarece, o significado e a importância da introjeção da autoridade para o desenvolvimento da moralidade no indivíduo, que só ocorre quando a autoridade for introjetada a ponto da pessoa ser crítica de seus atos, mecanismo que ocorrerá no superego.

Um ego que, com a ajuda do mecanismo de defesa da projeção, evolui nesse sentido, introjeta as autoridades a cuja crítica está exposto e incorpora-as no superego. [...] Esse estágio no desenvolvimento do superego é uma espécie de fase preliminar da moralidade. A verdadeira moralidade começa quando o criticismo internalizado, agora consubstanciado no padrão imposto pelo superego, coincide com a percepção pelo ego de suas próprias faltas. A partir desse momento, a severidade do superego volta-se para dentro e não para fora e o sujeito torna-se menos intolerante em relação às outras pessoas. Mas assim que atingiu esse estágio em seu desenvolvimento, o ego tem de suportar a 'dor' mais aguda ocasionada pela autocrítica e o sentimento de culpa.¹⁰²

Ao desenvolver o conceito de sentimento de culpa, Sigmund Freud observa que a agressividade humana é introjetada, internalizada, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego, ficando guardada numa parte do ego, o superego (de forma consciente) que põe em ação contra o ego a mesma agressividade que gostaria de satisfazer sobre outro indivíduo. Isso é denominado pelo autor de sentimento de culpa, punição.¹⁰³

O sentimento de culpa pode ter duas origens: uma que surge do medo da autoridade externa que provoca a repressão do desejo e outra, posterior, da

¹⁰² FREUD, A., 1986, p.101.

¹⁰³ Cf. FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. 1997, p.83.

autoridade internalizada no superego, que ao mesmo tempo que provoca a repressão do desejo, também exige punição, pois os desejos proibidos não podem ser escondidos do superego.

Quando a criança recebe uma crítica e a devolve no outro de maneira agressiva, ela não realiza o processo essencial para a formação da consciência moral, que é a autocrítica, pois externaliza esta crítica através de práticas sádicas e não reflete sobre elas.

A educação necessita dos conhecimentos da psicologia para compreender determinados fatos que produzem comportamentos que vão contra o propósito de qualquer educação que não permita a reincidência à barbárie. Para Adorno, tanto é necessário tornar consciente este mecanismo sadomasoquista quanto promover uma educação que não premie a dor e capacidade de suportá-la.

[...] a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto essa realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido.¹⁰⁴

Adorno discute com muita propriedade o que é ser professor em seus ensaios *Tabus acerca do magistério*¹⁰⁵ e *Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos*¹⁰⁶. Ele comenta que os professores que se formam na universidade apresentam um comportamento de aversão inconsciente ao magistério, devido às condições materiais a que são submetidos (professor – profissão de fome). Porém, existe uma discrepância entre a posição material do docente e a sua exigência de status e poder. Esses são alguns dos tabus (representações pré-conscientes ou inconscientes dos eventuais candidatos ao magistério) em relação a essa profissão.

Percebe-se no transcorrer da história a imagem do professor com um certo menosprezo. Segundo Adorno, isso é devido à separação do trabalho físico do

¹⁰⁴ ADORNO, 1995a, p.129.

¹⁰⁵ ADORNO, T.W. *Tabus acerca do magistério*. In: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

¹⁰⁶ ADORNO, T.W. **Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos**. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin. UFSCar: publicação interna, 2002.

intelectual. “O professor é o herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte de suas funções, o ódio ou a ambigüidade que caracterizam o ofício do monge é transferido para o professor.”¹⁰⁷

No entanto, há outras profissões que também são exclusivamente intelectuais, mas que não são desprestigiadas como o magistério. É o caso, por exemplo, dos juízes e funcionários administrativos. A diferença está na forma de poder que cada um possui. Os juízes têm um poder real delegado, enquanto que a opinião pública não leva a sério o poder do professor que é um poder sobre sujeitos civis não plenos, as crianças.¹⁰⁸

Por trás da imagem negativa do professor encontra-se o homem que castiga; a imagem do professor como sendo aquele que é fisicamente mais forte e castiga o mais fraco. O saber que dispõe lhe confere uma autoridade frente aos alunos, e não abre mão dela.

Adorno faz comentários sobre o tipo de aula ministrada e preferida pelos alunos, ligado a autoridade do saber do professor.

É só pensar como o professor universitário pode dispor da cátedra em longas exposições sem qualquer contestação, para se compartilhar este resultado. Quando a seguir o professor oferece aos alunos a oportunidade de perguntar, procurando aproximar a aula expositiva de um seminário, ironicamente há muito pouca reciprocidade por parte dos alunos. Estes hoje em dia parecem preferir aulas como preleções expositivas dogmáticas.¹⁰⁹

Esse comportamento dos alunos, observado por Adorno em 1965, parece não ter sofrido muita alteração, já que principalmente nos cursos de exatas, são considerados melhores professores, aqueles que reprovam o maior número de alunos, até mesmo por várias vezes.

Como observa Freud, a sociedade é baseada na força física e consegue impor suas determinações quando é necessário mediante a violência física. A integração civilizatória deveria ser promovida pela educação, mas pode ser realizada

¹⁰⁷ ADORNO, 1995b, p. 103.

¹⁰⁸ Cf. *ibid.*, p. 103.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p.106.

pelo potencial da violência física. Violência esta que é delegada pela sociedade, mas ao mesmo tempo negada.

Adorno utiliza a imagem do professor como um veterano (soldado antigo) que ensinava em escolas primárias nos séculos XVII e XVIII, como uma espécie de mutilado, como pessoas que não têm outra utilidade na sociedade, contribuindo apenas à continuidade do conjunto e de sua própria vida.¹¹⁰ Para ele essa imagem só cessará e alguma mudança virá quando acabar e não tiver nenhum resquício de punição na memória escolar, ou seja, as mudanças devem vir para eliminar qualquer lembrança da violência dentro da escola.

A minha hipótese é que a imagem de 'responsável por castigos' determina a imagem do professor muito além das práticas dos castigos físicos escolares. [...] Ainda que em termos bastante brandos, repete-se na imagem do professor algo da imagem tão afetivamente carregada do carrasco.¹¹¹

Assim, a imagem do professor só mudará quando o seu comportamento não for mais violento.

Na perspectiva de Adorno há dentro da escola uma dupla hierarquia: a hierarquia oficial, conforme o intelecto, o desempenho, as notas, e a hierarquia não-oficial, em que a força física, o "ser homem" e todo um conjunto de aptidões prático-físicas não honradas pela hierarquia oficial desempenham um papel.¹¹² Partindo dessas colocações, podemos pensar a hierarquia que vivenciamos em nossas escolas hoje. A direção da escola orienta e coordena o trabalho do professor. Esse, por sua vez, orienta e coordena o trabalho dos alunos. Os alunos normalmente trabalham em duplas ou em grupos e entre eles sempre há um que coordena a atividade. Entre os alunos também há uma hierarquia de força, pois o mais forte sempre se impõe sobre o mais fraco, seja na forma de ameaças, brigas explícitas ou até mesmo nos olhares. Esta estrutura hierárquica tem sua forma de expressão que não é tão oficial, mas observável, na forma como as "ordens" são dadas e na maneira de expressão dos envolvidos na situação escolar.

¹¹⁰ Cf. *ibid.*, p. 106 e 107.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 107.

¹¹² Cf. ADORNO, 1995b, p.111.

A poesia de José Paulo Paes, intitulada *Escola*, expressa bem essa relação hierárquica dentro da escola.

Escola

Escola é o lugar aonde a gente vai quando não está de férias.

A chefe da escola é a diretora.

A diretora manda na professora.

A professora manda na gente.

A gente não manda em ninguém.

Só quando manda alguém plantar batata.

Além de fazer lição na escola, a gente tem de fazer lição de casa.

A professora leva nossa lição para casa dela e corrige.

Se a gente não errasse, a professora não precisava levar lição para casa.

Por isso é que a gente erra.

Embora não seja piano nem banco, a professora também dá notas.

Quem não tem notas boas, não passa de ano.

(Será que fica sempre com a mesma idade?)

José Paulo Paes¹¹³

Esta poesia expressa bem a hierarquia escolar: a diretora que manda na professora, que manda nos alunos que não mandam em ninguém, mas que reagem através de brigas com os colegas, destruição do patrimônio escolar (estragam as carteiras, sujam as paredes, rabiscam as mesas e os cartazes, arrombam os armários dos professores etc.), na sujeira que fazem nas classes, nos banheiros e no pátio, e até na forma como tratam alguns professores, com desrespeito, ameaças e ofensas. A segunda estrofe ilustra exatamente o sentimento dos alunos em relação à professora: ela obriga o aluno a fazer a lição na escola e em casa, em contrapartida, ela tem que corrigir tudo na sua casa, portanto, o aluno precisa errar

¹¹³ PAES, J.P. "Escola". In: LISBOA, H. **Palavra de poeta: poesia**. São Paulo: Ática, 2001, p. 19. (Coleção literatura em minha casa, v. 1).

para dar trabalho para a professora e poder “se vingar” do trabalho que ela o obrigou a fazer¹¹⁴.

No entanto, Adorno ressalta que esta hierarquização não é exclusiva da escola, ela é o reflexo da sociedade, do capitalista e está presente em várias instituições, inclusive na família, que na verdade é a expressão dessa sociedade mais ampla. O pai é o chefe da família que manda na mulher, que manda nos filhos. A forma de reagir a esta hierarquia, muitas vezes é reforçada nas atitudes. Quantos pais discutem ou recebem críticas no trabalho e chegam nervosos em casa, descarregando na mulher toda a raiva que tiveram que conter? A mãe, por sua vez, fica irritada e briga com os filhos, que acabam vendo a briga entre os pais, a violência dentro de sua casa. Quantos de nossos alunos não presenciam diariamente esta situação? A violência vai sendo introjetada pela criança na sua casa, no relacionamento familiar.

Adorno desenvolve os fatores envolvidos no relacionamento entre professores e alunos. Um deles se refere à identificação dos alunos com os professores. O autor se remete ao conceito psicanalítico do complexo de Édipo para explicar esta relação. O complexo de Édipo está ligado à figura paterna, a separação do pai e a interiorização desta figura, quando as crianças notam que os próprios pais não correspondem ao ideal de ego que lhe transmitiam. Na relação com os professores esse ego ideal se reapresenta pela segunda vez e há a expectativa de poder se identificar com os mesmos. Mas, por várias razões novamente isso não é possível, sobretudo porque os próprios professores constituem produtos da imposição da inadequação contra a qual se dirige o ego ideal da criança ainda não preparada para vínculos de compromisso.¹¹⁵ O professor é um profissional, ao contrário da imagem que a criança tem de alguém que corresponda ao seu ideal de ego.

Esta questão também foi tratada por Adorno no texto *Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos*. O filósofo nos esclarece que a personalidade do professor representa para os alunos um ponto focal para todas as diversas

¹¹⁴ O trabalho enquanto professora da rede municipal de São Carlos nos permite apresentar estas observações sobre a hierarquia não-oficial. Há dois anos trabalhamos numa escola da periferia da cidade. Esta escola atende alunos de 1ª a 8ª série, sendo que no período da manhã funcionam as classes de 5ª a 8ª série; no período da tarde, as classes de 1ª a 4ª série; no período noturno as classes de Educação de Jovens e Adultos (supletivo de 1ª a 8ª série). Portanto, nos restringimos exclusivamente a essa escola que apresenta nos últimos 3 anos, grandes preocupações com relação à indisciplina e à dificuldade de trabalho dos professores com os adolescentes do período da manhã.

¹¹⁵ Cf. ADORNO, 1995b, p. 111.

projeções psíquicas. Todos desejam algo do professor, pois confiam nele. Porém, esta imagem desfalece quando o professor realiza uma de suas tarefas, a cobrança, a exigência.

O autor argumenta que a criança é retirada muito cedo da comunidade primária [a família – hoje em dia as crianças vão à escola ainda bebês, porque os pais (pai e mãe) precisam trabalhar para sustentarem seus filhos] que oferece relações imediatas, protetoras e cheias de calor. Assim, a escola é o protótipo da alienação social. O agente dessa alienação é a autoridade do professor e a resposta a ela é a apreensão negativa da imagem dele, porque exige algumas privações das crianças para se tornarem civilizados.

O magistério também é uma profissão burguesa. [...] O professor não é aquela pessoa íntegra que forma a expectativa das crianças, por mais vaga que seja, mas alguém que no plano de todo um conjunto de outras oportunidades e tipos profissionais concentrou-se inevitavelmente como profissional na sua própria profissão, sendo propriamente já *a priori* o contrário daquilo que o inconsciente aguarda dele: que precisamente ele não seja um profissional, quando justamente ele precisa sê-lo.¹¹⁶

A dimensão racional no professor é muito forte e prevalece no relacionamento com os alunos, mas esses, por sua vez, procuram o lado humano no professor. A criança busca o ser humano no professor, isso é demonstrado pelo grande interesse que eles tem em saber o que acontece com o professor fora da escola.

O relacionamento entre professor (indivíduo maduro, que assimilou e compreendeu muito de si, autoconsciente de sua sapiência e seguro) e alunos (uma coletividade não padronizada que representa uma pluralidade psicológica) é marcado pelo propósito do primeiro ensinar os segundos e fornecer-lhes um padrão. O professor tem claro o seu objetivo, que não é claro pela maioria, que não se deixa alcançar. Assim, o professor opta por separar o diferente e conscientemente rotula os alunos. As conseqüências disso não são visíveis, o que torna mais difícil a identificação do fenômeno.

¹¹⁶ ADORNO, 1995b, p. 111- 112.

As conseqüências da rotulação na psique dos alunos são fortemente subestimadas, sendo que tal fato relaciona-se ao preconceito de que a psique infantil é menos sensível às influências externas do que a psique do adulto. E este preconceito se faz ainda bastante presente, pois arrastou-se ao longo do tempo.¹¹⁷

A rotulação sofrida por uma criança pode lhe gerar um sentimento de incapacidade que será refletida na sua personalidade e em todas as suas atividades futuras. Adorno deixa isso bem claro quando diz que a criança assimila o rótulo de tal modo que se desenvolve continuamente uma série de importantes traços de sua índole. No grupo, a criança é classificada e isso representa uma agressão ao seu ego. As notas e o boletim são os símbolos da rotulação. O resultado disso é o estímulo cada vez mais violento, a sobriedade, a racionalidade e a frialdade da psique juvenil, que anteriormente era calorosa e afetuosa.¹¹⁸

Para o aluno, o professor é a pessoa com o qual ele passa o tempo e que lhe narra e representa a beleza e espera se deparar com algo misterioso, uma vez que a escola significa o novo, o desconhecido. A primeira decepção que o aluno tem é de que a imagem que tinha do professor não corresponde àquela que foi inconscientemente idealizada, pois o professor está preocupado com o seu objetivo (ensinar) puramente racional, que é estranho ao aluno.

A segunda decepção aparece quando o aluno descobre uma área do conhecimento que lhe atrai, mas o professor o obriga – sempre a serviço do seu objetivo – a ocupar-se com este propósito que lhe é estranho, não tendo espaço nas atividades escolares para poder se expressar, de tal modo que o aluno começa a sentir resistência, é engendrada uma atmosfera de desconfiança e nasce o ódio, que num primeiro momento se faz presente em sua forma mais primitiva, ou seja, na resistência simples e imediata, mas depois prevalecem algumas de suas derivações como a inveja, o rancor e o impulso para a representação.

Adorno observa que estas condições e sentimentos que vão sendo despertados no aluno culminam no preconceito (rótulos) em relação ao professor; um juízo originado desde o início de um falso pressuposto observado tanto na

¹¹⁷ ADORNO, 2002, p. 5-6.

¹¹⁸ Cf. *ibid.*, p. 6.

estratificação psíquica incongruente de ambas as relações, quanto na consideração do professor como um indivíduo racional.

Torna-se determinante, para as relações psíquicas entre os professores e alunos, a colocação e a aceitação de juízo de valor por parte dos alunos, sendo que tais juízos são subjetivamente determinados e padronizados.¹¹⁹

Este espírito de recusa provoca uma reação psíquica no professor, que passa a utilizar uma série de instrumentos de poder para alcançar o seu objetivo. Passa a sub-avaliar o aluno, considerando-o como um indivíduo inferior. Adorno define este comportamento do professor como a soberba espiritual, ele age com o aluno do mesmo modo como alguém repele várias moscas pequenas e inconvenientes. Em contrapartida, chega-se, finalmente, ao ponto, do conceito do professor ser condenado e odiado (juízo de valor criado pelos alunos), sem que o aluno seja capaz de sentir aquilo que é humano no professor. Estabelece-se nesse relacionamento um impulso para a representação, para o jogo de cena, cujo significado dificilmente pode ser suficientemente assimilado.¹²⁰

Para que o relacionamento entre professor e aluno seja melhor, Adorno sugere um tipo de conhecimento que possa desvelar o atual estado de coisas, bem como o modo como esse se estrutura. Estes mecanismos psicológicos precisam tornar-se conscientes para o professor, de modo que possa refletir e repensar sua prática e suas atitudes.

Discutir com os alunos sobre o fato de que ele, professor, é um ser humano, sujeito à falhas e acertos como qualquer outra pessoa, poderá contribuir para a elaboração dos modelos idealizados feitos pelos alunos, facilitando o processo de conservação e superação da autoridade que também se educa durante o processo de ensino-aprendizagem¹²¹.

Faz-se necessário uma auto-reflexão crítica, como já alertava Adorno: “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica”.¹²²

¹¹⁹ ADORNO, 2002, p. 8.

¹²⁰ Cf. *ibid.*, p. 8-10.

¹²¹ Cf. ZUIN, A.A.S. **A educação pela ironia**. São Carlos: EDUFSCar. 1999, p.6.

¹²² ADORNO, 1995a, p. 121.

Tanto a escola como o trote universitário, refletem as condições sociais mais amplas da sociedade, em que a violência está cotidianamente presente. Assim, podemos perceber que tanto o trote como a prática docente, estão pautados em práticas sadomasoquistas, no qual o princípio de provocar dor e sofrimento é visível. Portanto, o trote reflete o tipo de relacionamento e atividade que os veteranos vivenciam em seus cursos e que também serão vividos pelos calouros. Daí, a necessidade de tornar estas atividades conscientes para que possam ser repensadas e transformadas.

CAPÍTULO 3 – O TROTE UNIVERSITÁRIO NO BRASIL

Trata-se da instituição, às vezes violenta, outras vezes sutil, mas sempre agressiva e depreciadora do “trote a calouros” que pretende marcar a nova posição social do recém-ingressado no “santuário” da universidade de elite. Em todas as escolas superiores, o trote era instituição “valorizada” pelos acadêmicos veteranos, e às vezes até pelas vítimas: marcava o futuro distanciamento do universitário em relação à “plebe rude e inculta”...

Newton Ramos de Oliveira¹²³

3.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS DA UNIVERSIDADE NO BRASIL

Antes de tratarmos diretamente do trote no Brasil, faz-se necessário compreendermos o processo de desenvolvimento e expansão do ensino superior no país, já que o trote é uma tradição da universidade.

Loureiro destaca que a idéia de criação de uma Universidade no Brasil é antiga, desde 1553, quando os jesuítas observando a fundação da Universidade Real e Pontifícia Universidade do México, entenderam que a ocasião era propícia para que igual providência tivesse êxito no Brasil. Em 1575 a idéia praticamente se concretizou, embora não tendo o nome de Universidade, pois o Colégio da Bahia conferiu títulos de bacharéis e nove anos depois o de doutor. Em 1597 foi obtida de Roma autorização ao Colégio para conferir graus acadêmicos. No correr do século XVII não mais se falou no assunto.¹²⁴

Cunha argumenta que o ensino superior passa a se expandir com a criação e o desenvolvimento dos estabelecimentos de ensino, a partir de 1808, quando houve a transferência da sede do reino português para o Rio de Janeiro¹²⁵. Nesse ano

¹²³ RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Sapere Aude**. (A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto no período de 1957-1964). São Carlos, UFSCar/CECH/PPGE (Dissertação de Mestrado), 1989, p.78.

¹²⁴ LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. **História das universidades**. São Paulo: Estrela Alfa Editora, S.D. p. 431.

¹²⁵ CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã** – Da Colônia à Era de Vargas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 99.

foram criadas as cadeiras de anatomia (no Rio de Janeiro) e cirurgia (no Rio de Janeiro e Bahia). Essas foram o embrião das faculdades de medicina e de farmácia. Em 1813 foi criada a Academia de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, oferecendo os cursos de médico e cirurgião. No ano de 1832 as Academias de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia foram transformadas em faculdades.

Após a Proclamação da Independência do Brasil, em 1822, surge a necessidade do ensino jurídico para a formação de quadros para o Estado. Assim, em 1827, são criados os cursos jurídicos no convento de São Francisco (também conhecido como Arcadas) em São Paulo, e no mosteiro de São Bento, em Olinda. Em 1854 os cursos jurídicos foram transformados em Faculdades de Direito.

O ensino de engenharia surgiu no Brasil da diferenciação do ensino militar. Foi em 1874 que o ensino de engenharia passou a ser totalmente realizado em estabelecimento e com objetivos não militares. Em 1858 é criada a Escola Central no Rio de Janeiro, com os cursos de engenharia civil e engenharia geográfica, além do início da formação militar. Só em 1874 a Escola Central passou para a administração do Ministério do Império com o nome de Escola Politécnica (no Rio de Janeiro), destinada ao ensino de engenharia.¹²⁶

O termo universidade aparece no contexto brasileiro somente no século XX, quando em 1920 foi decretada a instituição da Universidade do Rio de Janeiro, no governo de Epitácio Pessoa. A Universidade do Rio de Janeiro reunia a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito. Com a criação desta Universidade, estava lançada a base de que se irradiaram as demais instituições universitárias no país¹²⁷.

Já em São Paulo o primeiro curso superior criado, ainda nos tempos imperiais, foi a Faculdade de Direito (1827) mantida pela União. No final do século XIX foram criadas a Escola Politécnica (1894) e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba (1899). No âmbito do ensino particular foram criadas a Escola de Farmácia e Odontologia (1899) e a Escola de Engenharia do Mackenzie (1891). Alguns anos mais tarde foram criadas a Escola de Medicina (1912), pública e as particulares: Faculdade de Filosofia São Bento (1908), a Faculdade de Medicina

¹²⁶ Cf. CUNHA, op. cit. p. 101,102,103.

¹²⁷ Cf. LOUREIRO, op. cit., p. 436.

Veterinária (1928), a Faculdade de Filosofia (1933), a Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e a Escola Paulista de Medicina (1933).

Em 1934 é criada a Universidade de São Paulo (USP), na cidade de São Paulo, seguindo o padrão brasileiro de criação de universidade, ou seja, incorporando as faculdades existentes, sendo dez escolas superiores, cinco públicas e cinco particulares: Direito, Politécnica, Medicina, a Escola de Agricultura de Piracicaba, a Medicina Veterinária e criou uma nova escola, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Mesmo antes da criação da USP grandes cidades do interior (Santos, Campinas, Ribeirão Preto e outras) já possuíam faculdades criadas pela iniciativa privada, muitas delas efêmeras. Eram escolas superiores de Farmácia, Artes, Contabilidade e Economia, Odontologia etc. No entanto, é apenas no final dos anos 40 que o governo do Estado inicia uma política de interiorização da universidade criando, em 1948 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, a Escola de Engenharia de São Carlos, ambas pertencentes à USP e a Faculdade de Direito de Campinas, que jamais foi implantada.

Na década de 50 surge a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) de 1955, com inúmeras faculdades isoladas, particulares e, principalmente, as seis primeiras Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, institutos isolados de ensino superior, criados e mantidos pelo governo estadual e que justamente com outros criados posteriormente vão compor, em 1976, a UNESP, a terceira universidade pública estadual paulista. No período de 1950 a 1961 foram criadas 42 faculdades não estaduais.

Na década de 60 foi criada outra grande universidade estadual, a UNICAMP (1966). As décadas de 60 e 70 foram marcadas pela política educacional dos governos militares em resposta às pressões do movimento estudantil por mais verbas e mais vagas na universidade. Assim, foi criada a UFSCar (1968), ficando para a iniciativa particular a tarefa de acolher a imensa maioria dos estudantes “excedentes”. É o período de expansão do ensino superior particular, devido a facilidade no reconhecimento da instituição e a pouca exigência de qualidade.

3.1.1. A chegada da tradição

O trote universitário foi trazido para o Brasil pelos estudantes que freqüentaram as universidades européias, principalmente a de Coimbra, de onde já vinham com os seus hábitos e costumes.

Mattoso¹²⁸ ressalta que os trotes portugueses foram registrados em depoimentos autobiográficos e composições literárias, como o célebre *Palito métrico*, de 1746 (data da 1ª edição) que traz uma coletânea de poemas, cartas e recomendações. No *Palito* é possível observar como eram os trotes em Coimbra, conhecidos como “troça”. As principais características da troça eram: agressão física; humilhação de ser reduzido à quadrúpede, montado e escarnecido; o banquete do qual o calouro só participava como anfitrião e garçom, além de só falar quando fosse permitido, fazer as vontades e ser submisso aos veteranos e só sair de casa acompanhado por um deles. Outros costumes dos trotes lusitanos eram os cortes de cabelo, as palmatoadas e o canelão (chute na canela recebido pelo calouro ao entrar na sala de aula). As latadas eram feitas, principalmente, em ocasião de “emancipação” dos calouros, a etapa final. Mattoso descreve o provérbio de Coimbra sobre o calouro: “Ser calouro é ser asno de ouro, e ser asno é ser quase lente e menos que gente...”¹²⁹

Almeida Júnior faz uma interessante descrição de como eram as latadas.

Para se perceber o alcance diabólico do toque das latas, faz-se mister lembrar que três dias antes da prova oral eram publicados os pontos para o exame. Divulgados esses pontos, devemos presumir que os estudantes iriam recolher-se aos seus aposentos para rever a matéria. Aqui, é oportuno advertir, como base na observação universal, que os promotores de troças acadêmicas (falo de Coimbra, não de S. Paulo) são geralmente pouco amigos do estudo, invejosos dos que estudam, e nada há que os irrite tanto como saber que seus colegas estudiosos (os “ursos”, dizem em Coimbra) estão queimando as pestanas nas “sebentas” (“sebentas” são as apostilas). Daí a invenção infernal. Amarram a cada calouro, por comprido fio de

¹²⁸ MATTOSO, Glauco. **O calvário dos carecas**. São Paulo: EMW Editores, 1985, p.66-75.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 75.

arame, uma lata vazia. À noite, reúnem todos, como a um rebanho, e os põem em marcha através das ruas, tangidos pelo cacete (ou moca), que os tais veteranos gostavam de trazer sempre consigo. (...) Mas não pára aí a brincadeira. Nas noites subseqüentes, até o dia do exame, os calouros, se quiserem sair à rua, hão de juntar-se em grupos de pelo menos seis, na primeira noite, e de três na segunda, só podendo andar sozinhos na terceira; e em qualquer delas hão de arrastar atrás de si latas velhas. E se um houver, que não traga lata, todos os do grupo levarão pancada.¹³⁰

Já em 1831 houve, segundo Bevilacqua, um caso de morte devido ao trote aqui no Brasil.

Matriculara-se no primeiro ano Francisco da Cunha e Meneses, filho do Visconde do Rio Vermelho, e, no dia 29 de março, achando-se à porta de um bilhar, foi alvejado pelos costumados motejos do quartanista Joaquim Serapião de Carvalho. Houve reação, travou-se luta corporal, vibraram-se bengaladas, e, afinal, Cunha e Meneses, ferido na ilharga por uma facada, faleceu duas horas e meia depois.¹³¹

O trote introduzido em São Paulo com o Curso Jurídico das Arcadas, de acordo com Almeida Júnior, teve menos brutalidade, menos mesquinharía que o trote europeu e até mesmo que o de outras cidades brasileiras. O trote consistia em jogar balas de estalo nos calouros e em pôr-lhes na cabeça uma carapuça vermelha. O primeiro incidente ocorre em 1861, quando o bacharelendo Stockler de Lima quis proteger o seu irmão calouro e, por isso, saiu ferido. Tudo acabou em paz, tendo os quintanistas pedido aos quartanistas que dissessem aos terceiranistas que mandassem os secundanistas perdoar os calouros¹³². Nessa passagem, podemos perceber o desprezo e a superioridade dos alunos que estavam mais adiantados em relação aos alunos mais novos: os quintanistas continuavam mandando nos alunos do ano posterior, sendo que estes, mesmo obedecendo às ordens dos seus

¹³⁰ ALMEIDA JÚNIOR, op. cit. p. 53.

¹³¹ BEVILACQUA, 1977, apud, MATTOSO, 1985, p. 79

¹³² ALMEIDA JÚNIOR, op. cit., p. 53-54.

veteranos, mandavam naqueles que eram mais novos e assim sucessivamente. Observamos que nessa estrutura hierárquica a submissão só é compensada pela idéia de poder mandar no outro, portanto, o aluno se deixa dominar para poder dominar o mais novo.

Outro incidente ocorre em 1878. Neste ano o trote consistiu em assobios e vaias que se prolongaram até o segundo semestre. Os calouros, irritados, reagiram aos assobios, levantaram a cabeça e gritaram protestando. A polícia interveio e houve uma união dos alunos contra ela, resultando em sangue e feridas.

Mattoso destaca algumas práticas do trote que foram herdadas de Coimbra e que eram usuais nos cursos jurídicos. Uma delas é a famosa *peruada*, que ocorria no dia 11 de agosto. Tanto em São Paulo como em Olinda neste dia eram realizadas exposições oratórias, geralmente engajadas nas campanhas cívicas do momento, como abolicionismo ou o republicanismo e, posteriormente, desfiles de carros alegóricos satirizando os fatos políticos. Nestes eventos os calouros eram empoleirados à força em carroças e exibidos pelas ruas como animais.¹³³ Talvez seja esse um dos motivos do calouro ser chamado de “bixo”, comparado a um animal, mas com um diferencial, o vocábulo é escrito com x e não com ch, possivelmente para demonstrar que o calouro como um animal, precisa ser “domesticado”¹³⁴. Segundo algumas frases ou mesmo o provérbio já citado anteriormente, o calouro não é considerado gente nem animal, é menos que isso.

Outra prática era a do banquete custeado pelos calouros, com a variante taxa de arrecadação do calouro destinada à promoção de bailes ou *shows*. Segundo Mattoso às vezes era cobrada devido a obrigatoria aquisição de um diploma de burro, com os seguintes dizeres:

Nem tudo que luz é ouro;
Nem todo sopapo é murro;
Nem todo burro é calouro;
Mas, todo calouro é burro.¹³⁵

¹³³ Cf. MATTOSO, op. cit. p. 83.

¹³⁴ Cf. ZUIN, A.A.S. **O trote na universidade**. Passagens de um rito de iniciação. São Paulo: Cortez, 2002, p. 35.

¹³⁵ VAMPRE, 1924, apud, MATTOSO, 1985, p. 84.

Em São Paulo o calouro até a emancipação estava sujeito ao tratamento habitual como dançar, recitar versos, improvisar discursos bestialógicos, ser enfarinhado ou encarvoado e obrigado a sair nas ruas da cidade.

Já nos cursos de medicina as brincadeiras pareciam ter sido mais pesadas. Os novatos eram sempre recebidos nas aulas com gritos ensurdecedores, assobios, palavras deprimentes e ofensivas, vaias porque tinham que passar por um saguão onde tudo acontecia. Também sofriam outras “provas” como percorrer a cidade em bandos com o paletó virado pelo avesso e seguidos pelos veteranos; discursar em público, já que a maioria tinha grande dificuldade de falar. Havia, também, o banquete (um jantar) oferecido pelos novatos, em que eles eram os garçons.¹³⁶

Nos cursos de engenharia as manifestações de rua foram mais pacatas, porém, mais violentas com relação às atividades realizadas dentro das instituições. Os trotes realizados na Escola Politécnica de São Paulo, começavam com várias ameaças dos veteranos e culminavam no seguinte sacrifício:

Foi, pois, sob a humilhante situação de “bichos” encurralados, que, certa manhã, no final da aula do Dr. Shalders, logo que este abandonara a sala, vimos à porta a tal comissão de trote, que ali colocara bancos, barrando a nossa passagem de modo intencional. A gritaria era ensurdecedora (...) Nas suas mãos viam-se (...) grandes pacotes de farinha de trigo e de pó de sapato, com que seríamos batisados, depois das dansas e dos “bestialógicos”. (...) levavam a vítima, a golpes de cacholetas¹³⁷, até a porta e aí faziam-na saltar dois bancos, colocados um sobre o outro, com os pés juntos e sempre sob a saraivada de cacholetas. Se o “bicho” pulasse o obstáculo, ia para o pátio para esperar a peruada; se, o que era freqüente, não dava o pulo suficiente, a dose de cacholetas era dobrada e ele ia, sempre apanhando e quase de rastros, para a mesma espera.¹³⁸

¹³⁶ Cf. MATTOSO, op. cit., p. 85-86.

¹³⁷ Segundo a Nova Enciclopédia Brasileira de Consultas e Pesquisas, 1980, o vocábulo cacholeta significa: pancadas na cabeça com a mão ou cascudo.

¹³⁸ D'ALESSANDRO, 1943, apud MATTOSO, 1985, p. 86-87.

Também era realizado o banquete, promovido pelos calouros e realizado num lugar bonito da cidade, sendo que os calouros não participavam, somente contribuía com o dinheiro para a festa e com doações à Cruz Vermelha.

Nas escolas militares o trote era caracterizado pela violência física, devido as condições de formação dos oficiais militares pautada na virilidade, bravura, estoicismo, resistência física e cega obediência à hierarquia.

Mattoso dá um exemplo do trote nas escolas militares, o conhecido trote físico, chamado *angustômetro* (porque foi inventado pelo tenente Augusto de Sá), em que a vítima era obrigada a se curvar com o indicador no chão e tinha que girar correndo sem desencostar o dedo, até que os rins não agüentem. Este método também é utilizado pela polícia para tortura.¹³⁹

Um fato interessante é que nas escolas militares o aluno recém-chegado não é denominado calouro, mas sim “bicho”, e o termo calouro é reservado aquele que tem dois anos de casa.

Sertório de Castro (1910) destaca como eram os trotes nas mais tradicionais escolas militares: as da Praia Vermelha e do Realengo, no Rio de Janeiro, e a das Agulhas Negras, em Resende. O calouro era despido quase que completamente ao chegar no internato e amarrado a uma cama de ferro, sendo que sobre o seu corpo passeavam as chamas de um jornal aceso. Caso obedecesse com passividade às ordens dos veteranos poderia diminuir os seus tormentos, como a privação de almoçar, jantar ou de ambos. Um outro tipo de castigo era o chamado “suador de colchão”, ou seja, uma pilha de seis ou mais colchões sobre o novato, que para o castigo tinha de se deitar em uma cama de onde poderia sair só depois de trinta ou quarenta minutos, exausto e lavado de suor. Também havia a “janela”, em que o novato ficava mais de horas na mesma posição enclausurado numa prisão formada por uma grade saliente e recurvada que guarnecia toda a janela e pelos batentes e vidraças fechadas sobre elas. Em geral, o calouro não comia doce, sua parte deste era revertida ao veterano. Era obrigado a engraxar as botinas dos veteranos, pôr-lhe água na moringa e oferecer-lhe de tudo o que precisava. Suas encomendas (principalmente, doces caseiros) eram roubadas pelos veteranos, (esses últimos exemplos nos fazem lembrar dos trotes medievais europeus). Os veteranos também perturbavam o sono dos calouros, pois quando eles chegavam no quarto e o novato

¹³⁹ MATTOSO, op. cit. p. 87-88.

já estava dormindo, eles o acordavam e faziam-no ajudar a despir-lhes, fazer cafunés ou contar-lhes histórias para dormir. O mais temido dos trotes era o “carnaval”, quando os veteranos invadiam os quartos vestidos com máscaras, batendo em latas de querosene, cantando e com jornais acesos, obrigavam os calouros a segui-los até a praia e com muito frio, eram submetidos a banhos de areia. O período de “bicho” durava seis meses até a época do exame de habilitação, quando passava a “veterano honorário”, em que não dava nem recebia trote.¹⁴⁰

Mattoso destaca outros tipos de trotes violentos realizados nas escolas militares: o *pingüim*, o novato tinha que ficar nas pontas dos pés, vagorosamente ir flexionando as pernas até chegar na posição mais incômoda e aí permanecer até que o veterano mandasse; a *garapinha*, era misturado num copo de água, o arroz, o feijão e verduras e o calouro tinha que ingerir; a *chulipas*, estalos dados nas pontas das orelhas; *estado-menor*, o novato deitava na parte da carteira do professor destinada a receber as pernas de quem se sentasse; outros permaneciam prostrados transversalmente à porta da classe, de modo a servirem de capacho para os que entravam e saíam; o *martelômetro*, o veterano descia o braço flexionado sobre o final da cabeça do calouro, atingindo-o com o cotovelo; a *ponte*, o novato se estendia sobre cadeiras para que o veterano lhe passasse por cima; o *ponche*, mistura de várias bebidas, café, sopa, limonada, com muito sal e açúcar, sendo que os novatos eram obrigados a beber; o *ventilador*, o calouro sopra o veterano para aliviar o calor; o *crucifixo*, ficar pendurado num armário sem tocar o chão com os pés; os *mascofes do domador*, o calouro é transformado, sozinho ou em grupo, em animal de circo.¹⁴¹

Há registros de mortes nas escolas militares, como demonstra Campos de Aragão.

A crônica das escolas militares registra que, no distante subúrbio carioca de Realengo, um calouro teria sido colocado, pés e mãos amarrados, sobre o desvio de uma linha de trem. E que dali ele seria retirado após a passagem da locomotiva, a exatamente cinco metros

¹⁴⁰ Cf. CASTRO, 1910, apud, MATTOSO, 1985, p. 88-89.

¹⁴¹ Cf. MATTOSO, op. cit. p. 92-93.

do desvio. Mas antes que os veteranos o fizessem – e a dois minutos de passagem da composição – o calouro teve um enfarte.¹⁴²

Mattoso discute que é difícil precisar até que ponto os governos republicanos interferiram ou não nos trotes aos calouros, mas afirma que alguns fatores incidiram direta ou indiretamente no comportamento dos alunos:

- A liberdade de imprensa. Sempre que os jornais denunciavam os abusos ou proporcionavam campanhas “moralizantes”, o trote sofreu declínio e vice-versa;
- O *esprit-de-corps*. Os regimes autoritários incentivavam a idéia de que um não denuncia o outro, o que favorecia a impunidade e incentivava o excesso;
- A repressão aos movimentos estudantis. A fim de desorganizar os movimentos estudantis como UNE e diretórios, a ditadura promoveu a discórdia e a rivalidade entre os estudantes;
- O engajamento. Sob governos repressivos e opressores é muito comum o envolvimento de estudantes em atividades políticas mais ou menos clandestinas, tanto de esquerda como de direita.¹⁴³

O autor também destaca que quando houve as campanhas “moralizantes” contra o trote, esse não deixou de existir, mas passou a ser praticado clandestinamente, isto é, não sendo assumido pelos diretórios, centros acadêmicos e demais órgãos representativos dos estudantes. Além dessas campanhas, houve também proibições, como em 1965 quando o reitor da PUC de São Paulo proibiu o trote prevendo penas disciplinares. Em 1967 há outra proibição pela direção da Faculdade de Direito do largo de São Francisco. No ano seguinte houve a proibição do reitor da Universidade do Paraná e em 1971 a reitoria do Mackenzie também proibiu. No entanto, estas proibições não deram muitos resultados, em 1970 um calouro de uma faculdade do interior ficou cego devido ao ácido que lhe jogaram no rosto e outro, seriamente espancado, perderia o uso de uma das mãos.¹⁴⁴

Os abusos do trote foram denunciados por jornais de grande circulação, como este trecho selecionado por Mattoso, do artigo “O problema do trote” do jornal “O

¹⁴² ARAGÃO, 1959, apud, MATTOSO, 1985, p. 94.

¹⁴³ Cf. MATTOSO, op. cit. p. 95-96.

¹⁴⁴ Cf. *ibid.*, p. 98.

Estado de S.Paulo”, de 21 março de 1971, que denuncia algumas práticas violentas que estavam acontecendo na época.

Já se noticiou, há alguns anos, que o “trote” aplicado a um estudante, a quem pintaram o corpo todo com determinada tinta, vedando-lhe a ação dos poros da pele, conduziu-o dias depois ao hospital, onde veio a falecer vítima dessa brincadeira. Daí para cá, ao que parece, essa tinta foi abandonada, mas... adotaram outras, cujo resultado se desconhece. Este ano, os requintes de malvadez voltaram-se para o outro rumo, mais “moderno” e, por certo, mais condizente com quem vai “p’ra frente”: alguns estudantes foram obrigados a ingerir pílulas e a fumar maconha; outros foram postos nus e embarcados em ônibus repletos de passageiros; outros ainda passaram por verdadeiras torturas físicas, que não pretendemos minudenciar. Convenhamos em que é demais.¹⁴⁵

Podemos perceber que mesmo causando danos físicos ou até a morte dos alunos, o trote era definido como uma brincadeira que gerou algumas vítimas, apesar do alerta de que estas atividades estavam sendo abusivas. A imagem da violência física nestas atividades reflete a “força” da tradição e a imagem que a sociedade já desenvolvia sobre a existência e a permanência de brincadeiras deste tipo.

Em 1980 ocorre mais um caso de morte, o calouro Carlos Alberto de Souza, da Universidade de Mogi das Cruzes é morto devido a socos na cabeça em um trote. Ele reagiu quando os veteranos tentavam cortar seu cabelo à força. Este fato desencadeou um projeto de lei apresentado em 1980 à Câmara Federal proibindo o trote em todo território nacional, mas não teve continuidade.¹⁴⁶

Outras tentativas de extinção do trote violento foram as campanhas desenvolvidas por veteranos pacifistas em favor do trote cultural, recreativo e beneficente. Entendiam como sendo trote cultural: palestras sobre o curso, baile e peça de teatro que os próprios calouros teriam que representar; assistir filmes de arte; usar a sigla MAC, não como Museu de Arte Contemporânea, mas como

¹⁴⁵ O Estado de S.Paulo, 1971, apud MATTOSO, 1985, p. 98.

¹⁴⁶ Idem, p. 98-99.

Movimento Anti-Comunista; participar de debates, assembleias sindicais, plantio de árvores (trote verde) etc.

O trote beneficente consistia numa mobilização como doações de leite, roupas, livros, mantimentos a entidades assistenciais e sangue aos bancos.

No entanto, Mattoso destaca que estas campanhas não extinguiram o trote violento, esse passou apenas a ser realizado na clandestinidade. Alguns métodos de trote se tornaram mais sofisticados, determinando a moda ao lado do corte de cabelo, pintura do corpo e da extorsão de dinheiro. O autor nos dá alguns exemplos destas atividades¹⁴⁷:

- A *ovação*: eram atirados nos calouros ovos, de preferência podres, acompanhados de farinha e pó de café.
- O *banho de lama*: os calouros eram obrigados a ficarem de cuecas e chapinhar num poço de lama, ou em água estagnada ou em córregos onde despejavam esgotos.
- A *pichação*: além de substâncias inofensivas como pincéis atômicos, tintas, anilina, mertiolate ou mercúrio-cromo, esmalte, batom, também eram utilizados ingredientes de efeitos drásticos, capaz de provocar queimaduras, como ocorrido em 1975 na Universidade Federal do Paraná.
- O *bundograma*: os calouros nus eram pintados nas nádegas com tintas de cores vivas, em seguida, sentavam-se em cartolinas para que as marcas das nádegas fossem expostas.
- A *cirurgia*: os veteranos amarravam os calouros numa mesa de operações, passavam gelo na barriga e com um estilete faziam de conta que estavam cortando. Depois iam pingando água com um enorme contagotas e o calouro tinha a impressão que estava sendo operado, pois estava com os olhos vendados.
- O *corredor polonês*: tradicional na Politécnica da USP; na saída da aula inaugural o calouro tinha que passar entre duas alas de veteranos, onde recebiam socos e pontapés, que só paravam quando o calouro pulava para dentro dum lago artificial.

¹⁴⁷ Cf. MATTOSO, op. cit. p. 100-105.

- O *palito métrico*: o calouro tinha que realizar uma tarefa como medir toda a extensão dum prédio, corredor ou calçada ou quadra de esportes com palitos de dentes ou fósforo; esvaziar tanques com dedais; jogar futebol com cocos; comer grama; apanhar lixo do chão com a boca; lavar escadarias com sabão e escova de dente; sentar nu sobre o caroço de abacate, entre outros.
- O *soprobol*: uma sala era coberta de farinha; duas traves eram improvisadas e uma bola de pingue-pongue colocada no centro. Soprando os calouros tinham que marcar gols.
- O *nasobol*: os calouros tinham que impulsionar uma bola de tênis com o nariz, só que eles tinham que estar nus.
- O *queijo-de-pizza*: os calouros eram despidos e obrigados a participarem de uma gincana, somente no final suas roupas eram devolvidas. Um grupo de calouros ficava numa sala com um grupo de veteranos. O novato tinha que tirar o tênis e a meia de um veterano com a boca; quem terminava rapidamente a tarefa era liberado, os que demoravam, tinham que repetir a missão.
- A *corrida de cavalinho*: os calouros montavam em cavalos de brinquedos e vestiam um blusão (que eram obrigados a comprar) ao contrário e cumpriam algumas tarefas como comprar convites para o baile do bicho (vendidos a altos preços), comparecer aos jogos de futebol, subir em árvores e saltar. Aqueles que não cumpriam as tarefas sofriam punições como pintura do rosto e corte dos cabelos.
- O *taxi de malandro*: também usado nas prisões. O calouro tinha que se agachar e carregar nas costas os veteranos ao banheiro, ao corredor, para onde ele quisesse ir.

O trote aplicado durante a década 70, de acordo com Mattoso, lembra muito o penalismo medieval. Como o trote estava proibido dentro das universidades, o calouro vivia numa verdadeira escravidão nas repúblicas e era obrigado a obedecer às ordens dos veteranos, caso contrário, apanhava, sofria privações, boicote e furtos¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Cf. MATTOSO, op. cit. p.107.

Todas as atividades descritas mostram como era violento o trote aplicado clandestinamente, o que demonstra que a proibição ou a tentativa de substituição do trote violento por outras alternativas, não extinguiu a violência dessas atividades, elas apenas deixaram de serem realizadas nas universidades para acontecerem em lugares que chamavam menos a atenção, porém o grau de violência permaneceu, até com abusos maiores. A proibição ou a imposição de substituir o trote por outras atividades não garante a conscientização das pessoas.

A sociedade está acostumada a conviver com a violência, uma das conseqüências do contexto social atual, marcado pela desigualdade social, pela opressão daqueles que precisam se sujeitar à autoridade para sobreviverem. Por meio do domínio da indústria cultural são definidos novos comportamentos sociais, estimulados pela semiformação, pelo conformismo, pelo consumismo que são incentivados. O comportamento social frente aos trotes poderá mudar quando houver um longo debate sobre as conseqüências destas “brincadeiras”, possibilitando uma consciência coletiva da necessidade de se repensar e buscar novas formas de recepção dos calouros das universidades. A imposição de uma possível mudança, não garante uma reflexão crítica sobre o assunto, apenas o camufla.

3.2. O TROTE NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Nas últimas décadas vários casos de trote violento foram registrados pelos meios de comunicações. Na década de 80, devido a morte do calouro de jornalismo da Universidade de Mogi das Cruzes, houve uma maior atenção ao trote, por isso, não foi efetuado nenhum outro registro. É como já alertava Mattoso, quando a imprensa registra algum caso, o trote diminui, mas basta cair no esquecimento para haver novas vítimas, pois o horror que desencadeia é momentâneo, logo se perde devido a dinâmica da realidade e a presença de novas informações.

Já na década de 90 houve vários registros. Em fevereiro de 1990 Luciene Mendes da Silva Andrade teve que raspar o cabelo pintado com tinta acrílica misturada com cola. No mês seguinte George Araguaia Parreira Mattos, teve uma parada cardíaca e morreu quando tentava fugir de trote, em Rio Verde. Em 1991 Júlio César de Oliveira, de 16 anos, aluno da 8ª série da Fundação Instituto

Tecnológico de Osasco, morreu depois de receber três golpes de tesoura ao reagir a um trote. Ele foi confundido com calouros para o curso de 2ª grau. Em 1992 o estudante de economia Alexandre Spencer Vasconcelos foi expulso da PUCCAMP por ter praticado trote violento em fevereiro daquele ano. A vítima do trote, José Ricardo Ribeiro Pinto, de 23 anos, sofreu fratura na mandíbula, amnésia e teve de passar por cirurgia.¹⁴⁹

Em 1993 o estudante Ugo Luís Boattini Jr. abandonou a vaga de engenharia na Unesp de Guaratinguetá depois de passar por trote violento. Ele teve um peso de sete quilos preso aos seus órgãos genitais, entre outros trotes. Em 1997 Felipe Marques Barbieri, de 15 anos foi internado com graves queimaduras provocadas por produtos químicos lançados sobre seu corpo. No ano seguinte cinco calouros do Instituto de Geociência da USP foram hospitalizados devido à intoxicação por bebida alcoólica.¹⁵⁰

Em 1998 F.A.C., de 17 anos fez uma denúncia na UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) após ter sido obrigado pelos veteranos a rolar na lama, comer ovo choco, ter introduzido um ovo em seu ânus e ouvir vários xingamentos.¹⁵¹

Em 1999 o calouro de Medicina da USP, Edison Tsung Chi Hsueh, de 22 anos morreu afogado na piscina após ter participado do trote. Este caso foi muito debatido na mídia e estimulou a elaboração e a promulgação da lei nº 10.454, de 20 de dezembro de 1999, do deputado Faria Júnior (PMDB), no Estado de São Paulo, que dispõe sobre a proibição do trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores e dá outras providências.

Essa lei desencadeou uma série de campanhas contra os trotes violentos em várias universidades. A UNESP (Universidade Estadual Paulista) lançou a campanha “Trote Nunca Mais” que é um reforço à resolução aprovada pelo Conselho Universitário da UNESP que visa acabar com esta manifestação de violência na universidade. A campanha é um incentivo de convencer os veteranos a

¹⁴⁹ Cf. RUIZ, Silvia. Trotes animais. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 01 mar. 1999. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/fsp/folhatee/rm010399.htm>> Acesso em: 28 maio 2002.

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ Cf. MARCOVITCH, J. Justiça pode punir quem dá trote violento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 fev. 1998. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/fsp/folhatee/rm230298.htm>>. Acesso em: 28 maio 2002.

não praticarem trote violento. Ela está à disposição no site da UNESP¹⁵² e traz a resolução da reitoria da universidade, notícias sobre trote (diversas reportagens sobre casos de trote violento em várias universidades, nos últimos anos), além do resultado de um concurso sobre frases que incentivam a conscientização sobre a extinção do trote violento. Também a UNE (União Nacional dos Estudantes) lançou no início de 2000 uma campanha nacional voltada especialmente para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais que propõe o fim do trote violento e o incentivo ao trote solidário (arrecadação de alimentos e cadastramento de calouros interessados em prestar serviços comunitários dentro de suas áreas de atuação).

Várias universidades do país aderiram a substituição dos trotes violentos por trotes que promovam atividades culturais, educativas e sociais, como a Universidade do Paraná, a USP (Universidade de São Paulo) e a Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba).

No início de 2000 o reitor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) proibiu o trote nas dependências e imediações da universidade. Isso ocorreu porque uma aluna da faculdade de medicina denunciou estar havendo trotes abusivos. Os alunos eram obrigados a se vestirem de empregadas domésticas, palhaços e de bebês e as alunas de Tiazinha e coelhinhos. Os organizadores argumentaram que a “brincadeira” não era obrigatória e que o trote tinha fins sociais como doação de sangue e alimentos ao hospital universitário Clementino Fraga Filho. O mais interessante é que os alunos consideram estas “brincadeiras” como normais e inofensivas e, nessa universidade fizeram até um abaixo-assinado contra a atitude do reitor.¹⁵³

Em 2001 uma aluna de Direito, da Unitau (Universidade de Taubaté) registrou queixa na polícia por queimaduras no braço supostamente causadas pela tinta usada no trote. O presidente do DCE (Diretório Central dos Estudantes) afirmara na época, que tudo não passara de uma brincadeira¹⁵⁴.

¹⁵² Disponível em: <<http://www.unesp.br/trotenuncamais>>.

¹⁵³ PONTES, Fernanda. Rio proíbe trote após denúncia de aluna. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2000. Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/fsp/cotidiano/rm220200.htm>> Acesso em: 28 maio 2002.

¹⁵⁴ DA FOLHA VALE. Aluna reclama de ferimento em trote. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 mar. 2001. Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/fsp/cotidiano/rm080301.htm>> Acesso em: 28 maio 2002.

Apesar de todo esse movimento em favor de uma mudança de comportamento podemos observar em várias universidades, a coexistência do trote violento e do solidário. Algumas questões se estabelecem a partir destes acontecimentos: o que é considerado como trote violento? A mídia, os educadores, os pais e os alunos consideram como sendo trote violento somente as “brincadeiras” que deixam seqüelas físicas, psicológicas e sem o consentimento do calouro? Será que a humilhação não é um sofrimento? Como mencionamos no capítulo anterior, estas atividades estão pautadas no sadismo e no masoquismo, portanto, no prazer de ver o outro sofrer, ser humilhado, demonstrando os resíduos do comportamento fascista presente ainda na atualidade. O sádico (veterano) se realiza ao ver o outro passar por tudo aquilo (ou mais) que ele passou; já o masoquista (calouro) se contenta com a idéia de que futuramente ele poderá se “vingar” nos próximos alunos. Além disso, estas atividades expressam o grau de agressividade presente nos cursos, principalmente no relacionamento professor e aluno.

Assim, verificamos que não está havendo a eliminação do trote violento, mas após a realização do trote solidário os alunos veteranos continuam praticando atos violentos contra os calouros, o que demonstra uma não conscientização por parte dos estudantes.

Na Universidade Federal de São Carlos observamos os trotes do curso de Química no início de 2001 e constatamos brincadeiras que agrediam física e psicologicamente os calouros, como pintura no rosto, cabelos, braços, pernas e ouvidos; caminhada pelo bosque do campus por um caminho com buracos; a reverência aos veteranos e obediência às suas ordens; palavras que humilham os calouros e escritas: “bixo” e burro no rosto; arrecadação de dinheiro nas ruas da cidade, entre outros. Porém, o mais interessante é que a maioria dos calouros não considera estas atividades como violentas. Suportam estas humilhações porque no futuro poderão deixar aflorar toda a raiva e humilhação que tiveram que suportar quietos e sem questionamentos, porque é essa tradição que vigora em nossa sociedade há muitos anos, desde o século XIX com o surgimento das universidades aqui no Brasil.

3.3. A UFSCAR E O TROTE

3.3.1. Pequeno Histórico

A Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) é uma instituição pública de ensino superior, vinculada ao Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Foi criada em 1968 e iniciou suas atividades letivas em 1970, recebendo os primeiros 96 alunos para os cursos de Engenharia de Materiais e Licenciatura em Ciências¹⁵⁵.

Com comunidade estimada em oito mil pessoas, entre alunos, professores e funcionários, a UFSCar possui uma estrutura de uma pequena cidade. Há prefeitura, restaurante universitário, lanchonetes, teatros, um sistema de bibliotecas, mais de 240 laboratórios, alojamento estudantil, gráfica, agências e postos bancários.

Além do campus de São Carlos, possui outro na cidade de Araras, onde são desenvolvidas as atividades do curso de Engenharia Agrônômica. O *campus* principal, com área de 645 hectares, fica em São Carlos. Nele, estão concentrados 24 dos 25 cursos de graduação, 27 dos 30 departamentos e todos os programas de pós-graduação, pertencentes a três centros: de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), de Ciências Exatas e de Tecnologia (CCET) e de Educação e Ciências Humanas (CECH). No campus de Araras, está instalado o centro de Ciências Agrárias (CCA), composto de três departamentos responsáveis pelo curso de Engenharia Agrônômica.

A UFSCar é a única universidade federal localizada no interior do Estado de São Paulo e é constituída por um alto nível de qualificação de seu corpo docente: 96,31% são doutores ou mestres, sendo que 98,94% dos professores trabalham em regime de dedicação exclusiva.

Atualmente, estudam na UFSCar 6258 alunos, sendo 4863 na graduação e 1395 na pós-graduação, matriculados em um dos 25 cursos de graduação ou em uma das 28 opções em pós-graduação, entre mestrado (17) e doutorado (11).

¹⁵⁵Informações retiradas da home page: <<http://www.ufscar.br/portugues/ufscar/historico.htm>>.

3.3.2. As atividades de Recepção na UFSCar

Segundo informações obtidas na Pró-reitoria de Graduação, não há nenhum registro de caso de trote violento na Universidade Federal de São Carlos.

Desde 1999 a UFSCar desenvolve a Semana da Calourada, em que é elaborada uma programação especial feita para todos os calouros, organizada pela Pró-reitoria de Graduação e pelos Centros Acadêmicos. Essa semana tem como finalidade promover uma confraternização entre calouros e veteranos.



Figura 1 – Logotipo da Calourada UFSCar de 2002

A Semana da Calourada ocorre uma semana antes do início das aulas. São realizadas algumas palestras e desenvolvidas as atividades preparadas pelos Centros Acadêmicos, como pedágios, pintura, gincanas, festas, almoço no Restaurante Universitário apenas com faca, cervejadas etc.

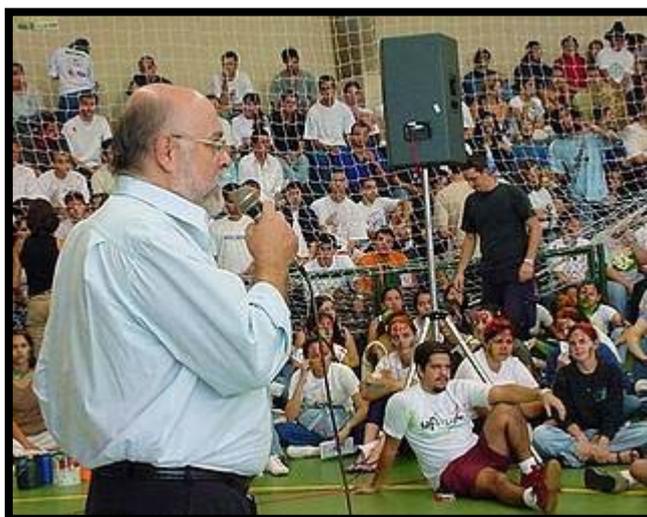


Foto 1 – Mensagem do reitor proferida aos calouros já pintados.¹⁵⁶

¹⁵⁶ Todas as fotos e figuras utilizadas foram retiradas do site: Calourada UFSCar 2002. Disponível em: <<http://www.calourada.ufscar.br/foto>>. Acesso em: 27 jul. 2002.



Foto 2 – A recepção dos calouros no Ginásio de Esportes

A Semana da Calourada inicia-se com uma recepção dos calouros feita no Ginásio de Esportes, em que todos os cursos se reúnem para ouvirem uma pequena palestra com o reitor, a pró-reitora de Graduação e um representante do DCE. Nesta abertura são dadas as boas-vindas aos novos alunos, algumas orientações sobre a universidade e mais especificamente sobre a UFSCar. Os alunos também são alertados sobre a proibição de qualquer tipo de trote violento ou brincadeira da qual se sintam constrangidos ou humilhados, sendo orientados na busca de ajuda e possíveis providências.

Depois da recepção os alunos são encaminhados para os departamentos para receberem as boas-vindas dos coordenadores dos cursos e dos representantes dos Centros Acadêmicos.



Foto 3 – Caminhada até os departamentos

Durante a caminhada até os departamentos os calouros são obrigados a formarem fila e darem as mãos, só que por entre as pernas, de modo que fiquem tocando em seus órgãos genitais e encostando as mãos nas nádegas do aluno da frente, posição que é muito constrangedora. Esta atividade parece ser carregada de malícia, de sexualidade, além de ser humilhante e desconfortável.

Após a apresentação dos departamentos, da secretaria do curso e suas dependências, os alunos vão almoçar no Restaurante Universitário (RU).

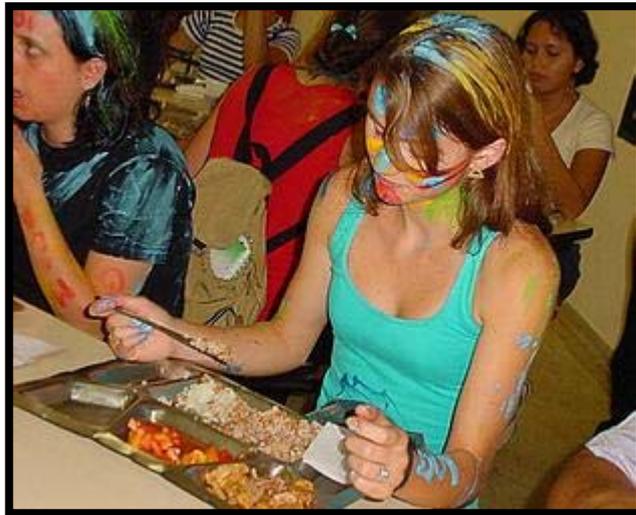


Foto 4 – Almoço no RU somente com faca



Foto 5 – Calouras muito pintadas almoçando no RU só com faca

É interessante observar que os veteranos não permitem o uso de garfos pelos calouros, só podem utilizar a faca para pegar o alimento. Esse fato é observado em todos os cursos.

O sociólogo Norbert Elias¹⁵⁷ nos ajuda a compreender esta tradição que traz em si um momento civilizador. Segundo ele os nossos costumes e hábitos à mesa foram se construindo aos poucos durante anos. Na Idade Média as pessoas tinham o hábito de comerem com as mãos, não usavam utensílios para levar a comida à boca. No final do século XVIII, pouco após a revolução, a classe alta francesa adotou o padrão à mesa.

Segundo o autor os hábitos e costumes, vão sendo aprimorados nos seus detalhes, novos imperativos são acrescentados, variações nacionais e sociais são observadas e até a sua infiltração nas classes média e operária. Nesse processo de mudança, de transição dos costumes não há uma data exata, há um grande e lento processo de pequenas alterações para se chegar a um novo padrão.

A colher, garfo e guardanapo não foram inventados como utensílios técnicos com finalidades óbvias e instruções claras de uso. No decorrer de séculos, na relação social e no emprego direto, suas funções foram gradualmente sendo definidas, suas formas investigadas e consolidadas. Todos os costumes no ritual em mutação, por mais insignificantes, estabeleceram-se com infinita lentidão...¹⁵⁸

O uso do garfo à mesa representa uma mudança do comportamento medieval de se comer com os dedos. A explicação de que é anti-higiênico comer com os dedos porque pode trazer doenças de outras pessoas não é satisfatória para Norbert Elias, pois há nesse processo uma mudança na estrutura de impulsos e emoções. “O novo padrão não surge da noite para o dia. Algumas formas de comportamentos são proibidos não porque sejam anti-higiênicos, mas porque são feias à vista e geram associações desagradáveis.”¹⁵⁹

¹⁵⁷ ELIAS, Norbet. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungmann, 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

¹⁵⁸ Ibid., p. 116.

¹⁵⁹ Ibid., p. 134.

Portanto, o fato dos calouros não poderem usar com o garfo, representa a sua falta de cultura, de civilização. A própria designação de “bixo” para o calouro já demonstra esse fato e, essa atitude à mesa vem reforçar a sua incivilidade. Em contrapartida, o veterano seria o sinônimo da civilização, aquele que deve se impor como padrão de domínio aos que devem sujeitar-se por ausência de civilidade.

Norbet Elias também discute o sentido do uso da faca à mesa, o único instrumento que o calouro pode utilizar na sua primeira refeição enquanto universitário. A faca, sendo um instrumento perigoso, uma arma de ataque que provoca ferimentos, tem um sentido carregado de emoções. “A faca torna-se símbolo dos sentimentos os mais diversos, ligados à sua função e forma, mas não deduzidos ‘logicamente’ de sua finalidade.”¹⁶⁰

A faca desperta o sentimento de prazer de seu uso, mas também os sentimentos de medo e desagrado maiores que o primeiro. Por isso, seu uso é restringido por proibições. Ninguém utiliza este instrumento para pegar a comida, mas para cortar os alimentos.

Medo, repugnância, culpa, associações e emoções dos tipos os mais díspares lhes exageram o perigo real. E é exatamente isto o que ancora tão firme e profundamente essas proibições na personalidade e lhes dá o caráter de tabus.¹⁶¹

Já na Idade Média o uso da faca possuía algumas restrições. Podia-se até levar a faca à boca como um ato aceito naturalmente, mas não podia limpar os dentes com ela. Porém, já neste período havia uma preocupação do perigo da faca cortar o rosto. Posteriormente, mas a partir dessa idéia de perigo, ficou proibido que se levasse a faca à boca.

Esta “brincadeira” de não poder comer com o garfo pode provocar no calouro um choque cultural, pois desde criança aprende-se que deve usar o garfo para levar a comida à boca, uma convenção social e, é este o comportamento aceito e esperado de toda pessoa educada. Como, de repente, não usar o garfo numa refeição? Que transtorno psicológico ou cultural isso pode causar? O uso da faca

¹⁶⁰ ELIAS, op. cit., p. 129.

¹⁶¹ Ibid., p. 129.

pode gerar o medo de se cortar. Os sentimentos de revolta e angústia não poderão ser demonstrados imediatamente pelo calouro, mas no futuro ele poderá se vingar desta humilhação deixando fluir sua raiva nos próximos calouros. Se não houver uma reflexão coletiva sobre estas “brincadeiras”, estas práticas continuarão se repetindo ano a ano, sem uma mudança positiva.

Uma outra “brincadeira” tradicional é o pedágio nas ruas da cidade, tão esperado pelos veteranos, pois o dinheiro arrecadado é utilizado para a cervejada.



Foto 6 – O pedágio na cidade

A situação de pedinte nas ruas da cidade pode constranger e humilhar o aluno. Ficar todo sujo de tinta (roupas, cabelos, rosto e braços) e nesta foto com um chapeuzinho de festa de aniversário de criança, tem uma conotação pejorativa, de tratar o calouro como bobo, já que o palhaço desenhado pode representar a situação do calouro, pode expressar a situação ridícula e humilhante a que tem que se submeter para que seus veteranos, que ficam somente fiscalizando, possam no final do dia tomar cerveja e se divertirem, porque é essa a tradição.

A Pró-reitoria de Graduação vem organizando desde 2000 o Trote Solidário, que é realizado nos últimos dois dias da semana. O Trote Solidário é uma campanha comunitária da UFSCar que visa a integração entre calouros e veteranos, e principalmente, a ajuda comunitária às instituições filantrópicas, como asilos e creches da cidade. São recolhidos alimentos e roupas em diversos bairros da cidade.



Foto 7 – Alunos separando os alimentos e roupas recolhidos no Trote Solidário

A organização da Semana da Calourada e do Trote Solidário foram as alternativas que a UFSCar buscou após a lei que proíbe o trote violento em todas as universidades do Estado de São Paulo (Lei nº10.454, de 20 de dezembro de 1999). De um modo geral, a participação dos alunos no Trote Solidário é muito pequena em relação as outras atividades desenvolvidas, como o pedágio e a pintura. Percebe-se que poucos alunos têm consciência da importância desta atividade e talvez, por isso, não a vejam como necessária e não participem.



Figura 2 – Logotipo do site Calourada UFSCar

Os alunos da UFSCar desenvolveram um site na página da universidade chamado CALOURADA UFSCar 2002¹⁶², informando sobre o trote realizado no ano: as festas, as brincadeiras, a programação, informações, repúblicas, com muitas

¹⁶² Disponível em: <<http://www.calourada.ufscar.br>>

fotos das atividades desenvolvidas. Algumas frases chamam a atenção, por exemplo, quando explicam o que é a CALOURADA:

Não se desespere, seus veteranos, apesar da aparência, são civilizados e na Federal não rolam trotes físicos.

O primeiro trote é o pedágio na cidade para a cervejada. Depois você se depara com o segundo trote que ninguém escapa, e é o pior de todos: o curso!¹⁶³

Essa colocação dos alunos reflete exatamente o relacionamento que se estabelece entre professores e alunos nos cursos universitários. Principalmente nos cursos da área de exatas os professores são muito autoritários, mas os alunos consideram como sendo bons professores aqueles que são severos e que reprovam muito. Adorno já discutia em seu artigo *Tabus acerca do magistério*, a preferência dos alunos às aulas dos professores que utilizavam métodos expositivos e não permitiam a participação dos alunos. O professor tem a imagem de alguém mais forte que castiga o mais fraco, além de constantemente demonstrar sua autoridade e fazer uso dela. O relacionamento entre professores e alunos também está pautado num sadomasoquismo que humilha e constrange o aluno.

Outra questão interessante disponível no site, são os mandamentos do “bixo”:

1. Bixo não tem direito algum;
2. Os veteranos têm sempre razão;
3. Se o bixo tiver razão, vide itens 1 e 2;
4. Em caso de dúvidas, leia desde o item 1 até que você aprenda e não encha mais o saco;
5. É direito de todo bixo esguelar sempre **CAASO CHUPA!!!**¹⁶⁴

É interessante notar que nas antigas escolas militares, segundo Mattoso esta idéia de que o novato não tem direito já existia e corria a boca dos veteranos: “O único direito do bicho é não ter direito a nada”¹⁶⁵. No folheto da Escola Militar da

¹⁶³ Disponível em: <<http://www.calourada.ufscar.br/oque.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2002.

¹⁶⁴ Disponível em: <<http://www.calourada.ufscar.br/mand.htm>>. Acesso em 27 jul. 2002. A sigla CAASO representa o DCE (Diretório Central dos Estudantes) da USP.

¹⁶⁵ MATTOSO, op. cit. p. 87.

Praia Vermelha havia os direitos dos calouros e deveres dos veteranos: “O bicho só tem o direito de não ter direito a coisa alguma”. É impressionante como hoje, da mesma forma como antigamente, esses ditos agressivos e humilhantes ainda persistem, com a única diferença do meio de divulgação, pois no século XIX isso acontecia através de folhetos impressos com restrita circulação. No entanto, hoje a propagação de informações é feita pela Internet capaz de difundir qualquer informação para o mundo todo, não havendo mais a impossibilidade local.

A rivalidade com a USP é muito evidente, está presente em vários momentos do site: nos mandamentos do “bixo”; na seção de esportes, quando comenta os vários campeonatos internos e externos que a universidade participa: “mas o torneio que merece muita atenção é o TUSCA. Cada ano maior e melhor, acontece aqui no campus e acontecem uns pegas legais entre nós e o CAASO (Chupa de novo!).”¹⁶⁶

A rivalidade também aparece na seção glossário, quando define o que é o CAASO – “Diretório Central dos estudantes da USP, Chupa!!!”, e até mesmo no Trote Solidário. A foto abaixo expressa como o narcisismo das pequenas diferenças é forte entre alunos da UFSCar e da USP:



Foto 8 – Mensagem montada com os alimentos e roupas arrecadadas no Trote Solidário¹⁶⁷

¹⁶⁶ Disponível em: <<http://www.calourada.ufscar.br/espo.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2002.

¹⁶⁷ A frase é a seguinte: “Xupa Caaso! F.D.P”

Ambas as universidades são públicas, gratuitas e importantes centros de educação. Alguns dos cursos que a USP oferece, a UFSCar também dispõe; isso gera um clima de rivalidade e auto-afirmação, pois os alunos precisam mostrar que os seus cursos são melhores, apesar de serem parecidos; que a sua universidade é melhor que a outra, apesar de terem muitas coisas em comum. Esta agressividade aparece quando os alunos da UFSCar gritam ofensas para os alunos da USP e deixam claro aos novos alunos que eles são “inimigos”, criando desde o começo uma raiva gratuita, sem motivos, mas que é introjetada e exposta quando for solicitada.

3.4. O CURSO DE QUÍMICA NA UFSCAR

O curso de Química em Licenciatura é um dos cursos mais antigos na UFSCar. Seu funcionamento foi autorizado em 1970 e sua implantação ocorreu em 1971. O reconhecimento do curso aconteceu em 1974. Em 1976 foi autorizado o funcionamento do curso Química em Bacharelado.¹⁶⁸

Tanto o Bacharelado como a Licenciatura em Química tem duração média prevista para quatro anos, podendo ser cursados em um mínimo de três anos. O prazo máximo para a conclusão é de sete anos. O aluno além de cursar as disciplinas previstas em seus respectivos currículos, pode desenvolver atividades de pesquisas e estágios supervisionados em indústrias químicas ou afins, sob a orientação de professores.

O curso de Química contém na sua grade curricular, disciplinas que são ministradas por professores de outros departamentos da Universidade: Matemática, Física, Engenharia Química, Engenharia de Produção Química, Engenharia Civil, Ciências Biológicas, Metodologia do Ensino, Departamento de Educação etc.

¹⁶⁸ Todos os dados aqui apresentados foram retirados do Catálogo de informações do curso de Química, elaborado pela Universidade Federal de São Carlos, 1997. Também disponível em: <<http://www.ufscar.br>>.

3.4.1. O trote aplicado na turma de 2001



Foto 9 – Calouras do curso de Química na recepção no Ginásio de Esportes

✓ **A Semana da Matrícula**

O trote começa ainda quando o aluno vai fazer sua matrícula na Universidade, na chamada *Semana da Matrícula*.

A matrícula dos calouros foi realizada nos dias 12 e 13 de fevereiro de 2001, na área norte do campus, num prédio que é utilizado para aulas.

Os Centros Acadêmicos ficaram distribuídos no saguão de entrada e fora do prédio, com placas indicando os cursos. Eles procuravam chamar a atenção com música alta e muita agitação. Os veteranos percorriam a fila de matrícula procurando seus calouros e quando os encontravam não perdiam tempo, pintavam seus rostos, pescoços, orelhas e braços com tinta guache de várias cores e, normalmente, escreviam as iniciais do curso na testa dos novatos. Os calouros já pintados eram reconhecidos ao terminarem a matrícula e encaminhados a mesa do seu curso, onde eram oferecidos, insistentemente, pelos veteranos, um kit do curso com camisetas, bonés, chaveiros, adesivos, panfletos etc., para que o calouro comprasse.

Os veteranos conseguiam facilmente identificar os calouros, porque muitos entravam na fila com as cabeças raspadas e, como disse uma veterana, “*é fácil saber se é bixo, é só olhar se tem uma pasta na mão.*”

Os veteranos de Ciências Sociais ficavam desfilando com um quadro de Marx, procurando seus calouros. O curso de Fisioterapia fazia as calouras dançarem forró no meio de todos, com veteranos do curso. Os cursos de Física e de Engenharia Física estavam dividindo o mesmo espaço, mostrando sua união, parceria e familiaridade. Os cursos mostravam a sua rivalidade gritando “chupa” para outros cursos. Algumas vezes os veteranos se uniam e gritavam para os calouros: *“bicharada, chupa, bicharada, chupa, bicharada vai pra puta que o pariu, iô!!!”*

Os veteranos do curso de Física tinham um caixão, simbolizando a morte do curso de Química, talvez porque o curso de Bacharelado em Química esteja com pouca procura e possa ser extinto. Cada vez que chegava um calouro de Física, os veteranos deste curso passeavam expondo o caixão a todos os cursos, gritando: *“Química, chupa! Química, chupa!”*



Foto 10 – Alunos da Física carregam caixão pelo Restaurante Universitário

O caixão da Física também esteve presente no primeiro dia da Semana da Calourada. Durante o almoço os alunos da Física desfilavam com o caixão dentro do restaurante universitário. É durante a demonstração desta rivalidade que os calouros podem descarregar todo o sofrimento que estão tendo que suportar, pois no instante que os grupos se encontram, não há mais a separação entre calouros e veteranos, os grupos se fortalecem para poderem se agredir. Quando perguntamos a um veterano do curso de Química o motivo desta rivalidade, ele disse que não sabia,

mas é assim, e se o outro é da Física, então é um rival. Esse é outro exemplo do que Freud chamou de narcisismo das pequenas diferenças, o raciocínio é bem parecido quando discutimos a rivalidade dos alunos da UFSCar e da USP.

Foi possível observarmos algumas conversas entre veteranos: *“calouro mala tem que sofrer mesmo, tem que aprender a ser gente!”* Outra veterana dizia no telefone: *“aqui na Federal não existe violência, é só pintura no rosto, gritos etc.”* Pela fala dessa veterana é possível perceber que os alunos não vêem as atividades tradicionais (pintura, gritos e xingos) como violência; no entanto, a sua forma de expressão pode até não ser física, não deixar seqüelas visíveis no corpo, mas emocionalmente isso é uma agressão e as “brincadeiras” são humilhantes e constrangedoras.

✓ **A Semana da Calourada**

As atividades da Semana da Calourada foram desenvolvidas a partir da seguinte programação:

- Segunda-feira (05/03/2001) – no período da manhã: recepção dos alunos no ginásio de esportes com a comissão da reitoria e do DCE. Logo após, os alunos foram conhecer os departamentos, com uma exposição do coordenador do curso.
À tarde os alunos foram liberados para as atividades dos Centros Acadêmicos.
- Terça-feira (06/03/2001) – no período da manhã: conhecimento da universidade e suas dependências e à tarde livre para atividades dos Centros Acadêmicos.
- Quarta-feira (07/03/2001) - no período da manhã: gincana entre os cursos e à tarde livre para atividades dos Centros Acadêmicos.
- Quinta-feira (08/03/2001) – no período da manhã: trote solidário, arrecadação de roupas e alimentos pela cidade. À tarde: organização do material recolhido.
- Sexta-feira (09/03/2001) – no período da manhã: trote solidário, distribuição do material recolhido em instituições de caridade.¹⁶⁹

¹⁶⁹ A programação da Semana da Calourada foi distribuída pela Pró-reitoria a todos no Ginásio.

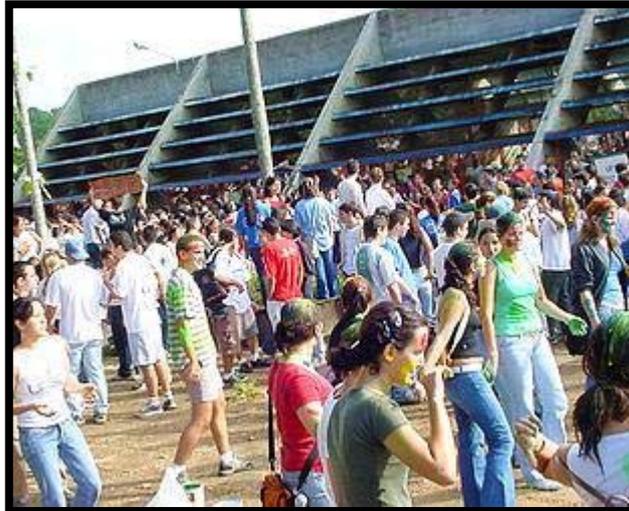


Foto 11 – Concentração dos alunos (calouros e veteranos) na frente do Ginásio de Esportes para o início da Semana da Calourada

No primeiro dia da Semana da Calourada, no período da manhã, a primeira atividade que os calouros participaram foi uma palestra com o reitor e sua equipe. Todos os calouros foram levados ao Ginásio de Esportes e receberam as primeiras instruções sobre a universidade. Cada curso estava organizado com seus veteranos e novatos.



Foto 12 – Calouras entrando no Ginásio de Esportes muito pintadas

Antes de entrarem no ginásio, os calouros estavam todos muito pintados com tinta guache de várias cores no rosto, orelhas, braços e pescoço. Dois calouros de

Química mostravam uma placa que os identificava e chamava outros alunos: “*Bixos da Química aqui*”. Os calouros tiveram que cantar parabéns para os veteranos. Em roda os veteranos cantaram o “Rap do Tigrão”¹⁷⁰ e mandaram os calouros dançarem, só que uma mudança na letra “*Vou passar tinta na mão, assim, assim*” e nesse momento enchiam as mãos dos calouros com tinta guache e mandavam que eles dessem as mãos formando uma fila.

De mãos dadas e em fila eles foram levados para dentro do ginásio orientados para cantarem a música de um desenho infantil (os Smorfes) “*lá, lá, lá, lá, lá...*”, mas eles não cantaram e ninguém falou nada.

Os calouros foram colocados no alto da arquibancada, sendo que os veteranos ficaram embaixo. Os calouros foram obrigados a fazerem reverências aos veteranos, curvando-se e balançando as mãos. Os veteranos também fizeram a brincadeira do morto – vivo, em que os calouros tinham que ficar atentos às ordens dos veteranos, quando era dito morto, os novatos tinham que se abaixar e quando falavam vivo, tinham que ficar em pé. Quando o curso de Física entrou no ginásio eles gritaram (veteranos e calouros que foram orientados para isso) “*Física chupa, Física chupa, Física vai para puta que o pariu*”. Um calouro foi obrigado a dizer que seu nome era “bixo” burro e teve que passar tinta em si mesmo. Os veteranos obrigavam os calouros a passarem tinta uns nos outros. Também utilizaram um chapéu de touro (um capacete com chifres) num calouro.

Ao terminar a exposição no ginásio, cada coordenador de curso recebeu folhetos e um guia de orientações para distribuir aos calouros do seu curso, mas antes, os calouros foram levados para um passeio com os veteranos até chegarem ao departamento. Os veteranos organizaram os calouros em fila e amarraram uma de suas mãos com um barbante e os conduziram para o departamento. Escolheram um trajeto longo onde tiveram que passar no meio do mato. Antes pararam debaixo de uma árvore, gritaram “*Bicharada chupa, bicharada chupa, bicharada vai pra puta que o pariu*” e mandaram que os calouros fizessem reverências aos veteranos. Os calouros eram ameaçados oralmente de que se não fizessem direito o que lhes fora

¹⁷⁰ O Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI (versão 3.0, novembro de 1999), define o RAP como um “tipo de música popular, urbana, de origem negra, com ritmo muito marcado e melodia simples, pouco elaborada”. O Rap do Tigrão é um exemplo deste tipo de manifestação, uma tendência massificadora da sociedade atual, com um tipo de música vulgar, carregada de sexualidade e preconceitos expressos em suas letras repetitivas, sem conteúdo e nas suas danças, que seguem o ritmo e a letra.

ordenado, teriam que capturar as capivaras que ficam no meio do lago. Os calouros tiveram que cantar a música (*lá, lá, lá, lá...*) que não cantaram anteriormente.

No meio do trajeto os veteranos mandaram os calouros pararem e sentarem, levantarem, sentarem, levantarem. Constantemente os calouros eram pintados com guache. Em fila os calouros tiveram que darem as mãos por baixo das pernas, tocando em seus órgãos genitais e passando a mão nas nádegas do colega da frente, como foi exemplificado na foto 3. A maioria dos calouros eram mulheres, de 33 novatos, apenas 10 eram rapazes.

Constantemente os veteranos gritavam chupa para os calouros. Quando chegaram perto do departamento os calouros tiveram que formar uma roda e cantaram “ciranda-cirandinha”. No departamento os calouros foram levados a um anfiteatro para uma palestra com o coordenador do curso e o vice-coordenador. Nessa palestra foi exposto sobre a universidade pública e sobre o curso de Química. Havia alguns veteranos assistindo a palestra, sendo que a maioria ficou do lado de fora esperando. Em seguida, foram apresentados os coordenadores do Centro Acadêmico.

Depois os calouros foram levados ao Restaurante Universitário para almoçarem. Ao saírem do anfiteatro tiveram que passar por entre os veteranos que os esperavam com muita tinta e usavam até pincéis para não se sujarem muito. Uma caloura recebeu tinta no olho e uma veterana a levou para lavar. A situação dos calouros terem que passar por entre os veteranos, lembra o *corredor polonês* tradicional na Politécnica da USP, em que na saída da aula inaugural o calouro tinha que passar entre duas alas de veteranos, recebendo socos e pontapés. No nosso caso, após a aula inaugural do coordenador do curso os calouros passavam por entre os veteranos e não receberam socos, mas muita tinta no rosto, cabelos, braços e roupas, além de xingos e gritos. A violência aí presente não muda muito, pois a tinta não deixa de ser uma violência, tanto que a aluna recebeu tinta até no olho. A foto abaixo ilustra bem a agressão do uso da tinta.



Foto 13 – Calouro de Engenharia Química muito pintado

Em fila os calouros passaram dentro do departamento onde há os laboratórios, sendo que as pessoas que lá estavam saíam nas janelas e portas para vê-los passar.

No Restaurante Universitário os calouros ficaram todos sentados perto e tiveram que almoçar rápido porque os veteranos queriam ir para o pedágio. Quando os veteranos acabaram de almoçar começaram uma contagem regressiva e gritaram chupa para os calouros e quase todos que estavam dentro do restaurante começaram a bater seus talheres nas bandejas. Quando o barulho terminou os veteranos mandaram os calouros saírem da mesa e levarem suas bandejas, alguns novatos ainda não tinham terminado de almoçar, mas acataram as ordens.

O pedágio foi realizado em dois blocos, um deles estava na rua Conde do Pinhal, em frente a Prefeitura Municipal e o outro na Avenida São Carlos, em frente a Igreja Catedral. Os calouros eram obrigados a pedir dinheiro, vender bexigas que os veteranos enchiam e desenhavam caretas, corpo de mulheres, bichinhos e pegadas de cachorro. Os veteranos também pediam dinheiro. Quando o sinal fechava e um calouro não ia até o carro, os veteranos gritavam com ele e ficavam bravos, então ele ia. Os veteranos estacionaram um carro em cada ponto e colocaram músicas para dançarem. As músicas tocadas em os Raps (Tigrão, tapinha, motocicleta e outras do gênero) além de Forró (Falamansa). Os veteranos bebiam cerveja e ficavam dançando. As calouras também dançavam para ganhar dinheiro dos motoristas. Os pedestres também eram abordados quando estavam

passando na rua. Para chamarem a atenção os veteranos também usavam cornetas e buzinas. Também tentaram vender um shampoo de motel e uns saquinhos com um líquido amarelo (tipo mel) que diziam ser pinga de tangerina, os quais os veteranos também bebiam. Estava uma tarde chuvosa e mesmo assim, os calouros e os veteranos fizeram o pedágio com animação. Algumas calouras sentavam para descansar. A animação era maior nos veteranos que iriam utilizar o dinheiro arrecadado para beber cerveja.

- **O trote solidário**

O trote solidário foi realizado em duas etapas: arrecadação de roupas, alimentos e sapatos num dia e a distribuição do material no dia seguinte. Tanto a arrecadação como a distribuição foram feitas sob uma chuva fina e constante. Houve a participação de veteranos e calouros de vários cursos em todas as etapas da atividade. Para que houvesse identificação, todos receberam uma camiseta com o emblema da UFSCar e com os dizeres na frente: *“Trote Universitário 2001. Uma universidade pública para todos”*, patrocinada pelo Banco do Brasil.

Na arrecadação os participantes receberam uma etiqueta da empresa de transporte coletivo Renascença, que os permitia utilizar os ônibus da empresa sem pagar. Na distribuição a empresa forneceu um ônibus só para os estudantes. A separação do material foi feita na quinta-feira no DCE e teve a participação de vários estudantes.

As calouras que conversamos (duas de Educação Física, uma de Matemática e outra de Engenharia Civil) disseram que foi muito legal a separação do material porque puderam conhecer outros veteranos e calouros. Também teve um desfile de “bixos” com roupas e sapatos coletados e todos escolhiam o melhor, o mais ridículo. *“Foi legal porque a gente fica conhecendo alguns veteranos que poderão nos ajudar durante o curso”*, disse uma caloura.

É interessante observar a visão dos alunos quanto ao material recolhido, como sendo roupas velhas e ridículas; material que foi doado e que eles próprios pediram em toda a cidade. Talvez por ser uma situação imposta e recente os alunos não tenham claro o sentido da atividade. Se houvesse um debate com os alunos sobre estas atividades, e se eles pudessem fazer suas sugestões, poderia despertar

uma reflexão e os alunos agiriam de outra maneira, porque os alunos têm idéias e propostas a fazer, mas falta a oportunidade para que as exponham.

Perguntamos se as calouras participariam novamente da atividade se não fossem obrigadas, elas disseram que acham estes acontecimentos muito bons e se os estudantes da faculdade se organizassem, fariam sim, com prazer. Uma delas disse que sentiu falta da doação de sangue, porque sabe que os hospitais de São Carlos e Araraquara estão precisando de sangue, e acha importante a doação. Nas suas palavras: *“O pessoal poderia deixar a gente optar, ou doava sangue ou participava do outro trote.”* Perguntamos se elas estavam gostando do trote, se os veteranos não tinham “pego pesado” e disseram que não, que dava para levar tranqüilo.

As calouras disseram que vários alunos da Pedagogia, da Biblioteconomia, Educação Física, Matemática, Biologia, entre outros, participaram o trote solidário. No entanto, houve pouca participação dos alunos do curso de Química.

No capítulo seguinte faremos uma análise dos questionários e entrevistas realizadas com os alunos do curso de Química, buscando identificar as suas representações sobre o trote, o trote violento e o solidário, expectativas em relação ao trote antes de entrar na universidade e após essa passagem.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NO CURSO DE QUÍMICA

Se desejamos saber como as pessoas se sentem – qual sua experiência interior, o que lembram, como são suas emoções e seus motivos, quais as razões para agir como o fazem – por que não perguntar a elas?

G. W. Allport

Os dados aqui analisados foram coletados por meio de questionários e entrevistas. Escolhemos o questionário porque pudemos aplicá-lo a todos os calouros da turma de 2001, conseguindo várias opiniões sobre o mesmo tema e tendo a possibilidade de comparar as respostas. Além disto, como não era necessária a identificação, os alunos ficaram livres para exprimirem suas opiniões sem preocupações.

As entrevistas permitiram obter informações dos alunos – veteranos e calouros – sobre o que pensam das atividades de integração como reflexo dos resquícios autoritários presentes e aceitos como naturais na sociedade atual, justificados pelos chamados rituais de passagem, denominados também por Adorno, de fórmulas adaptativas da subserviência humana às falsas experiências sociais.

4.1– Questionários

Trinta e cinco calouros responderam ao questionário, o qual foi dividido em três partes básicas. Primeiramente, foram elaboradas questões relativas às suas expectativas quanto a forma como seriam recebidos pelos veteranos na chamada “Semana da Calourada”. A segunda parte dizia respeito a investigação da maneira como foram recepcionados e quais seriam as suas opiniões sobre a definição de trote. E na terceira parte foi perguntado aos calouros se gostariam ou não de aplicar o trote nos novatos do ano seguinte.

O questionário foi respondido após a realização de todas as atividades programadas, tanto pelo Centro Acadêmico como pela Pró-reitoria de Graduação da UFSCar, tais como: palestras com o reitor e com o coordenador do curso, trote

solidário, “pedágio”, pintura no corpo, visita ao Departamento de Química e laboratórios, churrasco, gincana etc.

Do total de alunos que responderam ao questionário, quatro não participaram das atividades da Semana da Calourada.

No início do questionário colocamos uma nota introdutória esclarecendo o objetivo da pesquisa e a importância da sinceridade nas respostas, não havendo necessidade de identificação.

4.1.1– A expectativa da recepção

As duas primeiras perguntas buscavam diagnosticar a origem econômica e a formação educacional dos calouros. Quanto à renda familiar observamos que 29% do total possuem uma renda superior a R\$3000. Outros 29% variam entre R\$1000 e R\$2000, enquanto que 22% situam-se entre R\$2000 e R\$3000 e 20% são provenientes de famílias com renda inferior a R\$1000. A respeito de suas origens relativas à formação escolar percebemos que a maioria, 65% dos calouros freqüentaram escola particular e apenas 29% são oriundos da escola pública. Dois calouros (6%) responderam que freqüentaram ambas as escolas.

Com estas duas questões podemos perceber que a maioria dos calouros que ingressaram no curso de Química diurno, é proveniente de uma classe média e cursou escola particular desde o ensino fundamental.

Após a investigação dos rendimentos e das escolas de origem, perguntamos aos calouros se havia receio em sofrer algum tipo de violência física ou psicológica durante as atividades de recepção programadas pelos veteranos.



Vinte e quatro calouros (69%) disseram que não tinham nenhum receio em relação ao trote e onze calouros (31%) responderam ter algum tipo de receio. Do total que respondeu afirmativamente, quatro pessoas disseram ter medo do constrangimento físico e psicológico; três afirmaram recear serem obrigadas a realizar atividades que não quisessem ou terem que beber algo contra a sua vontade, inclusive bebidas alcoólicas. Uma delas tinha receio de ser desmoralizada ou sofrer humilhações. Uma caloura disse ter medo de ser obrigada a colocar peças íntimas por cima da roupa e um calouro disse temer que os veteranos da república escondessem sua roupa ou as jogasse no lixo durante a noite. Outra caloura argumentou que passou a temer os trotes após saber, pela televisão, do calouro que foi morto por seus veteranos na USP em 1999.

Percebemos nesta questão que a maioria dos alunos não tinha receio de sofrer o trote. Dos onze alunos receosos, apenas uma caloura se referiu ao caso do aluno da USP que morreu afogado, apesar do fato ter sido muito divulgado pelos meios de comunicação. O que nos parece é que realmente os fatos brutais da nossa sociedade não calam fundo nas pessoas, pois a mídia os banaliza e logo são esquecidos, pois a dinâmica da realidade imediatamente lança outro acontecimento sem deixar muito espaço para reflexão. Se houvesse uma maior atenção aos acontecimentos que nos cercam, ou uma auto-reflexão das pessoas sobre seus atos, talvez algumas práticas sociais pudessem ser repensadas e analisadas, podendo gerar alguma mudança de comportamento.

A pergunta seguinte tratava das expectativas dos calouros com relação a forma como seriam recebidos pelos veteranos.

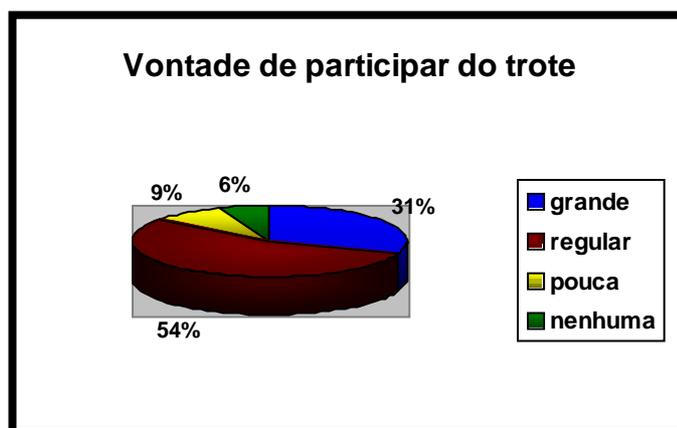


Dos trinta e cinco respondentes, apenas 5 calouros (14%) não tinham expectativas em relação ao trote e dois (6%) não responderam a pergunta. O restante, vinte e oito calouros (80%), tinham algum tipo de expectativa.

Dos que tinham expectativas, nove alunos imaginavam que iriam ser pintados, fariam pedágios, haveria muita agitação, festas e brincadeiras. Para seis haveria uma recepção mais acolhedora com dicas a respeito do curso, da universidade, sobre as aulas e matérias. Outros quatro achavam que haveria uma maior integração entre calouros e veteranos, com bate-papos, gincanas, fariam novas amizades e que os veteranos seriam mais atenciosos sem terem que fazer tudo o que eles mandavam. Um novato achava que as brincadeiras seriam humilhantes para os calouros e engraçadas para os veteranos. Já um calouro pensava que haveria arrecadação de dinheiro para uma instituição carente, além da festa. Três calouros acreditavam que os veteranos seriam mais receptivos e que ajudariam quando necessário. Outros dois imaginavam que iriam conhecer os laboratórios, o centrinho e não seria só brincadeiras; e mais dois achavam que teria o trote solidário, além da pintura. Um calouro imaginou que a bagunça seria maior e outro achou que seria “zoadado” pelos veteranos.

A partir destas justificativas percebemos dois tipos de expectativas: 1ª) a presença de um processo sadomasoquista entre os alunos que esperavam ser pintados, sujeitos a qualquer tipo de brincadeira, sendo que um achava que o trote seria mais violento; 2ª) onze alunos demonstraram nas respostas uma preocupação em conhecer a universidade, os departamentos, o curso, os laboratórios, os colegas, arrecadar dinheiro para doação a alguma instituição carente, ter auxílio dos veteranos, participar do trote solidário e ser recebido de forma mais agradável. Em várias respostas nota-se uma grande expectativa com relação aos veteranos, como se eles fossem auxiliá-los e orientá-los, principalmente com relação ao curso e as matérias, além da vontade de fazerem amizades com esses alunos mais “experientes”. No entanto, alguns demonstraram em suas argumentações uma certa decepção quanto a isso, pois não ocorreu da forma como imaginavam.

A questão seguinte foi concernente à vontade dos calouros em participar das atividades de recepção na universidade. A questão continha quatro alternativas: grande, regular, pouca e nenhuma.



A maioria (54%), num total de 19 calouros, demonstrou uma vontade regular em participar do trote. Os argumentos foram bastante variados, indo desde a preocupação com os trotes violentos (três) até timidez em fazer novas amizades ou de participar das atividades (três). Um calouro disse que apesar de não gostar muito de “farra” queria se integrar com a universidade e a cidade. Outro achava constrangedor sair na rua pintado. Um calouro disse que queria participar somente das atividades que fossem do seu interesse e outro gostaria de participar mais das atividades nos laboratórios. Dois calouros afirmaram que não esperavam muito da “Calourada” e que preferiam conhecer tudo sem a ajuda dos veteranos. Outros dois disseram que não tinham interesse em atividades como estas.

Podemos observar nas respostas a esta questão, que muitos estavam fazendo uma avaliação da recepção que participaram e não da sua vontade em participar do trote. Também podemos observar a associação, pelos calouros das palavras atividades de recepção e trote.

Dos trinta e cinco calouros, onze (31%) disseram ter uma grande vontade em participar das atividades de integração, argumentando que através destas poderiam ficar mais envolvidos com o real espírito universitário (um); que a felicidade em passar na universidade se transmitia na vontade em participar de todas as atividades (dois); este momento demonstrava o começo de uma nova etapa da vida (um); estas atividades são importantes para uma maior integração (um); poder conhecer novas pessoas e interagir com a faculdade (dois); ter um contato direto com os companheiros de curso; porque adora festas (um); os veteranos foram muito receptivos (um).

Já os três calouros (9%) que disseram ter pouco interesse em participar do trote argumentaram que apesar do interesse em fazer novas amizades, preferiam não participar de atividades que não fossem ligadas à universidade; porque não é “muito ativa” para participar de festas e trotes; preferiu passar esse tempo em casa.

As duas pessoas (6%) que não tinham nenhum interesse em participar do trote, disseram que não julgam estas atividades necessárias e acham que o trote causa constrangimento, como por exemplo, os pedágios.

Nesta questão observamos que apenas cinco alunos demonstraram pouco ou nenhum interesse em participar das atividades de recepção, sendo que as duas calouras que responderam não ter nenhuma vontade em participar das atividades não participaram do trote, mas quiseram responder ao questionário. Os outros trinta alunos tinham um interesse regular ou grande em participar, o que demonstra a força da tradição, do rito de passagem em nossa sociedade. O sadomasoquismo constatado nestes elementos particularizados, reflete uma atitude dos indivíduos no contexto de desfiguração do sujeito na estrutura social contemporânea, dominada pela indústria cultural que não permite uma reflexão, inculca as idéias de ordem para manter o *status quo* carregado de violência e elementos autoritários, através do desenvolvimento de pessoas semiformadas, incapazes de julgar e decidir conscientemente.

Na sexta questão solicitamos a opinião sobre quais seriam as características do chamado trote violento. Dez calouros (29%) disseram que o trote violento ocorre quando alguém é obrigado a fazer algo que não queira, como ingerir bebidas alcoólicas ou cortar o cabelo contra a vontade. Treze novatos (37%) argumentaram que o trote violento é aquele que agride a integridade física ou psicológica do calouro, como descreveu a mesma aluna que citou a morte do calouro da USP como motivo de seu receio em participar dos trotes: “São aqueles que machucam os calouros fisicamente e/ou psicologicamente, podendo até chegar no seu limite máximo de insensatez e levar o calouro à morte, como já ocorreu.”

Já seis alunos (17%) disseram que esse tipo de trote acontece somente quando há agressões físicas. Cinco calouros (14%) afirmaram que é violento o trote que causa constrangimento e humilhações verbais aos calouros. Uma caloura expressou seus sentimentos através da seguinte frase: “Nós somos bixos e não lixos”. Um calouro (3%) não respondeu a questão.

É interessante notar nesta questão que os alunos não consideram as atividades de pintura, pedágio e as brincadeiras realizadas como violentas, somente são considerados trotes violentos aqueles que são impostas. Percebemos nesta atitude um despojamento do ego, uma necessidade de diferenciação pelo exótico e incomum, por aquilo que é evidenciado pelos excessos. Há uma violência (como forma de aceitação resignada) diante daquilo que se aceita para ser bem sucedido, obter status, reduzir o índice de frustração diante do anonimato. Essa é a forma que os calouros adotaram para mostrar à sociedade que algo mudou em suas vidas.

A identificação de uma ação como violenta não é simples de ser observada, por isso, quando pedimos para os calouros apontarem o que seria um ato violento eles argumentam como sendo algo imposto, contra a vontade, humilhantes e constrangedores, características presentes nos trotes que sofreram, mas que não foram “percebida” por eles, já que não consideram as humilhações que sofreram – pedir dinheiro na rua, ficar se expondo a chuva e sol para ganhar alguns trocados, ficar todo pintado, ouvir xingos etc. – como atos violentos.

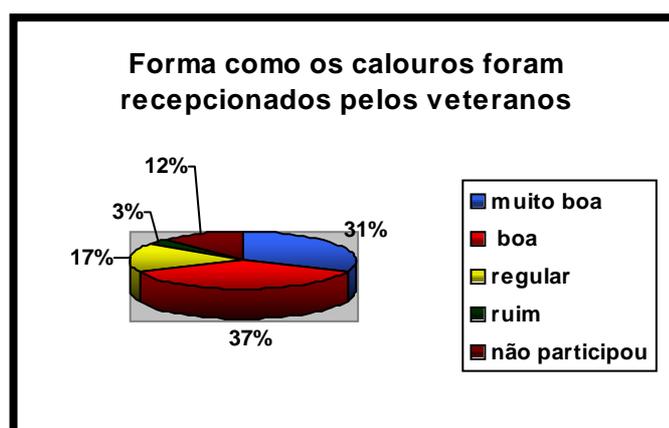
Outro fator que influencia nesta aceitação da violência é a mídia, um dos instrumentos da indústria cultural, pois ao banalizar os acontecimentos presentes na realidade, os apresenta como aceitáveis, o que também dificulta a percepção de um ato como violento. A violência é uma consequência das condições autoritárias que propiciaram o desenvolvimento do sistema econômico que vivemos, em que as pessoas pensam ter uma liberdade de sobrevivência, mas na realidade vivem uma relação de dependência ao sistema de produção, carregado de exploração do trabalho e falta de liberdade. Estas condições de produção desenvolveram a indústria cultural com o objetivo de vender em seus produtos e difundir uma ideologia que pretende a permanência da ordem vigente, sem conflitos e questionamentos, mantendo o *status quo*.

Quando nós educadores nos dermos conta da violência que está ao nosso redor, dentro da nossa escola e mais especificamente em nossa sala de aula, por meio da forma como os alunos se tratam e, principalmente, como nós nos relacionamos com eles, talvez possamos estar atentos para a violência social, para a maneira violenta com que agimos diariamente e passaremos a olhar estes ritos, estas tradições de maneira mais crítica.

A última questão sobre as expectativas dos calouros perguntava: quais foram as atividades de recepção preparadas pelos veteranos? Os alunos responderam que houve pedágios na chuva, churrasco, cervejada, tinta no rosto, cabelo, braços, pernas e nas roupas, gincana, palestras com alguns professores, caminhada no campus durante o sol do meio dia em posições que dificultavam, eleição da miss bixete e do mister bixo, almoço no RU apenas com faca, sem garfo ou colher, trote solidário, festas, apresentação dos veteranos e do Departamento de Química, corte de cabelo para quem quisesse e recepção na matrícula.

4.1.2– A forma como os calouros foram recebidos

Os calouros classificaram a maneira como foram recebidos por meio das seguintes opções: muito boa, boa, regular e ruim.



Treze calouros (37%) disseram que a recepção foi boa, sendo que cinco deles atribuíram esta qualidade ao fato de considerarem que não houve trote violento, nenhuma agressão e que as “brincadeiras” não foram exageradas. Dois disseram que os veteranos foram atenciosos e não se sentiram lesados. Um outro calouro afirmou que os veteranos foram pouco criativos e que poderiam ter feito atividades mais “legais”. Três criticaram dizendo que faltou uma maior apresentação do Departamento de Química e dos laboratórios. Dois calouros não justificaram. É interessante esta declaração de um calouro: “Não houve trote violento e no fim do dia eu disse: até que foi legal”. Esta resposta talvez esteja demonstrando o medo

que o novato estava sentindo antes das atividades, a insegurança e a ansiedade de enfrentar uma nova realidade.

Dos onze novatos (31%) que consideraram muito boa a recepção que tiveram, um deles atribuiu isso ao fato de achar que houve interação com os veteranos; um disse que o entrosamento foi rápido e outro afirmou que todos foram atenciosos e preocupados em não abusar nas brincadeiras; dois justificaram que estas atividades proporcionaram a amizade entre veteranos e calouros, já outro disse que os veteranos são “super” agradáveis. Uma caloura justificou: “Em nenhum momento me senti humilhada. Me diverti muito levando tudo para o lado da brincadeira”. Um calouro argumentou que pôde ver o lugar onde iria estudar. Apenas um novato não justificou sua resposta.

Seis calouros (17%) consideraram regular a recepção que lhes fora preparada, dizendo que poderia ter havido maior apresentação do Departamento de Química, da universidade e dos laboratórios, além do cumprimento das atividades propostas no calendário. Um calouro argumentou: “Alguns veteranos se sentiram superiores a nós. Outros foram educados, procuraram se enturmar, dar dicas”. Esta observação do calouro é muito interessante, porque a atitude dos veteranos de se acharem superiores aos calouros, pode estar refletindo o relacionamento que os alunos vivenciam com seus professores nos cursos. Talvez no momento do trote, o veterano se sinta superior ao calouro, como o seu professor se impõe como sendo superior a ele, portanto, na posição de veterano ele “pode” extravasar e se vingar do sofrimento que precisou suportar. Desse modo, enquanto aluno, o veterano suporta as humilhações do professor, enquanto veterano ele pode humilhar o calouro.

Freqüentemente, pode-se identificar o professor com o tipo no qual ele se confronta, ou seja, o professor tipo “aluno”, assim como também pode-se observar o aluno tipo “professor”. Ora, facilmente desvanecem-se as diferenças psíquicas das relações entre ambos através da hegemonia dos fatores externos que se fazem presentes.¹⁷¹

¹⁷¹ ADORNO, T.W. **Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos**. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin. UFSCar: publicação interna, 2002, p. 3.

Adorno esclarece que é na figura do professor que o aluno projeta o seu ideal de ego, mas esta imagem se desvanece quando o professor passa a exigir dele. O professor busca atingir seu objetivo puramente racional, ao contrário do aluno que busca neste indivíduo, antes de tudo, o que é humano. Para alcançar seu objetivo o professor pune por meio de exigências absurdas.

É possível inferir que a postura de superioridade dos veteranos expressa a forma como os professores dos cursos universitários se relacionam com os alunos, ou seja, demonstrando uma soberba intelectual, afirmando uma possível superioridade. Esta atitude também pode ser interpretada como uma forma do processo, denominado por Anna Freud¹⁷², de identificação com o agressor, pois quando o veterano passa a agir dessa forma (com superioridade) em relação ao calouro, de certo modo ele está expressando o sofrimento que teve que suportar durante as aulas e, nesse momento “pode” demonstrar que é superior a alguém.

Continuando as argumentações dos calouros por considerarem regular a forma como foram recebidos, um calouro disse que faltou organização. Outro novato argumentou que os veteranos não fizeram amizades com eles, pois nem os cumprimentam quando os encontram; outro respondeu que não houve muito envolvimento entre calouros e veteranos. Um novato justificou que houve uma tentativa de fazerem ele se subordinar mentalmente, mas não conseguiram. Um calouro registrou o seu protesto: “Eu fiquei sabendo que em outros cursos, os veteranos até hoje fazem atividades com os calouros, tipo combinar para ir numa pizzaria. Os nossos veteranos nem mesmo nos cumprimentam quando passam por nós.”

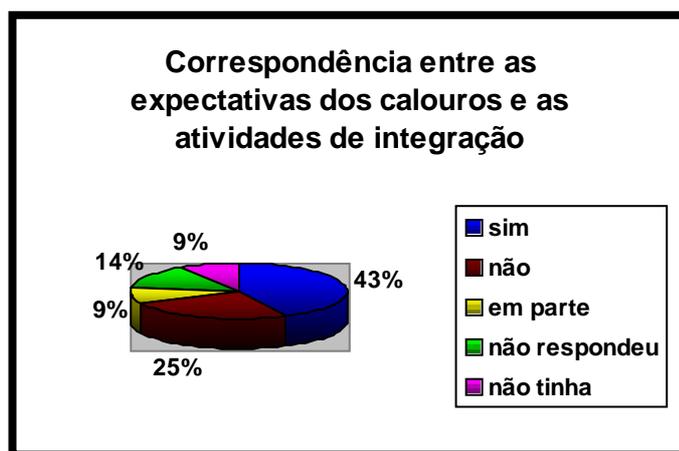
Apenas um calouro (3%) achou ruim a forma como foram recebidos e argumentou que não houve apresentação do Departamento de Química. Três calouros (7%) não responderam a esta questão, porque não participaram do trote.

O objetivo da Semana da Calourada é justamente a integração entre calouros, veteranos e comunidade. Pelas últimas respostas podemos perceber que vários alunos ficaram descontentes com a forma como foram recepcionados, ou porque queriam conhecer melhor o Departamento de Química ou porque não se estabeleceu uma amizade entre veteranos e calouros. A maioria dos calouros

¹⁷² FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

considerou boa ou muito boa a forma como foram recebidos. Pensamos que ao final da Semana da Calourada poderia ser realizada uma discussão com os alunos (calouros e veteranos) no sentido de avaliar e repensar novas propostas de atividades.

Na questão seguinte, perguntou-se aos novatos se foram confirmadas suas expectativas anteriores sobre a maneira como seriam recebidos na universidade.



Dos trinta e cinco alunos que responderam ao questionário, quinze calouros (43%) disseram que houve correspondência entre suas expectativas e o que ocorreu nas atividades de integração. Dois calouros afirmaram que os trotes permaneceram tranquilos, apesar de sentirem um pouco de receio; já outros dois afirmaram que as atividades foram as tradicionais. Três alunos disseram que os veteranos foram amigáveis, amistosos e receptivos. Um calouro respondeu que foi uma brincadeira “legal” e pode conhecer os veteranos e calouros. Um disse que não tinha muitas expectativas e outro que suas expectativas tinham sido superadas. Um calouro argumentou: “Sim, pois teve muita brincadeira, mas o que ficou em falta foi a presença dos veteranos no introzamento [sic] com os bixos. Os veteranos de química falharam!”¹⁷³

Outro disse: “Depois que li sobre a proibição de trotes violentos na UFSCar eu só imaginava isso como trote”. Três calouros não argumentaram.

¹⁷³ Todas as transcrições de respostas dos calouros estão sendo feitas na íntegra e mantendo os erros ortográficos, pois alguns tem significados importantes para a pesquisa, como a referência a palavra bicho com x e não com ch.

Para 9 calouros (25%) as expectativas não foram correspondidas, pois quatro deles achavam que o trote seria mais violento. Um achava que seria mais frio, sem contato entre calouros e veteranos. Dois criticaram dizendo que faltou entrosamento e hospitalidade, eles queriam conhecer o Departamento de Química. Um novato esperava menos pressão na realização das tarefas e outro achou que os veteranos só queriam pintá-los.

Três calouros (9%) afirmaram que não tinham expectativas em relação ao trote, sendo que um disse: “Eu não tinha expectativa em relação ao trote, mas confesso que me decepcionei com muitos veteranos.” Outros três novatos (9%) responderam que em parte suas expectativas foram correspondidas, um argumentou: “em parte sim, como a tinta e as brincadeiras no primeiro dia, no resto da semana não tivemos muito o que fazer”; outro disse: “porque em relação aos outros cursos, achei que os veteranos de Química poderiam ter preparado mais atividades, porém, os bixos estavam tímidos”. Outro calouro imaginava muito mais coisas. Cinco alunos (14%) não responderam a questão.

É interessante a resposta do calouro que argumentou que só teve atividade no primeiro dia, sendo que no resto da semana não teve o que fazer, mas se observarmos novamente a programação da Semana da Calourada (descrita no capítulo anterior), veremos que todos os dias tinham atividades programadas, como o trote solidário desenvolvido na quinta e sexta-feira. Percebemos que os alunos não vêem outras atividades que não sejam as tradicionais (pintura, corte de cabelo, pedágio etc.) como sendo trote, talvez, por isso, não tenham participado das outras: trote solidário, gincanas, palestras, entre outras.

A décima questão perguntava se atividades de recepção tais como pintura da face, dos cabelos e cobrança de “pedágios” podiam ser classificadas como elementos de um trote violento. Vinte e nove calouros (83%) disseram que não. Desse total, cinco justificaram que estas atividades não agredem nem prejudicam em nada o calouro. Quatro responderam que o calouro não é obrigado a participar. Quatro argumentaram que são apenas brincadeiras saudáveis e divertidas, como esta aluna: “não, devido ser uma brincadeira sem humilhação e sem violência. Apenas uma brincadeira que fará a todos nós deixá-la de recordações.”

Dois calouros disseram que atividades deste tipo fazem parte da comemoração, são tradicionais. “Tudo isso faz parte da vida de um calouro. Se não

fosse feito isso, não teria graça, eu não me sentiria realmente uma ‘bixete’”. Dois já esperavam as brincadeiras: “são atividades que todos esperamos acontecer ao entrar na universidade, e são atividades divertidas, que espero que no meu ano de veterana possa propagar a tradição.”

Um calouro argumentou que só é violento quando é contra a vontade do calouro e outro disse que não é violento desde que não cause problemas à saúde. Um calouro justificou que estas atividades são uma forma de celebração. Dois disseram que estas atividades provocam a integração entre calouros e veteranos: “apenas integram alunos e veteranos, além de conhecer a cidade fazendo pedágio”. Quatro calouros não justificaram sua resposta.

Dois novatos (6%) disseram que estas atividades são elementos do trote violento porque o pedágio é muito cansativo: “Quando em pequena quantidade eu acho que não, porém, vi pessoas extremamente pintadas. E quanto ao pedágio, deve ser muito desgastante ficar debaixo de um sol forte o dia todo.”

As fotos colocadas no capítulo anterior mostram o abuso que se faz na pintura, como um aluno do curso de Engenharia Química (foto 13) que estava todo azul. Havia tinta em todas as partes do rosto, braços, pescoço e na sua roupa. Também já mencionamos a caloura da Química que teve tinta até no olho.

Outro calouro disse que a primeira semana é destinada a conhecer a universidade: “a 1ª semana para o calouro é destinada a conhecer a universidade, o departamento, ter palestras que o esclareçam e não passar vergonha na rua.”

O pedágio coloca o calouro numa posição muito humilhante e constrangedora, pois nada mais é do que pedir esmolas na rua, além de estar todo sujo de tinta e, às vezes, até com chapeuzinho de festa de aniversário, como vimos nas fotos do capítulo anterior. Esta “brincadeira” tradicional nos trotes universitários nos faz lembrar a situação do calouro na Idade Média, quando todos os seus bens eram roubados e as suas economias eram gastas com as festas e extorsões dos veteranos e eles eram obrigados a pedir dinheiro e viver da bondade alheia.

Já quatro calouros (11%) responderam que depende. Dois argumentaram que depende de como é feito, não deve haver humilhações ou ser obrigatório, deve partir do “bixo” querer participar ou não. “Depende do modo a ser aplicado; sendo aplicado de forma a virar a diversão se torna algo satisfatório, mas quando estes elementos são atuados de modo a satirizar os bixos vira trote violento.”

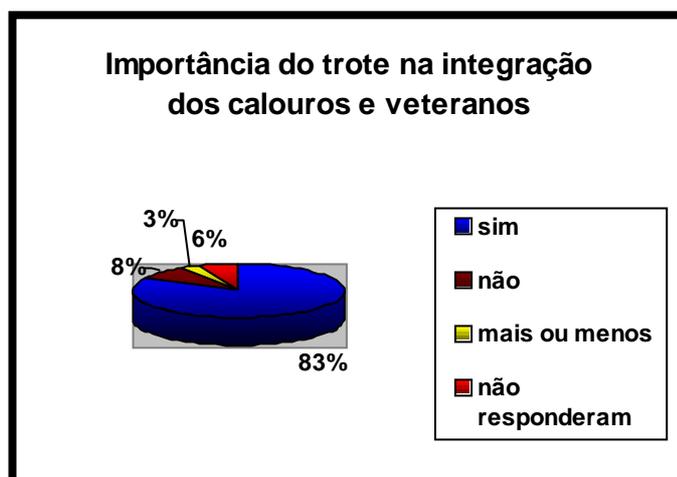
Talvez esta expressão “satirizar os ‘bixos” possa designar as humilhações e constrangimentos que os calouros são obrigados a vivenciar com as atividades que lhes são preparadas, normalmente pautadas num sadomasoquismo que permite ao veterano a oportunidade de se divertir com a desgraça do outro, desgraça que também viveu e sofreu, por isso, agora se sente no direito de reproduzir tudo ou mais que vivenciou enquanto calouro.

Dois novatos disseram que o trote é violento quando é forçado. “Se o veterano dispensar as pessoas que não concordassem com trote, sem ridicularizá-las não seria um trote violento”.

Deve-se questionar novamente, se o calouro é consultado sobre as atividades de integração pretendidas pelos veteranos. Caso a resposta seja negativa por parte dos calouros, haveria a possibilidade de integração com os veteranos e o grupo? Adorno em seu artigo *Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos* demonstra que: “Alguém se identifica com os membros da mesma turma quando se liga com estes através dos mesmos hábitos e de uma rotina em comum¹⁷⁴”. As amizades serão construídas durante a convivência no curso, podem até serem algumas delas iniciadas nesta semana do trote, mas é com o passar do tempo que os laços afetivos serão estreitados e os pequenos grupos começarão a se formar. A participação ou não no trote não é garantia de novas amizades, mas aqueles que não participarem poderão ficar com uma imagem negativa diante do grupo de veteranos e até mesmo dos calouros, pois é a tradição que está em jogo. Novamente reforça-se a importância de um debate entre alunos e professores sobre a realização destas atividades, da forma como são realizadas e a busca de novas alternativas. No entanto, para que haja esta discussão, as pessoas precisam perceber que algo está errado, enquanto não houver esta conscientização não haverá debate algum e, portanto, nenhuma mudança.

Na questão seguinte os calouros opinaram se a realização do trote foi importante para promover a integração entre os novatos e os veteranos.

¹⁷⁴ ADORNO, 2002, p. 3.

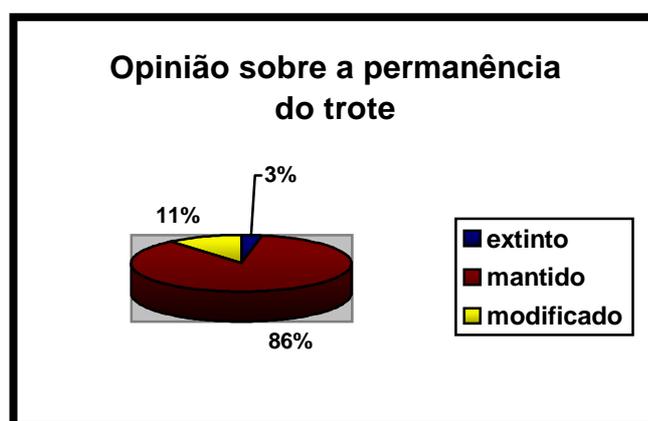


Vinte e nove calouros (83%) responderam afirmativamente. Três alunos justificaram dizendo que as atividades proporcionam amizades: “Sim, as amizades começam nesses eventos”. Onze calouros argumentaram que puderam ter um contato, uma aproximação com os veteranos do curso de uma forma amigável: “pois só assim é possível conhecer as pessoas que estão em ano mais avançado, no trote tem-se uma relação amigável com muitas pessoas...”. Três calouros disseram que as brincadeiras ajudam na integração entre calouros e veteranos: “sem esse trote é extremamente difícil a integração entre veteranos e calouros.” Cinco falaram da importância desse contato com os veteranos, pois os calouros podem contar com a ajuda deles no início do semestre: “sim, porque eles deram alguns toques e se dispuseram a ajudar.” Um disse que estas atividades são importantes porque permitem uma integração com a comunidade universitária e outro argumentou que todos se comunicam com um fim comum. Um calouro respondeu que são importantes “mas só quando ambas as partes estão dispostas a participar do mesmo de uma forma racional”. Quatro novatos não justificaram suas respostas.

Três calouros (8%) disseram que não, sendo que um argumentou que os veteranos não se integraram, outro disse que ainda não conhece ninguém e um terceiro justificou que sempre havia separação entre calouros e veteranos: “porque não foram todos os veteranos que participaram e sempre que nos reunimos permanecia aquela separação – veteranos de um lado, calouros para outro.”

Apenas um calouro (3%) respondeu que a integração foi “mais ou menos”, disse que alguns veteranos foram simpáticos e outros não. Dois calouros (6%) não responderam a questão.

Em seguida perguntamos aos calouros se o trote deveria ser extinto, mantido da forma como foi aplicado (pois é uma tradição importante para a integração dos alunos) ou mantido, porém, modificado.



Trinta calouros (86%) disseram que o trote deve ser mantido da forma como foi aplicado, pois é uma tradição importante para a integração entre veteranos e calouros. Apenas um novato (3%) respondeu que o trote deveria ser extinto. Quatro calouros (11%) responderam que o trote deveria ser mantido, porém, modificado e sugeriram que deveriam pintar apenas o nome do curso em que o calouro entrou e o resto deveria ser mais atividades de integração; outra sugestão foi em relação ao pedágio, que na maioria das vezes, humilha o calouro, portanto, deveria ser opcional; os calouros deveriam conhecer a faculdade na íntegra, os professores do curso e os esquemas de avaliação das aulas.

Nesta resposta percebe-se a necessidade de integração dos alunos, eles precisam entrar no grupo já existente, fazer novas amizades para que quando precisarem de alguém, saibam com quem contar, um tutor que possa lhes indicar algumas coisas, apesar de não se darem conta dos mecanismos da opressão social em termos mais amplos, manifestos neste tipo de atividade. Os trinta alunos que acham que o trote deve ser mantido da forma como foi aplicado demonstram que realmente os alunos não vêem a violência, a agressão que estão sofrendo, pois há

uma idéia de que tudo é uma “brincadeira” que faz parte de um ritual, mas na realidade é uma camuflagem de um sadomasoquismo.

Também perguntamos aos novatos se eles participaram do chamado trote solidário promovido pela universidade. Caso fosse afirmativa a resposta, foi pedido que respondessem: se não fosse o estímulo da universidade, você participaria de tais atividades por livre e espontânea vontade?



Trinta e três calouros (94%) responderam que não participaram do trote solidário e justificaram dizendo que tiveram que ir embora da cidade, que choveu no dia ou tinham outro compromisso, apesar de vários alunos argumentarem achar a iniciativa muito importante. Apenas duas novatas (6%) disseram que sim. Uma delas respondeu que quis participar porque acha importante, mas só participou de uma atividade assim pela iniciativa da faculdade, caso contrário, talvez não tivesse participado. Outro disse que faria novamente em diferentes épocas.

É muito interessante observar os motivos dos alunos não terem participado do trote solidário. Vários disseram que acham muito importante atividades deste tipo e que é uma ótima iniciativa. Porém, o que se observa é que apenas duas alunas (6%) participaram da atividade, uma por espontânea vontade e a outra devido a iniciativa da universidade, o restante (94%) dos calouros tentaram justificar suas respostas dizendo que foram para outra cidade ou porque estava chovendo, mas no primeiro dia em que ocorreram as atividades com os Centros Acadêmicos, à tarde, no momento do pedágio, estava chovendo e os calouros e veteranos estavam lá, na chuva arrecadando o dinheiro para a festa. A questão que se anuncia com esta

problemática é que a participação no trote solidário não trará o reconhecimento que traz a participação nas atividades tradicionais, pois há um número muito menor de alunos nos últimos dias da Semana da Calourada. O calouro chamará mais a atenção dos demais alunos participando das atividades ditas “brincadeiras” com um ar de divertidas, do que participando das atividades sérias como o trote solidário. Para o calouro o que importa é sair do anonimato, é ser percebido, mesmo que para isso sofra as humilhações e conseqüências presentes nas atividades, mas que promovem um maior reconhecimento de sua pessoa.

O trote de um modo geral é um espetáculo quando chama a atenção das pessoas, pois precisa ser percebido para sobreviver. O trote solidário é um disfarce da violência das demais atividades, já que é humanitário, uma iniciativa que produz uma boa imagem de solidariedade nesta sociedade pobre e necessitada. Ele camufla as outras atividades generalizando a idéia de que o trote universitário realizado na UFSCar se restringe apenas ao trote solidário.

O trote passa a ser percebido apenas como trote solidário esquecendo-se do trote violento que continua existindo paralelamente, até mesmo antes do solidário. Ele passa a ser a propaganda do trote universitário, pois é visto como politicamente correto, não deixando “perceptíveis” as humilhações e os constrangimentos presentes nas atividades tradicionais. A sociedade constrói e se entrega a esta idéia criada pelo politicamente correto, como destacou Christoph Türcke, em seu artigo *Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência*:

O politicamente correto não é, tal como muitas vezes se assevera, o último bastião da crítica social radical; a sensação existe nessa mescla, nessa miscelânea entre o pensamento e a realidade até chegar à sua própria desfiguração.¹⁷⁵

No entanto, se o politicamente correto expressa o falso e acaba engendrando a discriminação, a exclusão, a marginalização, ou seja, tudo isso confirma o que o calouro idealiza como correto: a integração.

¹⁷⁵TÜRCKE, Christoph. **Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência**. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin, UFSCar: publicação interna. 2002, p. 5.

O trote solidário é exatamente a “defesa dos princípios”, do politicamente correto, é o que deve ser mostrado (pessoas boas, solidárias) o que deve aparecer, pois precisa disso, na nossa sociedade dos espetáculos que inverte a realidade, para existir.

A sensação tenta vencer através do seu encanto, como se fosse um santo; como se fosse um acontecimento mundialmente profano que se faz passar por algo sacro e que, do sentido das coisas, conserva apenas o lado lascivo.¹⁷⁶

Esta afirmação expressa muito bem a idéia do trote solidário como sendo algo bom, aceito socialmente, o correto na convivência social, mas no fundo conserva e até mesmo justifica a existência das atividades tradicionais, até por continuar trazendo a denominação trote, carregando consigo toda a tradição pertinente ao termo.

A camuflagem que o trote solidário proporciona às outras “brincadeiras” que continuam sendo realizadas, dificulta ainda mais a reflexão sobre a violência presente nas atividades pautadas no sadomasoquismo, porque há um desvio do olhar para o que existe – o que está aparecendo, o trote solidário – ou seja, dificulta-se a percepção da violência presente nestas atividades, passando a mostrar o trote como uma coisa boa “[...] quando aquilo que impressiona é considerado bom, pois torna-se necessário para a sobrevivência, então o que é impressionável não pode ser ruim¹⁷⁷. TÜRCKE destaca que o que não é percebido não existe, daí a idéia da não existência da violência nas atividades tradicionais como pintura, pedágio, corte de cabelo, xingos etc., já que não são percebidas como violentas, pois têm o respaldo do trote solidário. Mas ele não elimina a violência e o sadomasoquismo presente nas atividades tradicionais, apenas cria um disfarce para a justificação e perpetuação deste ritual.

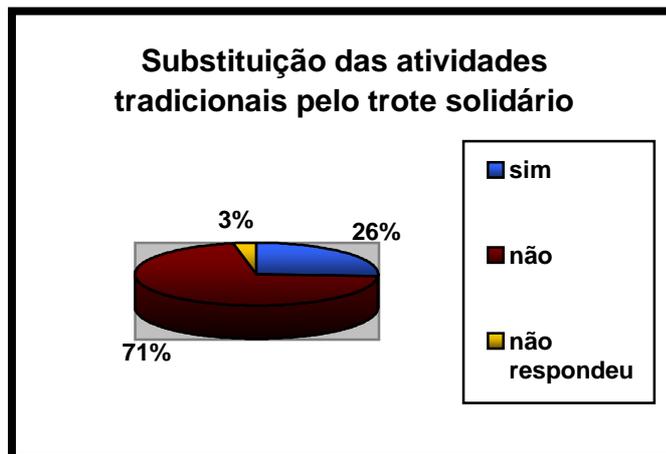
O trote universitário de uma maneira geral é uma forma de exibicionismo, em que ambas as partes – calouros e veteranos – têm a oportunidade de mostrarem que são diferentes porque estão numa universidade e, a participação no trote

¹⁷⁶ TÜRCKE, 2002, p. 6.

¹⁷⁷ Ibid., p. 2.

permite sentir essa diferenciação, ter a sensação de ser reconhecido e sair do anonimato.

Na questão seguinte solicitamos que os calouros opinassem a respeito da possibilidade do trote solidário substituir aquelas atividades, tais como pintura da face, corpo e pedágio.



Dos trinta e cinco calouros que responderam ao questionário, vinte e cinco (71%) responderam que não deveria haver a substituição, sendo que dezoito disseram que deveria haver a realização das duas formas de atividades. Um calouro disse que o pedágio é tradição; outro argumentou que as amizades começam aí; para outro estas atividades são “relax” e sem problemas e um disse que poderia ocorrer diversos tipos de atividades. Um calouro argumentou que o trote solidário não deve substituir, mas acrescentar (doação de sangue). Outro disse que o trote solidário deve ser mais uma atividade: “(...) para quem preferir recolher alimentos o faça e quem quiser ter a cara pintada também tenha a vontade satisfeita.” Dois calouros disseram que os objetivos das atividades são diferentes.

Nove calouros (26%) responderam que deveria haver a substituição das atividades tradicionais pelo trote solidário, sendo que dois disseram que seria mais interessante e solidário; três responderam que deveriam substituir o pedágio porque é desgastante; outros dois argumentaram que deveria haver doação de sangue e alimentos porque é mais humano, e um falou que é mais saudável e ajuda as pessoas. “Sim, deveria substituir pelo pedágio, pois a renda obtida neste evento foi para benefício dos veteranos e não para a sociedade”.

Novamente os dados maciçamente revelam a opção pelo trote “nos moldes tradicionais” revelando que o calouro “quer” ser percebido. Este clima cultural é característico da sociedade em que há a dominação da indústria cultural que incentiva um narcisismo, no qual as pessoas necessitam se mostrar e têm a si mesmo como referência. O novato quer assumir o logotipo de calouro – de universitário – que irá se distinguir pela aquisição do conhecimento superior. Daí a humilhação inicial de reduzir a condição de bixo (com x) e tudo que isto acarretará, podendo experimentar a sensação de reconhecimento.

4.1.3 - O que os calouros desejam fazer com os novatos do próximo ano:

A última questão tinha os seguintes dizeres: no próximo ano você será veterano. Gostará, então, de participar da aplicação de trotes a novos calouros? O que você deseja fazer com eles no próximo ano?



Vinte e dois calouros (63%) responderam que têm interesse em aplicar o trote aos novos alunos, sendo que cinco aplicarão o mesmo tipo de trote que lhes foi aplicado; três querem pintar as faces e fazer pedágios; duas pretendem ajudar os calouros com informações do cotidiano universitário; um acha importante conhecê-los, fazer amizades e auxiliá-los no que puder; outro quer diverti-los para que tenham boas lembranças. Um calouro respondeu que quer aplicar atividades saudáveis para integrá-los, mantendo a pintura no rosto e o pedágio porque é tradição; outros dois querem integrá-los através de conversas e festas. Um disse

que todos os calouros tem que passar por essa; outro quer diversão para os calouros e veteranos “tudo levado na boa fé”.

Algumas respostas foram sádicas como essas: “Sim, gostaria de levá-los para recolher alimentos nas esquinas e depois dar um banho de água neles (se o calor permitir).” “Sim, torná-los meus garçons, cuidar deles na rua na hora do pedágio e deixá-los embreagados no mesmo dia à noite.”

As respostas exemplificam nossa hipótese de que as atividades de recepção dos calouros na universidade são pautadas na reprodução de práticas sadomasoquistas. Freud define o sadismo como o exercício de violência ou poder sobre uma pessoa ou objeto, exatamente as características encontradas nas respostas através de uma violência explícita, como dar um banho de água fria nos calouros ou embriagá-los, além de fazê-los pedir dinheiro na rua e torná-los seus garçons – atividade que já era realizada na Idade Média. É interessante como a história retorna ao presente sem que as pessoas tenham consciência disso, como esse exemplo de fazer os calouros garçons. Pelo que pudemos acompanhar das atividades que foram realizadas os veteranos fizeram os calouros levar suas bandejas de comida quando terminaram de almoçar, no entanto, não teve banho de água fria em ninguém. Quanto as bebidas, pode ser que tenha ocorrido nas festas após o pedágio.

Outra caloura criticou a forma como foi recebida: “sim, o meu objetivo será a integração dos bixos conosco devido a ausência deste fato no ano em que entrei na universidade.”

Uma caloura especificou sua programação do trote:

Sim, gostaria, mas podemos elaborar melhor a recepção:

1º trote e pedágio;

2º conhecer os Departamentos, a Biblioteca e o RU;

3º recolher alimentos;

4º doar os alimentos;

5º livre

Treze calouros (37%) disseram que não gostariam de participar, sendo que dois argumentaram que estarão em suas cidades. Uma caloura disse que é tímida e outra argumentou que apesar de achar importante a integração entre veteranos e

calouros não quer participar. Um calouro falou do constrangimento provocado pelo trote: “Eu não tenho vontade de aplicar estes trotes em nenhum calouro, pois, ao meu ver, os calouros ficam numa situação constrangedora.”

Podemos observar que são raros os calouros – no caso apenas um – que têm uma conscientização do constrangimento que o trote provoca nos alunos. A maioria quer aproveitar a oportunidade para se vingar no outro da raiva e humilhação que teve que suportar enquanto calouro. Este processo de “desforra” é definido por Anna Freud de identificação com o agressor, em que o indivíduo se deixa agredir para poder agredir futuramente o outro.

4.2– Entrevistas

As entrevistas foram realizadas com duas veteranas da turma de 2000, três calouros da turma de 2001 e, posteriormente com duas veteranas da turma de 2001. Para análise usamos as siglas (V) para veteranas, (C) para calouros e um número relativo a entrevista disponível nos anexos. No total foram realizadas sete entrevistas tendo como eixos de investigação:

- 1) Significado das atividades de integração;
- 2) Sensação de participar do trote;
- 3) Manutenção e perpetuação do trote;
- 4) Importância da participação;
- 5) Relação entre o vestibular e o trote;
- 6) Intervenção da universidade na aplicação do trote;
- 7) Trote solidário;
- 8) Relacionamento professor/aluno.

4.2.1 – Significado das atividades de integração

Pudemos observar nas falas dos alunos que as atividades realizadas no trote têm um sentido integrativo dos calouros com os veteranos e a universidade. Elas são importantes para que se estabeleça um relacionamento com os veteranos de modo a favorecer o desenvolvimento de novas amizades.

Uma veterana (1) explicou a dificuldade enfrentada pelo calouro que mora em outra cidade. Ao chegar na universidade ele se sente muito sozinho e precisa desenvolver novas amizades para ajudá-lo neste processo de mudança e adaptação.

Geralmente as pessoas que são chamadas de nossos “bixos” vêm de outras cidades e encontram-se aqui no nosso curso sem conhecimento, sem ter amizades, então o trote é justamente para nós conhecermos os nossos “bixos” e deixar que eles também nos conheçam, [...] é mais para integração do grupo, pra gente não deixar eles sozinhos, porque tem muitas pessoas que não sabem onde vão morar, aonde tem que ir, em que parte do departamento, aonde você conseguiu as coisas. O trote é mais para você conhecer, como uma festa de apresentação mesmo, só que pro lado da diversão; é justamente para quebrar o gelo, porque tem muitos “bixos” que são tímidos, então a gente faz isto justamente para animar as pessoas, para deixá-las mais a vontade.

Nesta resposta é possível verificar um tom de superioridade dos veteranos, como denominá-los de seus “bixos”, como sua propriedade, como superiores aos calouros, porque fazem parte do grupo já estabelecido.

A ênfase dada a integração dos novos alunos com os antigos demonstra a preocupação com a aceitação no grupo como um todo. É muito importante para o calouro fazer novas amizades, isso significa ser aceito ou não no grupo da Química. Freud destaca que a formação de grupo é importante, já que a sociedade é formada de grupos. Ao chegar à universidade o calouro precisa do afeto daqueles que também fizeram uma escolha igual a sua – o mesmo curso – por isso, tem algo a ver com eles, já os identifica como seus amigos. Mas a autoridade dos alunos antigos é muito clara, pois o calouro tem que obedecer às ordens e vontades dos veteranos para ser aceito no grupo.

A superioridade do veterano de Química cessa quando sua “raiva” é direcionada a outro grupo – o de Física. Neste momento os veteranos adotam os seus calouros e se unem para mostrar sua hostilidade ao grupo “rival”. Os calouros sem saber dos motivos desta desavença, imediatamente aderem a causa dos seus

“superiores”, que por alguns instantes se tornam iguais a eles, pois precisam se unir para mostrar a força do curso de Química. Essa situação exemplifica as considerações de Freud sobre mente grupal.¹⁷⁸ O autor utiliza-se de Le Bon para explicar que quando o indivíduo está dentro do grupo – mente coletiva – ocorrem algumas alterações nas suas reações individuais. Os dotes particulares se desvanecem. Podemos observar estas mudanças no comportamento dos alunos: os calouros deixam-se levar pela hostilidade dos veteranos e gritam juntos palavras agressivas aos alunos do outro curso; os veteranos como líderes do grupo, perdem a “civildade” e agridem seus calouros e seus “rivais”, esquecendo-se que são pessoas cultas, portadoras de uma cultura, inteligentes, estudantes universitários, observando-se uma redução do senso de responsabilidade.

As amizades surgidas neste contexto de integração ao grupo preestabelecido impõe uma subordinação do recém-chegado, que precisa aceitar sem questionamentos o que lhe for imposto. Suas reclamações e a revolta que teve enquanto calouro poderão ser extravasadas no ano seguinte quando será veterano, nos alunos que virão e terão que passar por tudo aquilo que ele precisou recalcar. Esse é o exemplo do processo sadomasoquista presente nas atividades do trote.

4.2.2 – Sensação de participar do trote

Pelas respostas pudemos perceber que três alunos (C1, C3 e V2) tiveram uma sensação boa ao participar do trote, se sentiram mais enturmados, mais em casa e puderam fazer amigos neste evento. Duas alunas (C2 e V3) disseram que foi tudo bem, mas que sentiram muito cansaço após as atividades, pois tiveram que fazer o pedágio que é cansativo. Uma delas disse que não queria ficar na universidade e não participou de todas as atividades.

Uma veterana (1) disse que ao participar do trote tenta não permitir que os outros sintam o que ela sentiu enquanto caloura, pois quando chegou em São Carlos sentiu muita dificuldade, porque não participou de todas as atividades deixando de conhecer pessoas. Somente depois de um ano é que conheceu os veteranos e foi fazendo amizades. Também disse que se sente muito bem em

¹⁷⁸ FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 84.

participar do trote, porque conhece várias pessoas e aprende coisas novas, culturas diversas com pessoas que têm experiências diferentes e pode fazer novos amigos.

Outra veterana (4) relatou que sentiu que suas expectativas não foram correspondidas, porque achou falta de conhecer o departamento, os laboratórios, até mesmo os professores que pudessem dar uma idéia mais clara do que é a universidade, porque no primeiro semestre teve a dificuldade em se localizar no campus e usar a biblioteca.

Talvez possamos associar a sensação de participar do trote com uma busca de prazer na sociedade atual; prazer esse denominado por TÜRCKE de pré-prazer. O autor argumenta em seu artigo *Prazeres preliminares – virtualidade – expropriação. Indústria cultural hoje*,¹⁷⁹ que atualmente esta busca de estímulos para exercitar o pré-prazer caminha para artifícios cada vez mais carregados de masoquismo. O fato do aluno se sentir bem ao participar das atividades tradicionais demonstra que, para sentir algo não importa o cansaço que sentirá depois, o importante é ter uma sensação diferente. Além disso, sentir que está enturmado fazendo parte do grupo, já permite uma sensação de prazer, pois como explicou uma veterana, muitos alunos vêm de outras cidades e precisam conhecer alguém que possa lhes indicar onde devem ir e o que fazer.

Voltar para casa com as marcas da tradição – cabelos raspados e muito pintado – também propicia esta sensação de prazer ao calouro e a seus familiares, já que exibir à sociedade a entrada numa universidade pública, significa ser reconhecido como um universitário.

A veterana que sentiu uma frustração em relação as atividades que participou disse que não quis ir ao pedágio porque não acha legal. Para ela o interessante seria conhecer a universidade e não arrecadar dinheiro na rua para tomar cerveja à noite, apesar de achar que isto também precisa existir, mas não no primeiro dia em que o calouro chega na universidade. Como tudo é novidade para o recém-chegado, é compreensível a expectativa em conhecer onde vai estudar e saber mais sobre o curso que acabou de entrar. Esta veterana da turma de 2001, forneceu suas idéias de como poderia ser feita a recepção dos calouros de maneira a atender estas expectativas e ser útil ao novato, de modo a se locomover e conhecer o cotidiano da

¹⁷⁹ TÜRCKE, C. Prazeres preliminares – virtualidade – expropriação. Indústria Cultural hoje. In: DUARTE, R., FIGUEIREDO, V. (org.) **As luzes da arte**. Belo Horizonte: Opera Prima, 1999, p.55-79.

vida universitária, repleto de siglas, burocracias e um novo ritmo de estudo. Além disso, os alunos que moram em outras cidades precisam encontrar uma moradia, daí a importância de fazer rapidamente novos amigos, como havia dito uma veterana, mas é preciso rever a forma como estas amizades são oferecidas, o preço que se paga para conseguí-las é alto, é preciso passar por humilhações, receber xingos, ser pintado, pedir dinheiro na rua, obedecer às ordens dos veteranos para conquistar uma amizade.

4.2.3 – Manutenção e perpetuação do trote

Todos os entrevistados concordam que é muito importante que o trote continue existindo, porque ajuda na integração com os veteranos e a universidade, favorece novas amizades e o calouro não se sente perdido. Duas alunas se referiram a violência: uma (V3) disse que o trote é importante desde que não tenha violência e a outra (C2) lembrou do calouro Edison Tsung Chi Hsueh, que morreu afogado após participar do trote na USP, em 1999. No entanto, a caloura considera este caso como isolado, que acarretou, para muitas pessoas, um desconforto em participar do trote, mas não no seu caso que não teve nenhuma violência.

Quando perguntamos a uma veterana (4) se ela achava que estas atividades eram importantes, sua resposta foi a seguinte:

O trote, são com certeza, são porque é uma maneira de integrar o pessoal que está chegando com os veteranos. É uma maneira de conhecer melhor, de estar interagindo mesmo para criar uma amizade. É, só que a maneira como este trote é conduzido é que não é legal [...]

Esta veterana consegue perceber o problema do trote, ou seja, a forma como ele é conduzido. A questão que se estabelece é em relação a violência que não é percebida, já que está presente na sociedade como um todo e não só no trote ou na escola e de diferentes formas, explícita ou de maneira sutil. No caso do trote na UFSCar a violência é sutil, por meio de agressões psicológicas e de uma maneira aceita como a pintura e o pedágio, não explícita como no caso do aluno da USP, capaz de deixar recordações às pessoas.

A violência reflete a forma de exploração do sistema de produção da sociedade capitalista. Ela faz parte do clima cultural em que vivemos, dominado pela indústria cultural que, por meio de seus diversos instrumentos divulga e propaga uma semiformação cultural, um narcisismo e um exibicionismo, que usam também da violência para se concretizarem. O trote, como exemplo deste exibicionismo, camufla práticas violentas pautadas no sadomasoquismo, respaldado por um discurso ritualístico como parte integrante de uma tradição.

4.2.4 – Importância da participação

Nesta questão quisemos saber a opinião dos entrevistados sobre as pessoas que não participam do trote. Dois alunos (C1 e V3) disseram que todos têm o direito de querer participar ou não das atividades e suas opiniões e seus valores devem ser respeitados.

As veteranas (1 e 4) argumentaram que as pessoas não devem se excluir destas atividades, porque perdem a oportunidade de entrarem mais rapidamente no convívio do grupo. Consideram importante participar pelo menos de alguma atividade para que haja uma relação com os veteranos.

Uma caloura (3) foi muito sensata ao associar a não participação no trote com o medo da violência, observando que esta questão pode ter um fator social, em que as condições externas incitam o medo.

Acho que cada um foi educado de uma forma, então pode ser que estas pessoas não gostam de se integrar com pessoas novas, preferem ficar num mundo fechado, ou tenham medo, porque a gente ouve falar do trote violento, então pode ser que muitas pessoas chegam aqui com receio de sofrer o trote violento, por isso elas se fecham.

Já outra caloura (2) fez uma análise deslocando a culpa para o individual como uma dificuldade única e exclusivamente da pessoa.

[...] elas não estão querendo interagir com os outros, acho que pessoas que não topam estas atividades não vão topas as outras

também, são pessoas que não gostam desses trabalhos em grupo, acham besteira.

É interessante observar essas duas idéias sobre o mesmo tema. O primeiro discurso não nega a possível formação do calouro que não quer participar porque rejeita novas amizades, mas levanta a hipótese de que essa não participação seja fruto do contexto social em que vivemos. Como tentamos mostrar no capítulo anterior, a violência no trote existe há muito tempo e surge com o nascimento da universidade. Durante todo esse tempo vários foram os casos brutais de trote na história. Contudo, não há uma separação entre o trote e a sociedade, ele não é um fato isolado – como definiu a caloura – mas reflete o contexto mais amplo em que está inserido.

Já no discurso da caloura (2) podemos detectar o raciocínio inculcado pela semiformação cultural, que busca sempre reverter para o plano individual as falhas e deficiências da sociedade, para que não haja uma discussão e conscientização do real contexto e coloque em pauta a ordem vigente.

A veterana (2) mostrou em sua resposta uma atitude discriminatória em relação aqueles que não participam.

Olha, as brincadeiras que foram as que a gente fez com os calouros e que fizeram comigo, não teve nenhuma brincadeira violenta, desagradável, nada, então acho que é uma bobeira das pessoas não participarem [...].

Como destacaram algumas alunas, a não participação nos trotes dificultará a entrada no grupo como um todo e isso poderá atrapalhar até nas suas atividades. A caloura (2) e a veterana (2) deixaram claro que estas pessoas já se excluíram do grupo ao recusarem participar ou porque são “bobas” ou porque são tímidas. De imediato lhe colocam um rótulo de alguém que não aceitará participar de nenhuma atividade em grupo, ficando marcado e podendo dificultar seus relacionamentos acadêmicos e sociais.

4.2.5 – Relação entre o vestibular e o trote

Perguntamos aos entrevistados se existe alguma relação entre o trote e o vestibular. Dois calouros (1 e 2) relacionaram o nível do trote – mais ou menos violento – ao tipo de vestibular – difícil ou fácil. Disseram que nos vestibulares mais concorridos, que são os das universidades públicas, o trote é mais violento e nas universidades particulares, em que o vestibular é mais fácil ou não existe trote ou esse será menos violento.

Outras duas alunas (C3 e V3) não perceberam nenhuma relação entre o vestibular e o trote. Já a veterana (2) apesar de dizer que não vê nenhuma relação, mostrou o contrário em sua resposta.

Não, eu acho que nenhuma, porque o trote é praticamente assim, acabou a fase do vestibular, se for é assim para mostrar que acabou aquela fase de ficar em cima dos livros, aquela pressão toda, mostrar que você entrou na faculdade, vai atrás do que você quer e vai em frente.

As veteranas (1 e 4) demonstraram em suas respostas que há uma relação, sendo que os argumentos seguem o mesmo raciocínio da veterana anterior, vão ao encontro de um certo exibicionismo. A veterana (1) explica que quando se passa no vestibular surge uma vontade de comemorar a entrada na universidade, já que é difícil conseguir isso. Então, o trote é um momento de partilhar a alegria e a felicidade com outras pessoas. A resposta da veterana (4) é muito interessante:

Eu acredito que exista uma psicologia nisso. Eu enxergo o trote como uma coisa assim: “eu já estou na universidade (os veteranos) e eu não quero que você entre, então, eu quero te ridicularizar, não quero que você entre”. Eu enxergo o trote assim, é uma opinião minha, eu acho que o sentido do trote é de ridicularizar a pessoa que está entrando, porque quem já está na universidade não quer que a pessoa que está entrando concorra com ela. Eu vejo o trote como sendo isto. Agora eu acho importante no sentido de você aliviar o estresse do vestibular, parece que para você sentir que passou pelo vestibular você precisa do trote, pintar a cara, aquela coisa, gritar, o

pessoal fazer você cantar, então eu acho que é tipo um ritual que você passou no vestibular para entrar na universidade, então parece que você precisa passar para ter certeza de que passou na universidade.

Podemos perceber nessas três respostas uma necessidade de exibição do aluno que passou no vestibular. Ele precisa mostrar que é alguém diferente, possuidor de algum diferencial, pois conseguiu competir com muitos concorrentes e conquistar a sua vaga na universidade. Esta necessidade de exibição não se restringe ao trote, pelo contrário, é característico do comportamento humano na sociedade atual, denominada por Debord, de sociedade dos espetáculos. O trote é mais um elemento espetacular nesta sociedade, em que é muito valorizado o mostrar-se e ser reconhecido, por isso, o calouro precisa portar símbolos que mostrem a sua inserção na universidade.

Além disso, podemos observar na última resposta um caráter masoquista nos calouros, pois para aliviar o estresse do vestibular, o calouro precisa se sujeitar a atividades pautadas em agressões (pintar a cara, ser xingado pelos veteranos), para ter certeza de que entrou na universidade, tudo respaldado pelo argumento aceito pela sociedade de que faz parte do ritual de passagem do vestibular para a universidade.

A resposta da veterana (4) também discute a possível rivalidade ou concorrência do veterano para com o calouro. Para ela o trote tem o sentido de ridicularizar a pessoa que está entrando na universidade, que será um concorrente no futuro. A aluna tem razão quando diz isso, porque todos estão sendo formados no mesmo curso e, possivelmente, disputaram o mercado de trabalho no futuro. No entanto, esta ridicularização pode ter o sentido de fruição dos desejos que foram recalçados num momento anterior, ou seja, a oportunidade de aliviar toda a raiva, humilhação e rancor que teve que reprimir enquanto calouro. O momento de aplicar o trote é a oportunidade ideal da desforra.

4.2.6 – Intervenção da universidade na aplicação do trote

Todos os entrevistados concordam que é importante a intervenção da universidade na aplicação do trote, apesar dos argumentos serem diferentes. Os calouros (1 e 3) relacionaram a intervenção da universidade ao trote solidário, dizendo que esta atividade faz nascer no calouro um espírito de cidadania, importante para quem entrou numa universidade pública.

A caloura (2) considera válida a intervenção da universidade como uma atividade paralela, depois do trote tradicional – associado a diversão – o trote solidário seria uma atividade paralela para quem quisesse participar, ou seja, ela valoriza muito as atividades tradicionais.

A veterana (4) diz que a intervenção deve ocorrer no sentido de colocar regras e fazer uma programação que atenda as necessidades do calouro, para que não se sinta perdido no campus.

As veteranas (1, 2 e 3) argumentam que a intervenção da universidade deve existir para evitar a violência no trote, não permitir os abusos. A resposta da veterana (1) explica o mecanismo sadomasoquista presente no trote, todavia, ela não percebe que as atividades que participou também são violentas.

Olha, depende do tipo de trote, o trote solidário eu acho que é uma atividade que visa a caridade, então eu acho que isto é muito importante, porque além de você estar se ajudando você vai estar ajudando pessoas que precisam de ajuda realmente, financeira ou alimentícia, esse tipo de coisa. Eu acho que esse trote é muito saudável. Agora já o trote com violência, que ocorreu alguns anos atrás, não aqui na universidade, mas em outras universidades (eu não vou citar) eu acho que realmente a universidade deve intervir, porque violência não combina com o nosso propósito, que é de conhecer e ajudar as pessoas, eu acho que realmente a universidade deve intervir nesses trote mais violentos, que você deixa constrangida as pessoas, as pessoas são passadas por humilhações, isso acarreta vários traumas psicológicos e esses traumas podem vir a fazer com que essa pessoa se vingue na outra.

A entrevistada considera o trote como violento quando faz com que o calouro passe por humilhações que acarretam traumas psicológicos, sem perceber que as atividades que propõe aos calouros causam exatamente isso, como por exemplo, andar em fila de mãos dadas por baixo da perna, encostando em seus órgãos genitais e nas nádegas do outro; ficar pedindo dinheiro na rua todo sujo de tinta; comer sem garfo e parar de almoçar quando os veteranos decidissem, além de ter que carregar as suas bandejas; ouvir gritos e xingos; passar tinta em si mesmo etc. A violência é percebida somente quando causa lesões físicas ou chega ao extremo da morte, já os traumas não são perceptíveis, por isso, não são diagnosticados. É interessante observar que ela diz que os traumas psicológicos serão descarregados no outro como uma vingança, sem perceber que este mecanismo ocorre em qualquer trote. No seu raciocínio ela não percebe que estas atividades que causam traumas são aquelas que anualmente se repetem no início do ano letivo.

A intervenção da universidade no trote ocorreu em vários momentos da história do trote, normalmente esta atenção era despertada quando algum abuso trágico ocorria e era levada ao conhecimento público. Houve várias campanhas moralizantes para tentar amenizar a violência no trote, mas quando ele era proibido – como na década de 1960 – nos campus, passava a existir clandestinamente e com maior agressividade. A discussão sobre o assunto aparece nos meios de comunicação somente quando um caso grave ocorre, provocando alguma ação, como a promulgação da lei de 1999, que proíbe a aplicação do trote nas universidades do Estado de São Paulo, desencadeada pela morte do calouro de medicina na USP, no início do mesmo ano. Casos trágicos como esse perturbam a sociedade no momento em que são apresentados, mas logo são sufocados pelo montante de novas tragédias que diariamente nos são apresentadas, não chegando a reflexão sobre o assunto capaz de mobilizar em favor de uma mudança.

4.2.7 – Trote solidário

Perguntamos a opinião dos entrevistados sobre a substituição do trote violento em decorrência do incentivo ao trote solidário, o que consideram como sendo trote violento e o que pensam do trote solidário.

Os três calouros disseram que não participaram do trote solidário. Os alunos (C1, C3 e V3) consideram interessante e válida a substituição, porque o trote solidário vem ao encontro da idéia de cidadania, ao prestar de contas do aluno com o público, com a população que paga a universidade em que ele vai estudar.

Acho super válido, acho que deveria extinguir qualquer tipo de trote violento, tanto cortar o cabelo que pode machucar ou que causa constrangimento, porque o trote violento não é só agressão física pode causar constrangimento também, e a partir do momento que todos saem em busca de uma ação beneficente fica mais fácil de ter uma integração entre todos. (C3)

Podemos perceber nessa resposta uma certa conscientização da caloura de que o trote violento não se resume em agressões físicas, mas, também, as atividades que causam constrangimentos, como o corte de cabelo. No entanto, em outra pergunta, a caloura disse que suas expectativas com relação à forma como seria recebida foram correspondidas porque não houve trote violento, foram mais atividades de conversa. Assim é confuso dizer que essa caloura é consciente sobre o que sejam atividades que promovam o constrangimento, já que não considerou o pedágio, a pintura, as humilhações verbais, como violentas. Observa-se que as atividades realizadas com ela, lhe proporcionaram uma satisfação, uma realização enquanto caloura que impossibilita a percepção da violência que está por trás destas “brincadeiras”. A exibição à sociedade em geral por meio do pedágio e à comunidade universitária como um todo, propiciam um “prazer” que impede que haja uma reflexão sobre o que está ao seu redor, como argumentou a caloura (2).

É que eu não acho que o trote seja violento, porque eu acho que se eu estou num lugar e eu estou achando que o trote vai ficar violento, se estou achando que eles estão passando dos limites, eu saio, como por exemplo, eu estava no pedágio, eu já estava cansada, eu não queria mais ficar, peguei e fui embora, [...] eu não acho que ele seja violento, por isso, eu não tenho opinião.

A veterana (1) considera que deve haver a extinção do trote violento, definido como o forçar uma pessoa a fazer o que ela não queira causando o constrangimento, porque considera necessária uma aceitação da pessoa do jeito que ela é. Para essa aluna, a imposição ao calouro serve para o veterano mostrar a sua superioridade. “Acho que deve ser extinto mesmo o trote violento, eu acho que os nossos trotes devem ser todos feitos com alegria, visando a amizade e a integração no nosso grupo.”

A veterana (2) define o trote violento como sendo aquele que abusa do calouro e o força a fazer algo contra a sua vontade, além das brincadeiras de mau gosto, em que a pessoa se senti envergonhada e acanhada (características das atividades desenvolvidas no trote da Química). No entanto, quando perguntamos sobre a extinção do trote violento pelo solidário, ela responde:

O trote violento não tem que existir mesmo, o trote solidário, pelo menos aqui na Federal, é só você arrecadar alimentos e entregar, você acaba não conhecendo muita gente. Acho que tem que ter o trote sim, o trote de integração, que é o churrasco, pintar a cara, essas coisas todas que tentam integrar, mas acho que o trote violento não deve existir.

É interessante que anteriormente a aluna havia caracterizado o trote violento como atividades constrangedoras e humilhantes e, logo em seguida, diz que as atividades tradicionais devem continuar, porque fazem parte do trote de integração, já que o trote solidário não cumpre essa função. A possível dificuldade de integração no trote solidário ocorre porque a maioria dos alunos não participam dessa atividade, pois não a consideram como parte da integração, além de sempre ser programada para os últimos dias da semana.

A veterana (4) considera perfeita a extinção do trote violento caracterizado como sendo aquele que agride a pessoa. Sua resposta é muito interessante, porque exemplifica de uma maneira explícita a violência.

O trote é violento a partir do momento que você de alguma forma agride a pessoa, e eu acho que a agressão é muito subjetiva, por

exemplo, eu acho que enfiar o dedo dentro do meu ouvido é uma agressão, tem outros que acham que não.

Em seguida perguntamos se esta agressão havia ocorrido com ela.

Comigo ocorreu, mas foi na brincadeira, mas eu me senti agredida. Na hora assim, tudo bem, você está no clima, você diz: *Não, tudo bem, calma é trote vai, tudo bem eu vou tolerar*, mas no momento eu me senti agredida, eu não gostei.

A violência aparece na forma de brincadeira e por estar envolvida por um discurso de que é um ritual e faz parte da tradição, é aceita como normal e natural. Através desse discurso de camuflagem da violência, fica difícil de ser percebida e, cada vez mais se torna rotineira e suportável no convívio social. Esta veterana chega a idéia de que estas brincadeiras realizadas no seu curso, fazem parte do trote violento, mas em outras questões, defende a perpetuação e a participação dos calouros nas atividades tradicionais.

4.2.8 – Relacionamento professor/aluno

As questões sobre o relacionamento professor/aluno foram discutidas somente com as veteranas, já que os calouros ainda não tinham tido tempo para conhecer os professores a ponto de opinarem sobre o assunto.

As veteranas (2, 3 e 4) afirmam que não existe nenhuma relação do comportamento do professor com a atitude agressiva do veterano no trote. As justificativas variam, ou porque o semestre é curto e são muitos professores ou devido a um bom relacionamento com os professores, não os vendo como autoritários. Porém, a veterana (2) em outra pergunta percebe o processo sadomasoquista presente nas atividades do trote:

[...] isso vai muito de cada um e vai muito também do trote que fizeram com você, porque se judiaram de você, você vai querer judiar, senão judiaram de você, você vai fazer tudo numa boa, tudo tranquilo.

Nessa resposta percebe-se uma associação do processo sadomasoquista no trote restrito ao sofrimento do calouro e o seu recalque nas atividades, não havendo nenhuma influência do possível sadismo pedagógico vivenciado nos cursos.

A veterana (1) discorda dessa opinião e diz que talvez possa existir sim uma influência dos professores no comportamento dos veteranos. Ela percebe uma postura autoritária dos professores.

[...] existe professores com mentalidade de veterano, tipo eu sou o melhor, você não é nada [...] Conheci poucos professores que eram bons mesmo, então professor bom pra mim é aquele que não se coloca num nível superior a você, trata você como ser humano, tenta ajudar você nas suas dificuldades, [...] É aquela pessoa que está disposta a te explicar, ao contrário do que as pessoas pensam que professor bom é aquele que dá matéria fácil, dá coisinha mastigada, eu já sou contra, eu acho que professor bom é aquele que te faz pensar por você mesmo, não passa as idéias dele para você seguir, é um professor que te faz pensar [...] que não tenta ser superior e se você tem dificuldade não te deixa constrangido, às vezes acontece de você ir mal numa prova e em vez do professor te ajudar ele acaba piorando a situação e realmente não te ajudando, até te excluindo das atividades.

A idéia de que é possível uma identificação do professor como aluno foi observada por Adorno em seu artigo *Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos*¹⁸⁰, quando argumenta que fatores externos influenciam na formação do indivíduo num professor, e essa influência de circunstâncias exteriores na índole das pessoas ocorre também com os alunos.

Freqüentemente, pode-se identificar o professor com o tipo no qual ele se confronta, ou seja, o professor tipo “aluno”, assim como também pode-se observar o aluno tipo “professor”. Ora, facilmente desvanecem-se as diferenças psíquicas das relações entre ambos através da hegemonia dos fatores externos que se fazem presentes.

¹⁸⁰ ADORNO, T.W. **Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos**. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin. UFSCar: publicação interna, 2002.

A veterana (1) demonstra perceber uma atitude sádica na postura de seus professores que procuram afirmar sua superioridade por meio de uma soberba intelectual, quando o professor enfatiza no seu relacionamento com o aluno que lhe é superior na idade, na maturidade e no conhecimento que possui, considerando-o inferior, tratando-o como alguém desprezível. Este processo é assimilado pelo aluno que não pode reagir imediatamente, mas logo uma oportunidade apareça, ele poderá liberar sua revolta. Anna Freud define este processo, de identificação com o agressor, observado nos trotes e em relacionamentos educativos baseados na autoridade e severidade.

Segundo a veterana há vários professores no curso de Química que não gostam de lecionar, demonstrando um interesse apenas pela pesquisa. Isso nos remete as idéias de Adorno sobre os tabus em relação ao magistério, do preconceito em ensinar porque não traz prestígio, nem fama, ao contrário das publicações e apresentações de seus trabalhos, de suas pesquisas. A tendência exibicionista característica do contexto social, aparece também nessa afirmação da veterana de que muitos professores não gostam de dar aulas, querem se dedicar as pesquisas, porque ficam conhecidos e se destacam na comunidade intelectual, fato importante para a sobrevivência de sua imagem enquanto cientista respeitável, além de lhe trazer vários privilégios (dinheiro, reconhecimento, ser chamado para palestras, congressos e outros).

A caloura considera que possa haver uma relação do comportamento dos veteranos nas atividades de integração como reflexo do comportamento dos professores com seus alunos.

Poderia até ser uma forma de desabafo, como acontece isso constantemente com a gente, de professores se posicionarem assim dessa forma, alguns (são a maioria) então é como se fosse um desabafo, pode até ter relação, tipo fizeram comigo agora quero fazer com você, pode ter uma relação, mas eu nunca agi dessa forma até mesmo porque eu sou contra, mas realmente eu devo confessar que tem alguns veteranos. É como a relação pai e filho, o filho acaba seguindo o exemplo do pai, se o pai é violento, ele acaba sendo violento, então se você aprende isso na universidade, você acaba passando isso para os seus “bixos”.

Essa resposta demonstra como o mecanismo sadomasoquista presente no relacionamento do professor com o aluno será refletido na forma como o veterano agirá com seus calouros. A veterana consegue perceber um contexto mais amplo em que esse processo pode ser observado, como na família. Podemos acrescentar a este raciocínio, a sociedade mais ampla que é refletida em todos os setores sociais, já que a família, a universidade e o trote estão inseridos nessa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados obtidos por meio dos questionários e entrevistas e tendo em mente as observações realizadas nas semanas da matrícula e da Calourada, podemos afirmar a existência de um processo psicossocial sadomasoquista presente nas atividades de integração do curso de Química na UFSCar.

Nas atividades do trote universitário é possível observar o contexto social mais amplo. A dominação da indústria cultural transforma a sociedade em espetáculos e define novos valores sociais, como o narcisismo e o exibicionismo, em que o sujeito é violentado de forma sádica e masoquista, no seu processo de adaptação ou resignação e acomodação a essa estrutura da sociedade.

Por meio do narcisismo, característico das condições impostas à sociedade atual, há o reforço de um individualismo burguês e, portanto, de mecanismos de poder. Neste narcisismo é possível verificar atos de exibicionismo – como o pintar o outro – numa descarga de uma série de raiva, de necessidades, de projeções que o anonimato desse tipo de organização social rouba das pessoas. No contexto do trote, é possível aumentar a dose de revolta e aproveitar-se do momento para massacrar o outro.

O trote é um rito de passagem aceito socialmente e esperado pelos estudantes que sonham em ser um universitário, em fazer parte desse grupo importante da sociedade. Como uma forma de exibicionismo, esta tradição camufla uma violência sutil por meio de suas atividades, disfarçadas pelo discurso de serem “brincadeiras” inofensivas.

A violência está cotidianamente presente, pois ela reflete o clima cultural vigente. Sua ação só é percebida pela sociedade quando se apresenta explicitamente, tornando-se notícia nos meios de comunicação. Mesmo assim, muitas vezes se mostra necessária ou como uma consequência natural – como o trote universitário, que é visto como uma consequência natural da passagem no vestibular. Como diariamente novos casos violentos são apresentados, muitas vezes não são refletidos devido à falta tempo à reflexão. O trote universitário já demonstrou à sociedade, em vários momentos, a violência explícita de suas atividades. No

entanto, a violência sutil que está presente em suas “brincadeiras” não é percebida e identificada como tal.

Verificamos a importância do trote para os alunos, justificada pela necessidade de integração dos calouros com os veteranos e a universidade. Esta integração ao grupo já existente se impõe por meio das atividades tradicionais (pedágio na cidade, a pintura do corpo, corte de cabelo, gritos e xingos, caminhadas pelo campus sobre os mandos dos veteranos, almoço sem garfo, gincanas e churrascos) e o trote solidário (a arrecadação de alimentos e roupas para distribuição às instituições carentes da cidade). Fazer parte do grupo e ser reconhecido como um membro, é muito importante para o calouro. Esta necessidade de exibição é verificada pela alegria do calouro em participar de tais atividades. Portar os símbolos do trote permite mostrar à sociedade o seu diferencial – ser um estudante de uma universidade conceituada e respeitada socialmente – que valoriza a sua imagem e a de seus familiares.

A integração no grupo já existente se impõe por meio da aceitação das atividades que são realizadas. A distinção entre veteranos e calouros só é amainada quando um grupo rival – o da Física – aparece. A rivalidade entre estes cursos é um exemplo do fenômeno definido por Freud de *narcisismo das pequenas diferenças*, em que as igualdades entre os cursos precisam ser negadas para que haja a afirmação da distinção e a conservação do grupo. Nesse momento, o veterano da Química adota seus calouros e se coloca na posição de igual, para que o seu grupo se fortaleça e possa mostrar a sua força ao outro.

Pudemos perceber as mudanças de comportamento dos alunos quando estão no grupo: o calouro se deixa levar pelas ordens dos veteranos, aceitando tudo que lhe é imposto; os veteranos se esquecem de sua condição de estudantes civilizados e perdem o senso de responsabilidade. Isso ocorre porque no grupo o indivíduo assume características diferentes de quando está só. Também o trote é o momento em que o veterano tem a oportunidade de deixar aflorar todo o sofrimento e humilhação que precisou recalcar enquanto calouro. Por isso, identificamos no trote um caráter sádico, porque o veterano se diverte com o sofrimento que provoca no calouro e desfruta a alegria em liberar o sofrimento que foi recalçado, e masoquista porque o calouro demonstra alegria ao participar das atividades, além de adquirir o direito de desforra no ano seguinte.

Na UFSCar é clara a idéia de proibição do trote violento e as punições aos possíveis incidentes são previstas pela reitoria, sendo que qualquer calouro pode reclamar das atividades que se sinta constrangido ou humilhado. No entanto, as atividades tradicionais não são percebidas como violentas pela universidade nem pelos alunos, já que não há a identificação do mecanismo sadomasoquista presente nestas “brincadeiras”.

A universidade planeja a Semana da Calourada na tentativa de organizar o trote, proporcionando uma liberdade aos Centros Acadêmicos em determinados períodos da programação. No final da Semana é realizado o trote solidário, mas são poucos os alunos que participam desta atividade, para se ter uma idéia, de todos os veteranos e calouros do curso de Química, apenas duas calouras participaram. Constatamos uma incoerência no discurso com a prática dos alunos, já que todos consideram muito importante o trote solidário, porque ajuda as pessoas carentes e demonstra uma atitude humana dos universitários. No entanto, eles não participam desta atividade. Isso ocorre porque o trote solidário é uma atividade percebida pela sociedade como politicamente correta, esperada de alunos que estudam numa universidade pública, mantida pelos impostos pagos por milhões de pessoas que nem sempre podem ter seus filhos usufruindo de tais direitos. Os alunos não percebem o trote solidário como uma atividade de integração, o que o torna apenas uma atividade para ser mostrada à sociedade.

O trote solidário é a defesa dos princípios e pode ser considerado um espetáculo, percebido como algo socialmente bom. Ele dificulta a reflexão sobre as atividades tradicionais, pois aparece como uma solução ao trote violento e camufla a existência das demais atividades, passando a ser o slogan do trote universitário, uma fachada para a perpetuação e justificação das atividades tradicionais. Todavia, a própria denominação trote solidário carrega toda a tradição referente ao termo, não se tornando a alternativa ideal à superação do mecanismo que está por trás do trote.

Os alunos não aceitam a substituição das atividades tradicionais pelo trote solidário, justificando que as primeiras fazem parte da tradição e que devem continuar paralelamente ao solidário. Quando há uma aceitação da substituição das atividades, percebemos que a idéia de trote violento não inclui as atividades que são realizadas pelos veteranos, mesmo sendo caracterizado como aquele que propicia o

constrangimento e a humilhação ao calouro, não há a percepção das atividades tradicionais enquanto tal. Nessas reflexões podemos perceber o quanto as pessoas estão habituadas a conviver com a violência na sociedade, a ponto do calouro não se dar conta da agressividade que sofre ao se submeter as atividades tradicionais, a ponto de sentir prazer em receber os ícones do trote, pois permitirá que seja identificado como vitorioso no vestibular. Portanto, a idéia do trote solidário não elimina a violência e o sadomasoquismo presente nas atividades tradicionais.

Podemos associar a forma como os veteranos agem com os calouros no trote, com a maneira como são tratados por seus professores. Isso foi observado por uma veterana que considerou que o trote poderia ser uma oportunidade de desabafo dos alunos sobre a forma como são tratados por seus professores – como inferiores. Ela argumenta que estes professores que agem dessa forma, demonstram que não gostam de lecionar, pois gostariam de se dedicarem exclusivamente a pesquisa, mas que por exigência da universidade precisam dar aulas, já que faz parte de suas atividades acadêmicas. Assim, é possível identificar uma tendência exibicionista, característica do contexto atual, no comportamento desses professores que querem ser reconhecidos no meio acadêmico e, isso ocorre por meio das publicações de seus trabalhos e projetos e não de suas aulas.

Desse modo, talvez a posição de superioridade do veterano em relação ao calouro possa expressar a forma como os professores dos cursos se relacionam com os alunos, por meio de uma soberba intelectualidade, mostrando-se superiores aos alunos. Essa atitude dos veteranos, também pode ser interpretada como um exemplo do mecanismo identificado por Anna Freud, de identificação com o agressor, quando o aluno recebe uma crítica ou uma agressão, se identifica com o seu agressor (professor) e a devolve no outro, nas atividades de integração, pois no trote há a possibilidade do veterano mandar e humilhar o calouro, o que faz com que se sinta superior.

Nas considerações feitas por uma aluna é possível identificar uma postura autoritária do professor, quando tenta demonstrar aos alunos que é melhor e superior a eles, estabelecendo uma relação autoritária e sem uma aproximação maior com os alunos.

Também pudemos perceber a caracterização do bom professor para os alunos, confirmando as indicações de Adorno sobre a preferência dos alunos

universitários pelo tipo de aula considerada difícil, em que o professor é o centro do processo ensino-aprendizagem, utilizando-se apenas de aula expositiva, se colocando na condição de portador do conhecimento e da verdade¹⁸¹. Uma aluna chegou a caracterizar o bom professor como aquele que sabe cobrar do aluno e admite a existência de professores autoritários em seu curso.

Assim sendo, notamos indícios de uma reprodução no trote da educação que será oferecida aos alunos durante o curso, refletida no comportamento dos veteranos com os calouros, na afirmação de uma autoridade e superioridade dos alunos mais velhos. Contudo, não só essa relação pode ser observada, mas é possível verificar o contexto social mais amplo, que se reflete em todos os setores da sociedade marcada pela autoridade, pelo consentimento, pela diferença social, pelo conformismo, pelo incentivo a um narcisismo e pela violência.

A espetacularização do trote na sociedade faz com que o calouro construa expectativas em relação a esse ritual. Pudemos identificar dois tipos dessa manifestação: alguns calouros demonstraram um certo teor masoquista em suas respostas, pois desejavam participar das atividades tradicionais e achavam que haveria mais violência, sendo que ao considerar a possibilidade de poder dar o trote quando forem veteranos, demonstraram serem sádicos propondo atividades mais violentas e humilhantes comparadas as atividades que participaram. Já outros alunos desejavam conhecer melhor o campus, o departamento, o laboratório, as salas de aula e a biblioteca. Talvez essa expectativa de vários alunos pudesse desencadear uma discussão na universidade e mostrar um possível caminho para novas alternativas de atividades para a recepção dos calouros.

O trote universitário precisa ser debatido na sociedade para que fatos trágicos, como a morte de calouros ou marcas físicas e psicológicas, não voltem a ocorrer. A ameaça existe e não é necessária que se torne real para que possa ser debatida, podemos prevenir que novos acidentes ocorram. Não há dúvidas que as atividades de integração são importantes para os alunos e, por isso, se faz necessário um debate na sociedade em geral e na universidade entre professores e alunos sobre a forma como estão sendo realizadas as atividades de integração. Talvez assim, poderia haver uma tomada de consciência sobre o mecanismo

¹⁸¹ Cf. ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In: _____. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

sadomasoquista presente nessas atividades e desencadear uma reflexão na busca de novas alternativas de recepção dos calouros à vida universitária. É função da educação estar constantemente refletindo para que barbáries não ocorram na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos e capítulos de livros

ADORNO, T.W. A indústria cultural. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática. 1994. p. 92-99.

ADORNO, T.W. A educação contra a barbárie. In: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995. p. 155-168.

ADORNO, T.W. A filosofia e os professores. In: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995. p. 51-74.

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995. p. 119-138.

ADORNO, T.W. Educação – para quê? In: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995. p.139-154.

ADORNO, T.W. Tabus acerca do magistério. In: _____. **Theodor W. Adorno: Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995. p. 97-117.

_____. **Sobre a psicologia das relações entre professores e alunos**. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin. São Carlos: EDUFSCar. 2002. p. 1-10.

ADORNO, T.W. Sobre música popular. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática. 1994. p. 115-146.

ADORNO, T.W. Teoria da Semicultura. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. **Educação & Sociedade**. Campinas: Papirus. Ano XVII. 1996. p. 388-411.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento** – Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

ALMEIDA JÚNIOR, A. **Sob as arcadas**. Rio de Janeiro: MEC/INEP. 1965. 321 p.

CAZENEUVE, J. **Sociologia do rito**. Tradução M.L. Borralho. Porto: Rés-editora. 1957. p.7-33.

COMÊNIO, J. A. **Didáctica magna**. Tradução Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1985. p. 401-465.

CUNHA, L. A. **A universidade temporã – Da Colônia à Era de Vargas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980. 295 p.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997. 237 p.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994. p. 113-135.

FREUD, A. Identificação com o agressor. In.: _____. **O ego e os mecanismos de defesa**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986. p. 93-103.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. Tradução Durval Marcondes. Rio de Janeiro: Imago. 1997. p. 9-61.

_____. **O mal-estar na civilização**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago. 1997. p. 9-112.

FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. In: _____. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago. 1972. p. 81-154.

FREUD, S. Esboço de Psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. XXIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p. 168-191.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p. 81-108.

FREUD, S. Os instintos e vicissitudes. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p. 123-144.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. VII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p. 127-228.

HORKHEIMER, M. **Autoridade e família**. Tradução Manuela R. Sanches e Teresa R. Cadete. Lisboa: editora apáginastantas. 1983. 135 p.

LOUREIRO, M.A.S. (Coord.). **História das universidades**. São Paulo: Estrela Alfa Editora. [s.d.].

MATTOSO, G. **O calvário dos carecas**: história do trote estudantil. São Paulo: EMW editores. 1985. 177 p.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense. 1983. (Coleção Primeiros Passos). 91 p.

PAES, J.P. *Escola*. In: LISBOA, H. **Palavra de poeta: poesia**. São Paulo: Ática. 2001. p. 19. (Coleção literatura em minha casa, v. 1).

ROSA, U.T.A.M. (Ed.) **Enciclopédia brasileira de consultas e pesquisas ilustrada**. São Paulo: Novo Brasil Editora. 1980. 1542 p. v.5.

TÜRCKE, C. Prazeres preliminares – virtualidade – expropriação. Indústria cultural hoje. In: DUARTE, R., FIGUEIREDO, V. (Org.) **As luzes da arte**. Belo Horizonte: Opera Prima. 1999. p. 55-79.

_____. **Sociedade da sensação**: a estetização da luta pela existência. Tradução de Antônio Álvaro Soares Zuin. São Carlos: EDUFSCar. 2002. p. 1-9.

ZUIN, A.A.S. **A educação pela ironia**. São Carlos: EDUFSCar. 1999. p. 1-14.

_____. A indústria cultural e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global. In: ZUIN, A.A.S., PUCCI, B., OLIVEIRA, N.R.de (Org.) **A Educação Danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópoles: Vozes; São Carlos: UFSCar. 1997. p.117-135.

_____. O prazer da indiferença à barbárie: uma análise dos aspectos psicológicos da indústria cultural. **Revista Olhar**, São Carlos, UFSCar, ano 1, n.1, p.74-82, jun. 1999.

_____. **O trote na universidade**: passagem de um rito de iniciação. São Paulo: Cortez. 2002. 118 p.

Documento Jurídico

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 10454, de 20 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a proibição de trote que possa colocar em risco a saúde e a integridade física dos calouros das escolas superiores, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, Poder Executivo, v. 109, 21 dez. 1999. Seção 1, p. 3.

Artigos de jornais

DA FOLHA VALE. Aluna reclama de ferimento em trote. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 08 mar. 2001. Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/fsp/cotidiano/rm080301.htm>>. Acesso em: 28/03/02.

JABOR, A. Suzane, 19 anos, bela e rica, matou por amor. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, 12 nov. 2002. Caderno 2, p. 8.

MARCOVITCH, J. Justiça pode punir quem dá trote violento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 fev.1998. Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/fsp/folhatee/rm230298.htm>>. Acesso em: 28/03/02.

PONTES, F. Rio proíbe trote após denúncia de aluna. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2000. Disponível em:

<<http://www.uol.com.br/fsp/cotidiano/rm220200.htm>>. Acesso em: 28/03/02.

RUIZ, S. Trote tem quase mil anos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 mar. 1999. Folhateen, p.7.

SILVA, M.C. USP proíbe realização de trote em todas as faculdades. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 29 abr. 1999. Disponível em:

<<http://www.unesp.br.trotenuncamais/noticia18htm>> Acesso em: 07/02/00.

ANEXOS

1- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CALOUROS DE 2001 DO CURSO DE QUÍMICA DA UFSCar

Nota introdutória: este questionário é parte integrante de uma pesquisa que objetiva investigar a forma como os calouros universitários são recebidos em seus respectivos cursos após a aprovação nos exames vestibulares. Não há necessidade de identificação. Por favor, responda as questões com atenção e sinceridade. Todos os dados obtidos serão analisados e mantidos sob o mais absoluto sigilo. Caso o espaço para as respostas não seja suficiente, por favor, numere a questão e continue a respondê-la no verso da folha. Muito obrigado pela sua participação.

- 1) Os rendimentos de sua família podem ser classificados na faixa de:
 menos de 1000 reais
 1000 a 2000 reais 2000 a 3000 reais
 mais de 3000 reais

- 2) Antes de ser aprovado no vestibular, você cursou:
 Escola pública Escola particular

- 3) Antes de entrar na universidade, você tinha ou não receio de sofrer algum tipo de violência (física ou psicológica) durante a realização das atividades de recepção na universidade? Se a resposta for afirmativa, procure responder que tipo de violência você tinha receio de sofrer.

- 4) Antes de ser aprovado(a) no exame vestibular para o seu curso, você imaginava a forma como seria recebido(a) pelos veteranos na universidade? Descreva, em poucas palavras, quais eram as suas expectativas referentes a essa recepção, sobretudo que tipo de atividades desejaria ter participado.

5) A sua vontade de participar das atividades de recepção na universidade pode ser classificada como:

grande

regular

pouca

nenhuma

Por favor, procure justificar a sua resposta:

6) Na sua opinião, quais são as características do chamado trote violento?

7) Descreva quais foram as atividades que os veteranos do seu curso prepararam para a recepção de vocês, calouros.

8) Na sua opinião, a forma como os veteranos do seu curso o (a) receberam foi:

muito boa

boa

regular

ruim

Por favor, procure desenvolver um pouco mais a sua resposta:

- 9) A seu ver, as atividades de recepção dos calouros corresponderam às suas expectativas anteriores à entrada na universidade? Por favor, procure desenvolver um pouco mais a sua resposta.
- 10) Atividades tais como pintura da face e dos cabelos, cobrança de “pedágio” nas esquinas da cidade, podem ser classificadas como elementos do trote violento? Por favor, procure justificar sua resposta.
- 11) Na sua opinião, a realização do trote foi relevante para promover a integração entre veteranos e calouros? Por favor, procure desenvolver um pouco mais a sua resposta.
- 12) Na sua opinião, o trote universitário deve ser:
- A) extinto.
 - B) mantido da forma como foi aplicado, pois é uma tradição importante para promover a integração dos veteranos com os calouros.
 - C) mantido, porém modificado.

Se você assinalou a opção C, por favor, desenvolva a sua opinião sobre que tipo de modificações poderiam ser feitas para o próximo ano.

- 13) Nos últimos anos, algumas universidades estão realizando atividades de recepção de calouros tais como doações de sangue em hospitais e de alimentos para pessoas necessitadas, por exemplo. A Universidade Federal de São Carlos organizou atividades como essas neste ano. Você participou das mesmas?

Se você participou de alguma dessas atividades, o fez de livre e espontânea vontade? Se não houvesse esse estímulo da universidade, as faria da mesma forma? Por favor, procure desenvolver um pouco mais a sua resposta.

- 14) Na sua opinião, as atividades de recepção baseadas no recolhimento de alimentos, por exemplo, têm que substituir **qualquer outro tipo de atividade** de recepção dos calouros, tais como a realização de pedágios nas esquinas da cidade e a pintura das faces? Por favor, procure desenvolver um pouco mais a sua resposta.

- 15) No próximo ano você já será veterano. Gostará, então, de participar da aplicação de trotes a novos calouros? O que você deseja fazer com eles no próximo ano? Por favor, procure desenvolver um pouco mais a sua resposta.

2 – ENTREVISTAS

2.1 – CALOUROS DA TURMA DE 2001

▪ Calouro 1:

1) Para você, qual o significado destas atividades de integração?

É um momento importante à integração dos calouros com os veteranos e com a universidade em si.

2) Quais eram suas expectativas sobre a forma como seria recebido na UFSCar?

Bom, a princípio achei que seria mais violento, mas achei tranquilo, interessante e importante para a integração com os veteranos.

3) Você acha que estas atividades devem ser mantidas?

É, num certo ponto sim, porque isso ajuda muito a pessoa a se Integrar a universidade, porque senão tivesse o trote talvez ficaria sem comunicação entre uma turma e outra e a universidade em si.

4) O que você acha das pessoas que se recusam a participarem destas atividades?

Bem, cada pessoa tem sua opinião e essas pessoas simplesmente não se sentem a vontade com o trote e deve ser respeitados os seus valores.

5) Quais são suas expectativas para a aplicação do trote no ano que vem?

Bem, o trote tende a ficar cada vez menos violento, o ano que vem deve ser mantido, mas de uma outra forma, como se diz ... mais branda e que propicia a integração, que é o principal motivo do trote.

6) O que você sentiu depois do trote?

Bem, senti assim, a gente não sente, mas senti como uma forma de estar integrado, ligado ao pessoal, você conhece, o trote serve fundamentalmente para isso.

7) Você considera estas atividades importantes?

Sim, num certo ponto sim, porque propicia a amizade, a comunicação, o entretenimento entre os calouros e os veteranos.

8) O que você acha da intervenção da universidade na aplicação do trote, através do trote solidário? O que você acha disso?

Eu acho importante, porque o trote solidário faz nascer no calouro um espírito de cidadania que é muito importante para uma pessoa que entrou numa universidade fundamentalmente pública.

9) Você participou do trote solidário?

Não, no meu caso não.

10) O que você acha da extinção do trote violento em decorrência do incentivo ao trote solidário?

Acho interessante, porque o trote solidário vem ao encontro da cidadania, ao prestar de conta do calouro com o público, com a população que paga a universidade dele, por ser uma universidade pública.

11) Você acha que há uma relação entre o trote e o vestibular?

Sim, considero que quanto mais difícil o vestibular mais violento é o trote, mas uma relação assim acho que não deve existir, é uma coisa isolada da outro, o vestibular é uma coisa e trote é outra.

▪ **Calouro 2:**

1) Para você, qual o significado estas atividades de integração?

Olha, para mim foi muito importante porque eu sou muito tímida, então quando a gente chegou aqui os veteranos vieram receber a gente, aí vai, conversa com um, conversa com outro, acabei fazendo amigos, e nessa encontra outros “bixos” e acabei fazendo amizades, foi mais tudo na primeira semana e as amizades estão até hoje.

2) Quais eram suas expectativas sobre a forma como seria recebida na universidade?

Ah, eu estava muito empolgada, eu queria muito vir ver o trote, porque eu conhecia muita gente que já tinha passado, e foi muito legal, eu estava muito empolgada pra vir.

3) Você acha que estas atividades devem ser mantidas? Por quê?

Eu acho que sim, porque depois que aconteceu aquele caso daquele acidente, eles meio que não gostam mais do trote, só que eu acho assim, super legal porque até então nunca tinha sido violento, isso aí eu achei que foi um caso isolado, sabe, aqui pelo menos os veteranos quando faziam alguma coisa, “oh, se tiver machucando avisa”, foram muito cuidadosos, foi divertido, se você não quisesse participar você não ia, tem gente que gosta.

4) O que você acha das pessoas que se recusam a participar do trote?

Ah, eu acho assim, elas não tão querendo interagir com os outros, acho assim, pessoas que não topam essas atividades não vão topar as outras também, são pessoas que não gostam desses trabalhos em grupo, não gostam, acham besteira.

5) Quais são suas expectativas para a aplicação do trote no ano que vem?

Eu quero participar, eu quero receber os calouros, pintar eles com tinta, eu quero sim participar.

6) Você vai fazer o mesmo que fizeram com você, ou vai fazer coisas diferentes?

Não, eu vou fazer a mesma coisa, só que eu vou animar mais.

7) O que você sentiu depois do trote?

Ah, foi muito legal, eu “tava” super cansada, porque foi o dia inteiro a gente teve que ir no centro fazer pedágio, eu cheguei morta, mas cheguei muito bem.

8) Você considera essas atividades importantes?

Sim, considero.

9) O que você acha da intervenção da universidade nestas atividades através do trote solidário?

Eu acho válido, como uma atividade paralela sabe, eu acho super válido porque você faz o trote tradicional pra receber, pra divertir, pra diversão e o trote solidário também como uma atividade paralela, quem quiser participar participa do trote solidário pra ajudar.

10) E você participou?

Não.

11) Por quê?

Porque deu o meu dia e quase ninguém ia participar e eu fui embora pra minha cidade.

12) O que você acha da extinção do trote violento em decorrência do incentivo ao trote solidário?

É que eu não acho que o trote seja violento, porque eu acho assim que se eu estou num lugar e eu estou achando que o trote vai ficar violento, se estou achando que eles estão passando do limite, eu saio como por exemplo, eu estava no pedágio, eu já estava cansada, eu não queria mais ficar, peguei e fui embora, deu minha hora eu fui embora, entendeu, eu não acho que ele seja violento, por isso que eu não tenho opinião.

13) E você acha que há uma relação entre o trote e o vestibular?

Ah, mais ou menos, porque tipo assim, tem que eu acho que pode ser é que os vestibulares que são assim os mais difíceis, que são os da Federal, pública, o trote tem fama tal, todo mundo sabe que escola pública tem trote, já os vestibulares que são mais "fáceis", que são os das particulares até então não tinha trote, não tinha muito destas coisas, mas agora tá começando a ter trote nas particulares também; então, acho que acaba não tendo vínculo não.

▪ **Calouro 3:**

1) Para você, o que significou as atividades de integração?

Pra mim foi importante porque eu tive um relacionamento com os veteranos, porque quando eu cheguei não conhecia ninguém, e daí a gente teve umas atividades com os veteranos e pode se integrar melhor.

2) Quais eram suas expectativas sobre a forma como seria recebida na universidade?

Acho que eu fui correspondida com o que eu pensava, fui muito bem recebida e fiz bastante amizades. Não teve trote violento, foi mais na base da conversa.

3) Você acha que essas atividades devem ser mantidas? Por quê?

Acho que sim, porque é importante para os calouros, a gente chega aqui perdidos e com a ajuda dos veteranos a gente passa a se integrar melhor, conhecer a faculdade, acho isso importante.

4) O que você acha das pessoas que se recusam a participarem do trote?

Acho que cada um foi educado de uma forma, então pode ser que essas pessoas não gostam de se integrar com pessoas novas, preferam ficar num mundo fechado, ou tenham medo, porque a gente ouve falar do trote violento, então pode ser que muitas pessoas chegam aqui com receio de sofrer o trote violento, por isso elas se fecham.

5) Quais são suas expectativas para a aplicação do trote no ano que vem?

Acho que se eu estiver disponível eu quero participar e quero que seja ou como esse ano ou melhor, vou me esforçar para que eu consiga receber bem os calouros que estão chegando.

6) O que você sentiu depois do trote?

Me senti melhor, porque acho que eu me senti mais em casa, fiz mais amizades e me senti bem melhor.

7) O que você acha da intervenção da universidade nessas atividades através do trote solidário?

Eu acho importante porque além da gente se integrar tanto com calouro como veterano, a gente passa a desenvolver uma atividade solidária e isso é importante pra qualquer pessoa.

8) E você participou?

Não, porque eu fui embora pra minha cidade, foi no final de semana e eu fui embora.

9) O que você acha da extinção do trote violento em decorrência do incentivo do trote solidário?

Acho super válido, acho que deveria extinguir qualquer tipo de trote violento, tanto cortar o cabelo que pode machucar ou que causa constrangimento, porque o trote violento não é só agressão física pode causar constrangimento também, e a partir do momento que todos saem em busca de uma ação beneficente fica mais fácil de ter integração entre todos.

10) E você acha que há uma relação entre o trote e o vestibular?

Acho que não.

2.2 – VETERANAS DA TURMA DE 2000

▪ Veterana 1:

1) Para você, o que significam essas atividades de integração dos calouros?

Geralmente as pessoas que são chamadas de nossos “bixos” vem de outras cidades encontram-se aqui no nosso curso sem conhecimento, sem ter amizades, então o trote é justamente para nós conhecermos os nosso “bixos”, deixar que eles também nos conheça, e então é mais para integração do grupo, pra gente não deixar eles sozinhas, porque tem muitas pessoas que não sabem para onde vão morar, aonde tem que ir, em que parte do departamento, onde você pode conseguir as coisas, o trote é mais para você conhecer, como uma festa de apresentação

mesmo, só que pro lado mais da diversão, é justamente para quebrar o gelo, porque tem muitos “bixos” que são tímidos, então a gente faz isso justamente para animar as pessoas, para deixá-las mais a vontade, pelo menos a gente sempre procurou isso, e ensina a eles os lugares aqui da cidade, se você precisar de alguma coisa, aonde você tem que ir.

2) Qual a sensação de participar dessas atividades?

Quando eu cheguei aqui eu passei muita dificuldade e justamente por ser veterana eu sempre tento passar, tento fazer com que as pessoas não passem pelo que passei, porque quando eu fui “bixo” eu não participei de todos os trotes, de tudo e por conta disso, deixei de conhecer bastante pessoas e passei por dificuldades, só com o tempo, depois de mais ou menos um ano é que eu fui conhecendo as pessoas e fazendo as amizades que eu tenho até hoje.

3) Você acha então, que essas atividades são importantes?

Acho muito importante, porque a gente não força ninguém a nada, os “bixos” que geralmente não participam eles acabam meio que se isolando, foi o que aconteceu comigo, eu só conheci o pessoal mais velho depois de mais ou menos um ano que foi quando eu comecei a fazer matérias com eles, eu acho muito importante porque realmente você conhece as pessoas e se você precisar de ajuda, você sabe com quem contar, se você precisar de um livro pra ajudar numa matéria, se você tiver um professor você sabe que os veteranos podem ajudar.

4) Então, enquanto caloura você participou só de algumas atividades?

É, eu não participei de todas, de todas não.

5) O que você acha das pessoas que não participam, que não aceitam essas “brincadeiras”?

Olha, é um direito delas, realmente essas pessoas ou são muito tímidas ou no meu caso, eu era noiva na época, então o meu noivo não gostava muito a gente tinha que assimilar, eu fui em alguns, eu participei da arrecadação de dinheiro, fui em algumas festas, mas não fui em todas. Bem, a gente respeita, eu procuro não julgar as pessoas, mas enfim, eu só acho que essas pessoas perdem a

oportunidade de entrar dentro do nosso convívio mais rápido, a gente acaba entrando, acaba conhecendo, fazendo amizades, mas só que as pessoas que não participam, elas fazem amizades mais tarde.

6) Como você se sentiu após essas atividades?

Eu me senti muito bem, porque por você conhecer várias pessoas, você também aprende várias coisas, porque são pessoas de cidades que você nunca imagina, cultura nova são pessoas com experiências diferentes de você, então você aprende muitas coisas com elas e quanto mais amizade melhor; a gente na Química pelo menos procura fazer amizade com todo mundo, então eu me senti assim muito alegre e as amizades ficaram até hoje.

7) Então, você acha que é preciso existir essas atividades? Por quê?

Eu realmente acho que precisa ocorrer essas atividades justamente pra integrar as pessoas que não tem amigos aqui, pessoas que são sozinhas, a família está distante. Eu acho que esse tipo de evento ajuda essas pessoas que acabaram de entrar na universidade, as vezes não porque você é tímido, mas não teve a oportunidade de estar com aquela pessoa e conhecer aquela pessoa, então é uma oportunidade que você cria pra você conhecer todas as pessoas de uma vez só e deixar-se ser reconhecido.

8) O que você acha da intervenção da universidade na execução ou não dos trotes?

Olha depende do tipo de trote, o trote solidário eu acho que é uma atividade que visa a caridade, então eu acho que isso é muito importante, porque além de você estar se ajudando, você vai estar ajudando pessoas que precisam de ajuda realmente, financeira ou alimentícia, esse tipo de coisa, eu acho que esse trote é muito saudável, agora já o trote com violência, que ocorreu alguns anos atrás, não aqui na universidade, mas em outras universidades (eu não vou citar) eu acho que realmente a universidade deve intervir, porque violência não combina com o nosso propósito, que é de conhecer e ajudar as pessoas, eu acho que realmente a universidade deve intervir nesses trotes mais violentos, que você deixa constrangida as pessoas, as pessoas são passadas por humilhações, isso acarreta vários

traumas psicológicos e esses traumas podem vir a fazer com que essa pessoa se vingue da outra.

9) Você estava falando do trote violento, você acha então, que o trote violento é o constrangimento?

É, é você forçar uma pessoa a beber, a nadar, isso eu acho que é violento, porque vai contra ao que a pessoa quer fazer ou o que a pessoa acha legal fazer, isso eu acho que é o constrangimento sim, estar forçando uma pessoa, enfim, eu acho isso violência.

10) O que você acha da extinção do chamado trote violento (as atividades que a gente tem) em decorrência do incentivo ao trote solidário? Você acha que deve ter a extinção?

Eu acho que deve extinguir sim porque você tem que aceitar a pessoa do jeito que ela é, você não pode forçar ninguém a fazer nada, até porque eu acho que esse trote violento é só uma imposição do tipo – “oh, eu sou veterano, eu sou superior, você não é nada, você faz o que eu quiser, você é meu escravo” – não é assim, todos nós somos iguais e a gente tem que tratar a pessoa como pessoa, não é porque é nosso “bixo” que a gente vai fazer ele passar por tudo aquilo que a gente teve que passar. Acho que deve ser extinto mesmo o trote violento, eu acho que os nossos trotes devem ser todos feitos com alegria, visando na amizade e a integração no nosso grupo.

11) Que tipo de trote você sugere?

Então, é justamente o solidário, que a gente arrecada roupas e alimentos para serem doados para entidades, mesmo a arrecadação de dinheiro em farol para fazer a festa pra realmente integrar, porque em festa você tem que ter comeres e beberes. Agora, uma coisa que eu não concordo muito é o exagero de bebida.

12) A pintura você acha que deve continuar?

Ah, eu acho.

13) Aquelas caminhadas do ginásio até os departamentos?

Eu acho, desde que a gente sempre pergunta, pelo menos eu sempre perguntei e sempre se algum “bixo” não quisesse fazer, eu apoiava ele, não deixava constrangido em momento algum e se quiser faz, se não quiser não faz, a gente faz só pra conhecer realmente a universidade, eu acho isso é importante, porque as vezes você não sabe onde fica o departamento de Psicologia, onde fica o AT1, então eu acho que nesse ponto tudo bem, agora a gente sempre pergunta se eles querem participar ou não, e também a gente não fica com cara feia se alguém não quiser fazer, depende da pessoa.

14) Você acha que tem alguma relação dessas atividades com o vestibular?

Você tem essa vontade de quer comemorar a sua entrada na universidade, mesmo porque é muito difícil você entrar numa universidade pública, então é como se você estivesse comemorando, você está partilhando a sua alegria, a sua felicidade com as outras pessoas e tem outras pessoas iguais a você que também querem partilhar, então eu acho que é um momento de comemorar a sua entrada, a sua alegria como um aniversário, um trabalho novo que você realiza, um prêmio, é como se você ganhasse um prêmio, um troféu, você precisa partilhar isso com outras pessoas.

15) Quanto ao professor, qual o tipo de professor você acha que é o melhor?

Olha, eu já tive muito problema com professores, porque existe professores com mentalidade de veterano, tipo eu sou o melhor, você não é nada, eu já tive muitos problemas. Conheci poucos professores que eram bons mesmo, então professor bom pra mim é aquele que não se coloca num nível superior a você, trata você como ser humano, tenta ajudar você nas suas dificuldades, se você não entende a matéria ele vai explica, se você não entende ainda, ele vai continua explicando, é aquela pessoa que está disposta a te explicar, ao contrário do que as pessoas pensam que professor bom é aquele que dá matéria fácil, dá coisinha mastigada, eu já sou contra, eu acho que professor bom é aquele que te faz pensar por você mesmo, não passa as idéias dele para você seguir, é um professor que te faz pensar, você faz e tenta seguir do seu jeito, mas ele tenta corrigir algumas coisinhas, mas cada um tem um jeito de pensar e é isso que faz nós sermos assim

tão diversificados em pesquisa, nesse tipo de coisa, porque se todo mundo pensasse igual ia sair a mesma linha de pesquisa, então professor bom é esse, que te faz pensar, faz você raciocinar, tenta interagir com outras matérias, não somente aquela, não deixa assim unilateral, tipo é só isso, acabou não tem intervenção de mais nenhuma outra matéria, é aquele professor que não tenta ser superior e se você tem dificuldade não te deixa constrangido, as vezes acontece de você ir mal numa prova e em vez do professor te ajudar ele acaba piorando a situação e realmente não te ajudando e até te excluindo das atividades.

16) E tem muito desse tipo de professor?

Ah tem, principalmente na Química, olha vou te contar, não é brincadeira não, os professores não ajudam, são poucos os que realmente gostam de dar aula, são poucos, tem professores lá que gostam somente de pesquisa e quando vai dar aula, dá aquela aula assim desanimada, acaba desanimando os alunos também, é muito difícil, foram poucos os professor que eu tive aula e falei “nossa eu realmente gostei de ter aula com esse professor”, mesmo você reprovando com o professor, você fala: “não esse professor é bom, enfim vou fazer a matéria de novo sem constrangimento.”

17) Você acha que pode ter alguma relação do comportamento dos veteranos nas atividades de integração como reflexo desse comportamento dos professores?

Poderia até ser uma forma de desabafo, como acontece isso constantemente com a gente, de professores se posicionarem assim dessa forma, alguns (são a maioria) então é como se fosse um desabafo, pode até ter relação, tipo fizeram comigo agora quero fazer com você, pode ter uma relação, mas eu nunca agi dessa forma até mesmo porque eu sou contra, mas é realmente, eu devo confessar que tem alguns veteranos, é como a relação pai e filho, o filho acaba seguindo o exemplo do pai, se o pai é violento, ele acaba sendo violento, então se você aprende isso na universidade você acaba passando isso para os seus “bixos”.

▪ **Veterano 2:**

1) Pra você, o que significam essas atividades de integração dos calouros?

Pra mim é um modo dos calouros conhecerem os veteranos e a faculdade onde ele acabou de ingressar.

2) Qual foi a sensação de ter participado dessas atividades?

Foi boa, porque eu conheci a maioria do pessoal e tenho amizade até hoje, eu conheci no dia do trote.

3) Você participou enquanto caloura e veterana?

Participei, sempre participei enquanto veterana e enquanto caloura.

4) Você acha que essas atividades são importantes?

Acho, são muito importantes, a partir do momento que não tem violência, que no meu caso não teve nenhuma.

5) Enquanto caloura você participou de todas as atividades? O que você acha das pessoas que não aceitam essas brincadeiras?

Olha, as brincadeiras que foram as que a gente fez com os calouros e que fizeram comigo, não teve nenhuma brincadeira violenta, desagradável, nada, então acho que é uma bobeira das pessoas não participarem, agora... eu participei de todas.

6) Como você se sentiu após essas atividades?

Senti um pouco mais assim... enturmada. Você chega meio perdido... tudo, aí você já sabe quem que é um, quem que é outro, mais ou menos, aí você fica um pouco mais enturmada.

7) Você acha que é preciso existir essas atividades? Por quê?

Eu acho que é bom sim, porque você vê como que é cada pessoa e acaba conhecendo um pouco de cada um, porque você vai ficar ali durante quatro, cinco anos. Eu acho que tem que existir sim.

8) O que você acha da intervenção da universidade na execução ou não dos trotes?

Desde que seja positiva a faculdade tem que intervir sim, desde que seja para fazer atividades, que seja para dar idéias de atividades, porque se alguma coisa está dando problema, um caso de violência, alguma coisa, eu acho que ela tem que intervir sim.

9) O que é um trote violento pra você?

O trote violento é quando existe um abuso da pessoa, forçar a pessoa a fazer o que ela não quer, fazer brincadeiras de mau gosto que a pessoa se senti envergonhada, que a pessoa se senti acanhada, esses tipos de brincadeiras.

10) O que você acha do trote solidário?

Eu acho que é uma boa forma de ajudar. É outro mundo, você entra, você não vai fazendo mal nenhum a ninguém e ajuda as pessoas que precisam.

11) O que você pensa sobre a extinção do chamado trote violento em decorrência do incentivo ao trote solidário?

O trote violento não tem que existir mesmo, o trote solidário, pelo menos aqui na Federal, é só você arrecadar alimentos e entregar, você acaba não conhecendo muita gente. Acho que tem que ter o trote sim, o trote de integração mesmo, que é o churrasco, pintar a cara essas coisas todas que tentam integrar, mas acho que trote violento não deve existir.

12) Você acha que tem alguma relação do trote com o vestibular?

Não, eu acho que nenhuma, porque o trote é praticamente assim, acabou a fase do vestibular, se for é assim, pra mostrar que acabou aquela fase do vestibular, de ficar em cima de livro, aquela pressão toda, mostrar que você vai ser alguém na vida, você entrou na faculdade, vai atrás do que você quer e vai em frente.

13) Que tipo de professor é o bom pra você?

Professor bom é o que tem didática, incentiva o aluno a estudar e que deixa uma curiosidade para incentivar a pesquisa no aluno, incentiva o aluno a ir atrás de livro, dessas coisas e que dê aula também, não só simplesmente jogue a matéria.

14) Com relação ao relacionamento professor/aluno, o que você acha, que tipo de professor é bom?

Eu acho que o professor não tem que se sentir superior ao aluno, porque ele sabe mais, isso aí todo mundo já sabe, mas ele não tem que se sentir superior, ele pode ter um relacionamento de amizade normal com o aluno e o aluno vai ser respeitado em sala de aula como fora de sala de aula, mas que é bom sempre ter um relacionamento de amizade com o aluno para ter a liberdade de tirar uma dúvida, coisa assim, o professor não pode ser arrogante.

15) Você acha que tem alguma relação das atividades do trote, do posicionamento dos veteranos, com o tipo de aula que ele tem, com o tipo de professor que ele tem?

Não, eu acho que não, isso vai muito de cada um e vai muito também do trote que fizeram com você, porque se judiaram de você, você vai querer judiar, se não judiaram de você, você vai fazer tudo numa boa, tudo tranquilo.

16) O tipo de professor, você tem professor que se impõe, que humilha o aluno, que acha que é melhor, superior?

Já, já tive.

17) Você acha que esse comportamento do professor não reflete no comportamento do aluno?

Não, porque também a gente muda muito de professor, a gente tem um professor a cada seis meses, são vários por semestre, então é complicado você pegar e falar que o professor vai atingir o comportamento do aluno, que se fosse um curso mais intensivo com o professor poderia até atingir, mas no nosso caso aqui na Federal, acho que não.

2.3 – VETERANOS DA TURMA DE 2001

▪ Veterano 1:

1) Para você o que significam essas atividades de integração dos calouros?

Acho que depende... porque você acaba conhecendo... eu vim de fora, você vem de uma cidade desconhecida, é bom pra você se enturmar com as pessoas, fazer novas amizades.

2) Qual foi a sensação de ter participado dessas atividades?

Olha, no começo eu não gostei porque eu não queria ficar aqui, então eu não aproveitei muito as atividades da primeira semana, eu queria mais era ir embora pra minha casa.

3) O que você não gostou nas atividades?

Não, não foi o problema das atividades, foi super tranquilo as atividades, os veteranos foram super legais, era eu que queria ir embora, então eu não aproveitei mesmo, não consegui aproveitar essa semana.

4) Você acha que essas atividades são importantes?

Eu acho que é sim, porque se eu tivesse aproveitado mais, com certeza, é bem legal sim, o pessoal se entrosa bastante. É super importante sim, porque a maioria está longe de casa, longe dos amigos, é importante sim.

5) Enquanto caloura você participou de todas as atividades?

Não, não porque eu fui embora super cedo, fui embora bem no começo da semana, fui pra casa.

6) O que você acha das pessoas que não aceitam essas brincadeiras?

Acho que é um direito de todo mundo, tem gente que não gosta de brincar, então todo mundo tem o direito de falar “não quero participar”, deixar pra lá, deixar passar.

7) O que você sentiu após as atividades?

Cansaço, as atividades que eu participei eu fiquei bem cansada.

8) Que atividades você participou?

Do pedágio, só do pedágio e eu fiquei bem cansada, mas tirando a saudade de casa que eu estava, foi bom.

9) Você acha que é preciso existir essas atividades? Por quê?

Ah, eu acho, pelo mesmo motivo que a gente estava falando, pela integração das pessoas de cidades diferentes.

10) O que você acha da integração da universidade na execução ou não desses trotes?

Importante, porque tem gente que também abusa, tem gente que não sabe... eu acho que tem que ter sim uma autoridade pra controlar os abusos.

11) O que você acha do trote solidário?

Ah, importante porque... a solidariedade agora não sei explicar... mas é importante você ser solidário e aprender lidar com isso, vai se tornando adulto.

12) O que você pensa da extinção do trote violento em decorrência do trote solidário?

Ah, uma boa troca com certeza, com certeza é uma boa troca, não tem nada a ver esse trote violento, sai do objetivo.

13) Você acha que tem alguma relação do trote com o vestibular?

Não, acho que não.

14) Que tipo de professor é o bom para você?

Professor que atrai a atenção dos alunos, professor que sabe cobrar, professor justo.

15) Você acha que há alguma relação do comportamento dos alunos veteranos com o tipo de aula que eles recebem, com o tipo de relação com os professores, alguma relação com o trote?

Acho que não, ah não sei, acho que não.

16) No seu curso tem muito professor autoritário, que se impõe?

Sim, com certeza, bastante que só vale a palavra dele.

17) E o comportamento dos veteranos, o que você acha?

Não, não foi assim.

▪ **Veterana 2:**

1) Pra você o que significam as atividades de integração dos calouros?

Significam uma recepção, a gente tá chegando de fora, não conhece a universidade, não sabe como é o perfil das pessoas que estão na universidade, então é uma forma de você ter contato com isso, eu acredito que o trote tenha essa importância.

2) Qual foi a sensação de participar das atividades?

Olha, eu participei de poucas atividades. Quando eu cheguei na universidade eu participei da recepção no ginásio, teve a apresentação do reitor. Aí, em seguida, os veteranos trouxeram a gente até o departamento pra apresentar o chefe. O chefe também fez uma palestra com a gente de apresentação do departamento. Em seguida, isso foi muito longo, já fomos almoçar e depois do almoço teve o trote no trânsito, que era do pessoal arrecadar dinheiro, eu não fui nesse trote do trânsito, porque eu acho que não é legal, eu acho que já que o pessoal está recebendo a gente, a gente está entrando na universidade, eu acho que devia apresentar a universidade e não fazer a gente arrecadar dinheiro na rua pra tomar cerveja a noite, eu acho, que claro que isso tem que ter também, mas eu acredito que não no dia, no primeiro dia que você chega aqui. Eu ficaria mais feliz se no primeiro dia se a gente tivesse ido, depois do almoço, conhecer o departamento, os laboratórios, até mesmo os professores, alguns não todos porque é impossível, pelo menos alguns

professores que pudessem dar uma idéia mais clara do que é a universidade, porque no meu primeiro semestre eu fiquei muito perdida, eu não sabia onde era nada do departamento, não sabia onde era nada da universidade, das salas de aula, até mesmo como entrar na biblioteca, se no primeiro e no segundo dia tivesse dada ênfase maior a essas coisas, eu acho que eu ia me sentir menos perdida.

3) Você acha que essas atividades são importantes?

O trote, são com certeza, são porque é uma maneira de integrar o pessoal que está chegando com os veteranos. É uma maneira de conhecer melhor, de estar interagindo mesmo para criar uma amizade, é só que a maneira como esse trote é conduzido é que não é legal, como eu disse.

4) Enquanto calouro, você participou de todas as atividades?

Não, não.

5) O que você acha das pessoas que não participam, que não gostam dessas brincadeiras?

Eu acho que você não pode se excluir disso, eu acho que é importante que participe pelo menos de alguma coisa para você ter essa relação com o pessoal que já está aqui, os veteranos, agora, por exemplo, eu não quis participar da brincadeira no trânsito porque eu achei que fugia totalmente do contexto.

6) O que você sentiu após as atividades?

Então, eu senti que não corresponderam, porque como eu já disse, eu tinha essa deficiência de saber o que, no que, onde no departamento, na própria universidade tive deficiência em saber onde era as coisas, então eu acho que não foi muito interessante. Houve a semana do bicho, eu lembro que eu vim para faculdade na segunda-feira, aí eu vim na terça e não tinha ninguém, nada no departamento, na quarta-feira eu fui embora para voltar e começar na outra semana.

7) Você participou aplicando o trote?

Não, não vim, eu preferi ficar mais uma semana em casa.

8) O que você acha da intervenção da universidade na execução ou não dos trotes?

Eu acho interessante a universidade estar participando para conduzir melhor, seria interessante se a universidade fizesse uma intervenção estabelecendo um programa, colocando umas regras, sei lá... no primeiro e no segundo dia que são os mais importantes, que você está mais perdido, que o pessoal fala de deferimento, AT3, AT4, que você não sabe onde que é nada, como eu já disse, o pessoal deveria estar mais solidário nesse sentido, aí depois fazer festa a noite, mas primeiro acredito que deveria suprir essa parte, e a intervenção da universidade nesse sentido seria importante.

9) O que você acha do trote solidário?

Ah, uma ótima iniciativa, ótima, infelizmente eu não participei, infelizmente mesmo, porque eu gostaria de ter participado. Aí também existe esse problema, eu não participei porque eu não sabia como participar. O pessoal que foi pro trânsito pedir dinheiro, algumas pessoas participaram, porque acredito que lá obtiveram maiores informações, mas como eu não fui no trânsito e no outro dia eu vim aqui e não tinha nada, ninguém, eu vim disposta a participar do trote solidário porque eu acho que é uma iniciativa ótima, mas eu não consegui, não deu.

10) O que você pensa da extinção do chamado trote violento em decorrência do incentivo ao trote solidário?

Ah, nossa perfeito, ótimo.

11) O que é o trote violento pra você?

O trote é violento acho que a partir do momento que você de alguma forma agride essa pessoa, e eu acho que a agressão é muito subjetiva, por exemplo, eu acho que enfiar o dedo dentro do meu ouvido é uma agressão, tem outros que acham que não.

12) Ocorreu isso com você?

Comigo ocorreu, ocorreu mas foi na brincadeira, mas eu me senti agredida. Na hora assim, tudo bem, você está no clima, você diz: "Não tudo bem, calma é trote vai, tudo bem vou tolerar", mas no momento eu me senti agredida, eu não gostei.

13) Você acha que tem alguma relação do trote com o vestibular?

Eu acredito que exista uma psicologia nisso, eu enxergo o trote como uma coisa assim: “eu já estou na universidade, os veteranos, e eu não quero que você entre, então, eu quero te ridicularizar, não quero que você entre”. Eu enxergo o trote assim, é uma opinião minha, eu acho que o sentido do trote é de ridicularizar a pessoa que está entrando, porque não quero que ela entre, que a pessoa que está entrando concorra com ela. Eu vejo o trote como sendo isso. Agora eu acho importante no sentido de você aliviar o estresse do vestibular, parece que para você sentir que passou pelo vestibular você precisa do trote, pintar a cara, aquela coisa, gritar, o pessoal fazer você cantar, então eu acho que é tipo um ritual que você passou no vestibular para entrar na universidade, então parece que você precisa passar para ter certeza de que passou na universidade.

14) Quanto a relação professor/aluno, que tipo de professor pra você é bom?

Eu gosto de professores que além da aula em si, ele troque com a gente experiências de vida. A gente teve um professor aqui no departamento, que pra mim foi assim maravilhoso, o perfil dele foi maravilhoso, porque ele dá uma aula maravilhosa e durante a aula, no começo ou no final, ele sempre conversa muito com a gente sobre a postura que a gente deveria ter enquanto profissional, até mesmo na vida pessoal, o que deveria estar fazendo, se programando, uma coisa que ele sempre dizia e que eu acho muito interessante, é que a gente deveria sempre se imaginar daqui a 5 anos ou 8 anos, pra gente ter objetivos na vida e isso eu carrego desde que eu tive aula com ele no 2º semestre, eu carrego até hoje comigo. As aulas com ele além de aprender a Química, eu aprendi também como melhorar como ser humano, eu acho isso muito importante, acredito que se a maioria fosse assim, não se preocupassem tanto com o científico e também com os alunos em si, com as pessoas, eu acho que seria bem melhor.

15) E professor ruim?

Professor ruim eu não acredito que exista, porque eu também vou ser profissional um dia e eu vou ter uma postura, cada profissional tem uma postura, então eu acho que eu vou estar fazendo bem, as outras pessoas podem achar que eu estou sendo ruim, mas eu não acredito que exista professor ruim.

16) E professor autoritário?

Eu posso dizer que não tem, comigo nunca aconteceu, eu não sei se é porque eu tenho essa ótica de observar, geralmente as pessoas da minha turma até reclamam de alguns professores, discutem a respeito disso, porque eu tenho essa opinião, cada profissional tem sua postura e ele sempre vai achar que está fazendo o bem pra você, principalmente na relação professor/aluno que é muito complicada, porque ele está te avaliando então, eu acho que é complicado você dizer: “a esse professor é autoritário, esse professor é ruim”, por causa disso.

17) Você acha que tem alguma relação do comportamento dos veteranos frente aos calouros, algum reflexo do professor enquanto autoritário?

Ah, eu acredito que não, eu acredito que não tem relação nenhuma.